

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

MARILENE LEMOS MATTOS SALLES

**VALORES EM CIRCULAÇÃO:
A GAZETA NA SALA DE AULA**

VITÓRIA
2012

MARILENE LEMOS MATTOS SALLES

**VALORES EM CIRCULAÇÃO:
A GAZETA NA SALA DE AULA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFES como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, na linha de pesquisa “Educação e Linguagens”.

Orientação: Professora Doutora Moema Lúcia Martins Rebouças

VITÓRIA
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Salles, Marilene Lemos Mattos, 1971-

S168v Valores em circulação : A Gazeta na sala de aula / Marilene
Lemos Mattos Salles. – 2012.
160 f. : il.

Orientador: Moema Lúcia Martins Rebouças.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Comunicação. 2. Educação. 3. Semiótica. 4. A Gazeta
(Jornal). I. Rebouças, Moema Martins. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

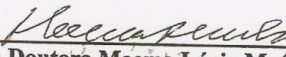
MARILENE LEMOS MATTOS SALLES

**"VALORES EM CIRCULAÇÃO - A GAZETA
NA SALA DE AULA"**

Tese apresentada ao Curso de
Doutorado em Educação do
Centro de Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutor(a)
em Educação.

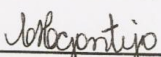
Aprovada em 17 de outubro de 2012

COMISSÃO EXAMINADORA

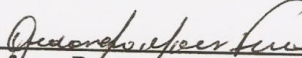


Professora Doutora Moema Lúcia Martins Rebouças
Universidade Federal do Espírito Santo

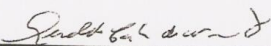
Professora Doutora Cleonara Maria Schwartz
Universidade Federal do Espírito Santo



Professora Doutora Cláudia Maria Mendes Gontijo
Universidade Federal do Espírito Santo



Professor Doutor Giovandro Marcus Ferreira
Universidade Federal da Bahia



Professor Doutor Geraldo Carlos do Nascimento
Universidade Paulista

A meu marido Anderson, amigo e companheiro, que sempre incentivou a minha formação acadêmica e profissional.

A minhas filhas, Luísa e Helena, que apesar da pouca idade souberam compreender o meu isolamento diante dos livros e do computador.

AGRADECIMENTOS

Quando relembro o meu percurso no Doutorado, especialmente nestes últimos meses para a escrita da Tese, percebo que foram muitas pessoas que me ajudaram, torceram, compreenderam e não me deixaram desanimar. Mas, algumas foram muito especiais. Sem elas seria impossível finalizar esta etapa de minha formação acadêmica. A Anderson, meu marido, agradeço pela compreensão, carinho e incentivo, mas, principalmente, por ter sido pai e mãe nas minhas ausências. A Luísa, minha menina, por me aconselhar quando me sentia perdida diante dos livros e das palavras. A Helena, minha pequena, pelos milhões de beijos e abraços para me deixar feliz e iluminar o meus pensamentos. A Moema Lúcia Martins Rebouças, minha maravilhosa orientadora, por esta pesquisa, pela dedicação, paciência e por me fazer acreditar que eu daria conta de vencer os desafios. A Rodrigo Rossoni, meu amigo, pelo incentivo para que eu fizesse a seleção do Doutorado em Educação e pela sua disponibilidade em ajudar sempre que preciso. A Letícia Nassar Mesquita, minha grande amiga, pela sua bondade em ajudar, pelas leituras dos meus textos, pela troca de ideias a qualquer hora do dia e da noite em busca de compreensão teórica; enfim, pela sua presença ao longo destes anos. A minha mãe pela compreensão de sempre. Ao meu pai que me ensina a ser mais tolerante. As minhas irmãs e meu cunhado que estão sempre disponíveis quando preciso de ajuda para cuidar das crianças. Aos amigos da Faesa: Carine Cardoso, Victor Mazzei, Iorrana Pupa, Fabiano Mazzine, Emília Manente, Ana Meneguelli, Paulo Soldatelli, Valmir Matiazzi, Rosalvo Montolvani, Eliete Ribeiro, Débora Ramos e Maitê Cosmi, que possibilitaram que a minha agenda, enquanto coordenadora de curso de Graduação, fosse mais flexível para que eu pudesse estudar. A Juliano Campana, diretor da Faesa, pela colaboração, compreensão e incentivo para que eu concluísse o Doutorado. A Emília Manente agradeço, novamente, pela leitura final do texto. A Alessandra Pattuzzo pela revisão e disponibilidade sempre que preciso. Aos professores Edgard Rebouças, Cleonara Schwartz, Cláudia Maria Gontijo, Giovandro Marcus Ferreira pelos apontamentos feitos nas Qualificações I e II. Ao PPGE-UFES pela oportunidade que tem dado aos comunicadores de desenvolverem pesquisas na área de Educação. A Rede Gazeta que acolheu a minha proposta de pesquisa. A Myriam Pestana que me “apresentou” ao objeto de estudo. À Deus por ter colocado todos estes sujeitos no meu caminho.

Os homens, em seu processo, como sujeitos do conhecimento e não como recebedores de um “conhecimento” de que outro ou outros lhes fazem doação ou lhes prescrevem, vão ganhando a “razão” da realidade. Esta, por sua vez, e por isto mesmo, se lhes vai revelando como um mundo de desafio e possibilidades; de determinismos e de liberdade, de negação e de afirmação de sua humanidade; de permanência e de transformação; de valor e desvalor; de espera, na esperança da busca, e de espera sem esperança, na inação fatalista.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo se insere na Linha de Pesquisa Educação e Linguagens. Trata-se de uma pesquisa na área de Educomunicação, campo que estuda a interface comunicação e educação, com o intuito de analisar o programa A Gazeta na Sala de Aula, da Rede Gazeta, maior empresa de comunicação do Espírito Santo. O Programa, que é vinculado à Associação Nacional dos Jornais, está presente em 348 escolas municipais do Espírito Santo, envolvendo quase 30 mil alunos. O objetivo é identificar a concepção de educação defendida pela empresa de comunicação, por meio de um projeto de cunho pedagógico que tem como proposta a formação de leitores críticos. Para a análise, apoiamos-nos no referencial teórico-metodológico da Semiótica Discursiva e da Sociossemiótica. A partir do percurso gerativo de sentido, buscamos compreender a construção do enunciador de A Gazeta na Sala de Aula enquanto sujeito credível, que leva o enunciatário a confiar no seu *poder-fazer* e *saber-fazer*. Para isso, tomamos como corpus de análise as Oficinas Pedagógicas realizadas pelo Programa no ano de 2011. A pesquisa possibilitou identificar como a Rede Gazeta se apresenta enquanto sujeito competente para a formação de professor e quais valores ela coloca em circulação no espaço escolar.

Palavras chaves: Comunicação. Educação. Semiótica. A Gazeta (jornal)

ABSTRACT

This study is included in Education and Language Research Line. It's related to a research in Educommunication area, a field of study which investigates communication and education interface, for the purpose of analyzing the program *A Gazeta na Sala de Aula* (A Gazeta Newspaper inside the classroom), developed by Gazeta Network, the biggest communication company of Espírito Santo. The Program, which is linked to the Newspapers National Association, takes place in 348 municipal schools of Espírito Santo, involving almost 30 thousand students. The objective is to identify the education concept supported by the communication company, through a project with pedagogic characteristics that aims the formation of critic readers. Concerning the analysis, we based ourselves on the methodological and theoretical referential of Discursive Semiotics and Social Semiotics. From the trajectory that generates meaning, we tried to understand the construction of the talker of "A Gazeta na Sala de Aula" program as a reliable person, who leads the interlocutor to trust in his/her autonomy in developing the tasks and having enough knowledge. For that investigation, we selected as the analysis corpus Pedagogic Workshops put into practice by the Program in 2011. The research allowed us to identify how Gazeta Network presents itself as being qualified to educate teachers and which values this company is diffusing in the scholar space.

Key words: Communication. Education. Semiotics. A Gazeta.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da apostila da Oficina Pedagógica A.....	18
Figura 2 – Capa da apostila da Oficina Pedagógica B.....	18
Figura 3 – Capa da apostila da Oficina Pedagógica C.....	19
Figura 4 – Capa da apostila da Oficina Pedagógica D.....	19
Figura 5 – Capa da primeira edição de A Gazeta.....	53
Figura 6 – Jornal A Gazeta em 1998	56
Figura 7 – Primeira edição de A Gazeta no formato compacto.....	57
Figura 8 – Capas dos jornais A Gazeta (compacto) e A Tribuna (tabloide).....	58
Figura 9 – Capa do Guia do Leitor.....	59
Figura 10 – Recorte da parte inferior da primeira página do Guia do Leitor.....	60
Figura 11 - Foto da capa de lançamento do novo Jornal A Gazeta.....	61
Figura 12 – Carta apresentada no Guia do Leitor.....	62
Figura 13 – Folder de divulgação do Seminário A Gazeta na Sala de Aula.....	68
Figura 14 – Imagem da página principal do site A Gazeta na Sala de Aula.....	70
Figura 15 – INFORME, junho/2011.....	71

Figura 16 - NFORME, setembro/ 2011.....	72
Figura 17 - INFORME, setembro/ 2011.....	73
Figura 18 - INFORME, julho/ 2011.....	73
Figura 19 - Premiação de A Gazeta na Sala de Aula.....	75
Figura 20 – Reportagem a premiação de A Gazeta da Sala de Aula.....	76
Figura 21 – Capa do INFORME sobre a mudança de formato de A Gazeta.....	77
Figura 22 – Organograma do Programa A Gazeta na Sala de Aula.....	82
Figura 23 – Apostila da Oficina B.....	89
Figura 24 – Apostila da Oficina A.....	90
Figura 25 – Serviços da Rede Gazeta. Apostila da Oficina A.....	91
Figura 26 – Anúncio publicitário do portal Gazeta Online. Conteúdo da apostila da Oficina A – Tempo de paz.....	92
Figura 27 – Modelo de Ficha de Planejamento disponibilizado na apostila da Oficina A – Tempo de paz.....	93
Figura 28 - Exemplo de objetivos apontados para as oficinas Pedagógicas.....	94
Figura 29 – Capas das Apostilas A e C.....	98
Figura 30– Capa da apostila da Oficina A.....	100
Figura 31 – Recorte da capa da apostila da Oficina A.....	101

Figura 32 – Capa da apostila da Oficina B.....	103
Figura 33 – Capa da apostila da Oficina C.....	105
Figura 34– Capa da apostila da Oficina D.....	107
Figura 35 - Recorte da capa da apostila da Oficina D.....	108
Figura 36 - recorte da capa da apostila da Oficina D.....	108
Figura 37 - Recorte da capa da apostila da Oficina D.....	109
Figura 38 - Recorte da capa da apostila da Oficina D.....	109
Figura 39 – Imagens dos logos de A Gazeta na Sala de Aula e do Jornal A Gazeta.....	111
Figura 40 – Atividade da apostila da Oficina A.....	119
Figura 41 - Recorte de texto jornalístico sobre casamento - Apostila A.....	121
Figura 42 - Informe novembro/2011.....	124
Figura 43 - – Recortes de atividades propostas na Oficina A.....	133
Figura 44 - Recortes de atividades propostas na Oficina A.....	133
Figura 45 - Questões para reflexão - Apostila A.....	134
Figura 46 - Conteúdo do Jornal A Gazeta na apostila da Oficina A.....	135
Figura 47 - Recortes de atividades propostas na Oficina A.....	136

Figura 48 – Recortes de atividades da apostila da Oficina A.....	137
Figura 49 - Capa do Informe direcionada ao professor.....	138
Figura 50 - Atividade da apostila B.....	141
Figura 51 - Exemplo de prática docente.....	143
Figura 52 - Exemplo de prática docente.....	145
Figura 53 - Sugestão de atividade da produção de A Gazeta na Sala de Aula.....	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação ano e nº de escolas participantes de A Gazeta na Sala de Aula	64
Gráfico 2 - Relação nº de escolas e municípios participantes de A Gazeta na Sala de Aula	65
Gráfico 3 - Relação nº de alunos por município participantes de A Gazeta na Sala de Aula	66
Gráfico 4 - Relação nº de educadores por municípios participantes de A Gazeta na Sala de Aula.....	66
Gráfico 5- Mídias da Rede Gazeta presentes em A Gazeta na Sala de Aula.....	115
Gráfico 6 - Recursos disponíveis nas escolas	129
Gráfico 7 - Mídias utilizadas pelos professores, além do jornal impresso.....	130
Gráfico 8 - Objetivos do uso das mídias nas escolas	131
Gráfico 9 - Relação meios de comunicação e motivação	132

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
CAPÍTULO I	29
1 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO	29
1.1 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ESCOLA	40
1.2 A ESCOLA E O PROGRAMA JORNAL E EDUCAÇÃO	45
CAPÍTULO II	52
2 A GAZETA NA SALA DE AULA: UM OLHAR SEMIOTIZADO	52
2.1 O JORNAL A GAZETA	52
2.2 A GAZETA NA SALA DE AULA	63
CAPÍTULO III	80
3. VALORES EM CIRCULAÇÃO: AS OFICINAS PEDAGÓGICAS E SUAS APOSTILAS	80
3.1 OS ENCONTROS	84
3.2 AS APOSTILAS	87
3.3 PERCURSOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO	95
3.3.1 As capas	97
3.3.2 Assuntos e atividades pedagógicas	112
3.3.2.1 Tempo de Paz	116
CAPÍTULO IV	128
4. CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE UM LEITOR CRÍTICO	128
4.1 A CONSTRUÇÃO DO LEITOR	147
5 CONSIDERAÇÕES	1562
6 REFERÊNCIAS	156

APRESENTAÇÃO

Meu percurso

Comunicação e Educação são duas áreas de conhecimento que permeiam a minha vida ao longo dos últimos treze anos. Enquanto jornalista, passei por assessorias de comunicação, redações de rádio e de televisão. A carreira de jornalista não me levou às redações do jornalismo impresso diário, mas me encaminhou para a Educação.

Na Educação, fui para o Ensino Superior. Lecionei por mais de cinco anos a disciplina Telejornalismo e me deparei com tantas outras relacionadas a diferentes áreas do fazer jornalismo, dentre elas: Redação para Audiovisual, Jornalismo Especializado e Introdução ao Jornalismo; além das disciplinas relacionadas às teorias da comunicação e aos métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.

A televisão sempre me encantou. Ela foi meu objeto de estudo na especialização *latu sensu* e no mestrado, quando estudei os telejornais e as suas organizações textuais, utilizando os fundamentos da Semiótica Discursiva. No doutorado, continuei pelos mesmos caminhos teóricos e metodológicos, mas busquei ampliar o olhar de jornalista e de educadora e fui em busca de uma maior compreensão da inter-relação destas duas áreas: Comunicação e Educação. Encontrei-me com a Educomunicação. Um encontro que resultou nesta pesquisa de Doutorado em Educação.

Apresento um estudo do programa A Gazeta na Sala de Aula, da Rede Gazeta¹, maior grupo de comunicação atuante no Espírito Santo. Apesar de o nome do

¹ A Rede Gazeta produz dois jornais de circulação em todo o Estado do Espírito Santo, emissoras de televisão, rádio e internet. O jornal A Gazeta começou a circular em 1928. A televisão foi o segundo veículo e iniciou as atividades em 1976. Desde aquela época, é afiliada da Rede Globo. Em 1979, é a vez do rádio. Entra no ar a Rádio Gazeta FM. Quatro anos depois, surge a Rádio Gazeta AM. Em 1988, outra emissora de televisão é inaugurada. Desta vez, no sul do Estado – TV Cachoeiro, que mais tarde passa a ser chamada de TV Gazeta Sul. Em 1997, o norte do Estado também passa a ter uma emissora da TV Gazeta. Em 1996, a empresa inicia as atividades de jornalismo online, através do portal Gazeta On Line. Neste mesmo ano, também entra no ar a CBN Vitória. O outro veículo

programa remeter a um dos jornais diários – A Gazeta –, ele contempla todos os veículos que compõem a empresa, mas prioriza o jornal A Gazeta. É conduzido pela Gerência de Comunicação Empresarial da Rede Gazeta, por intermédio do Instituto Carlos Lindenberg, que abriga os projetos de responsabilidade social da Rede. A Gazeta na Sala de Aula é o projeto social mais antigo da empresa, sendo implantado em 1995.

A Gazeta na Sala de Aula segue as diretrizes do Programa Jornal e Educação (PJE), mantido pela Associação Nacional dos Jornais (ANJ) que tem como proposta desenvolver projetos de Mídia e Educação que possam contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes através do incentivo à leitura. No Espírito Santo, três programas de jornal e educação são mantidos por jornais associados à ANJ, mas A Gazeta na Sala de Aula é o único que mantém ações com regularidade para o uso dos meios de comunicação no espaço escolar.

A delimitação do objeto de pesquisa, justificativa e hipótese

O interesse em pesquisar um programa de Mídia e Educação surgiu quando uma colega, em uma das aulas do doutorado, mostrou-me uma apostila elaborada pela Rede Gazeta para ser trabalhada com professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental. A capa da apostila trazia como título “**Alice no país das maravilhas**”, e apontava a dúvida “**por qual caminho seguir?**”.

Em atendimento à capa, nas páginas da apostila, estava o caminho de como usar as informações veiculadas pelas mídias da Rede Gazeta em sala de aula. O material nos fez questionar qual ou quais são os caminhos propostos pela Rede Gazeta para a interface comunicação e educação; ou seja, qual a proposta que a empresa faz de abordagem e uso dos meios de comunicação no espaço escolar. Para isso, pesquisamos o programa A Gazeta na Sala de Aula, a partir da análise das apostilas

elaboradas pela Rede Gazeta para trabalhar com monitores² e professores ao longo do ano de 2011, assim como as oficinas realizadas com os monitores.

São quatro apostilas compostas por recortes de jornais, indicações de links para acesso às páginas dos produtos da Rede Gazeta disponibilizados na internet e também com orientações para o professor de como o material pode ser trabalhado em sala de aula. Quanto às oficinas, elas aconteceram na sede da Rede Gazeta, em Vitória, nos meses de março, maio, agosto e setembro de 2011.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a concepção de educação que permeia o programa A Gazeta na Sala de Aula, da Rede Gazeta, e, como corpus de análise, as Oficinas Pedagógicas do programa e as apostilas referentes às mesmas, durante o ano de 2011. O corpus de análise é constituído por quatro oficinas e suas respectivas apostilas³.

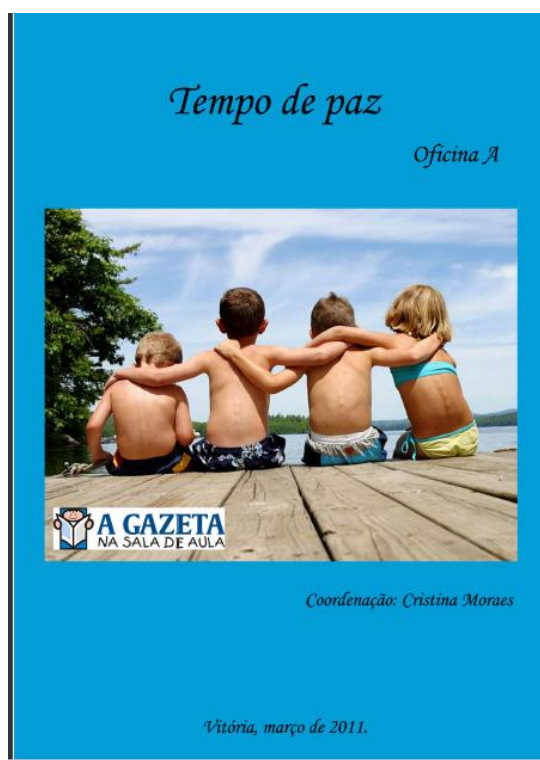


FIGURA 1 – Capa da apostila da Oficina Pedagógica A
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula, ano 2011

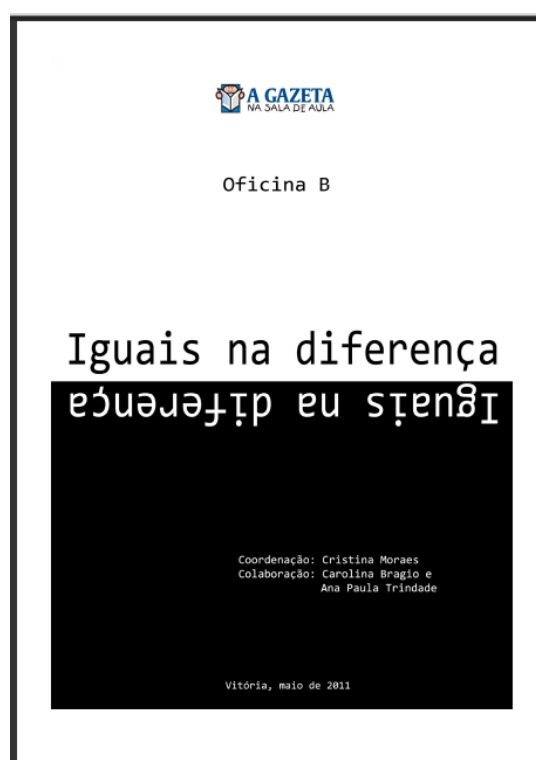


FIGURA 2 – Capa da apostila da Oficina Pedagógica B
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula, ano 2011

² Os monitores são representantes dos municípios do Espírito Santo na área de Educação.

³ Denominamos este material de apostilas, mas ele é identificado como Oficina A, Oficina B, Oficina C e Oficina D. A diferenciação entre apostila e oficina é necessária nesta pesquisa para melhor identificação de quais são os momentos presenciais – encontro entre monitores e equipe de A Gazeta na Sala de Aula e o material sistematizado – as apostilas.



FIGURA 3 – Capa da apostila da Oficina Pedagógica C
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula, ano 2011

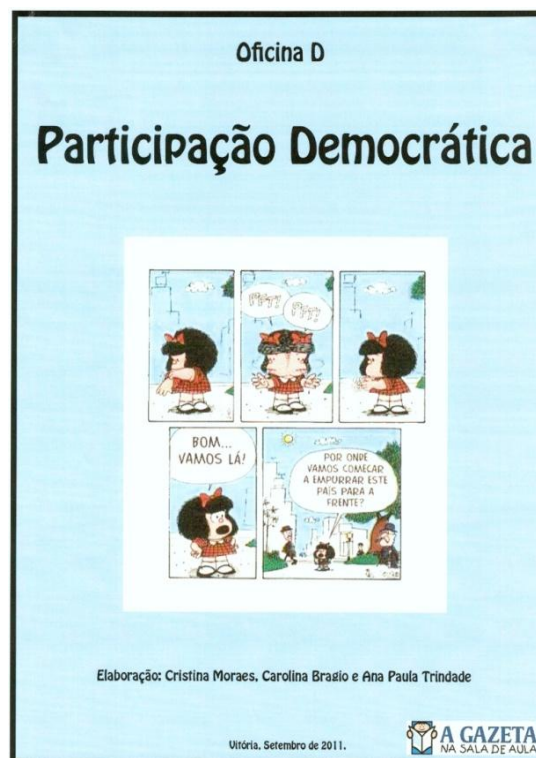


FIGURA 4 – Capa da apostila da Oficina Pedagógica D
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula, ano 2011

O objetivo das oficinas pedagógicas é mostrar como os produtos jornalísticos podem ser usados em sala de aula. É “[...] discutir temas educacionais e sistematizar a utilização da informação veiculada por diferentes veículos de comunicação como ferramenta de trabalho, com foco na leitura crítica e na formação para a cidadania” (A GAZETA EM SALA DE AULA Disponível em: <<http://www.agazetanasaladeaula.com.br>>. Acesso em: 21 jun. 2012). Esta sistematização é realizada através das apostilas que são entregues aos monitores dos municípios durante as oficinas. “A ideia é fazer com que o professor, ao olhar o jornal, perceba as possibilidades de trabalhar com os alunos”, explica Cristina Moraes⁴.

Ao analisar o material para identificar a concepção de educação, algumas questões nos acompanharam, tais como: Quais são os saberes, fazeres e poderes presentes? Quais valores sociais estão presentes em A Gazeta na Sala de Aula? Como a Rede Gazeta se apresenta como sujeito competente para formação de professor, apesar

⁴ Entrevista concedida à autora durante a primeira oficina em março de 2011.

de ser um projeto de uma empresa de comunicação? Um dos objetivos do Programa é formar um cidadão crítico, mas em relação a qual construção social?

Respondendo a essas questões, pretendemos como objetivo principal:

- ✓ Identificar a concepção de educação defendida pela Rede Gazeta, através do seu projeto A Gazeta na Sala de Aula;

Nesta investigação, partimos da hipótese de que A Gazeta na Sala de Aula conduz o olhar do leitor a partir do olhar da Rede Gazeta, principalmente do jornal A Gazeta, que, enquanto veículo de comunicação, organiza e legitima os seus discursos a partir de diferentes vozes em suas organizações discursivas. Vozes que estão presentes nas apostilas, já que elas são organizadas a partir de recortes do jornal A Gazeta.

Acreditamos também que o leitor idealizado pelo Programa é leitor-modelo do jornal A Gazeta, que ao longo de sua história construiu uma imagem de jornal de elite. Durante o período de análise, não foi encontrada nenhuma referência ao jornal Notícia Agora, destinado às classes populares. Desta forma, são os valores do leitor-modelo de A Gazeta que estruturam o programa A Gazeta na Sala de Aula, presente em 348 escolas do Espírito Santo, sendo 346 da rede pública de ensino.

Por se tratar de um programa com proposta educativa, questionamos de que lugar o enunciador Rede Gazeta constrói o seu lugar de fala. Acreditamos que o Programa tem uma proposta de educar para o *uso* das mídias; e não *para* as mídias (compreender) e *pelas* mídias (problematizar).

Vale ressaltar que um dos interesses de pesquisa da Educomunicação, campo que estuda a interface comunicação e educação, é a crítica de mídia. Os programas de Mídia e Educação mantidos pela Associação Nacional dos Jornais devem, porém, atender aos interesses dos empresários. Portanto, se temos, de um lado, a Academia que aponta que o cidadão deve ter formação crítica para fazer leitura das mídias, do outro, temos as empresas de comunicação que se propõem a formar este leitor crítico e, para isso, desenvolvem projetos educativos e de formação docente.

Por isso, a nossa proposta é identificar a concepção de educação que norteia A Gazeta na Sala de Aula. Buscaremos respostas a partir da análise do material produzido pelo Programa e, para isso, nos apoiamos no referencial teórico e metodológico da Semiótica Discursiva ou Greimasiana e da Sociossemiótica.

Percurso teórico metodológico

Ao analisar A Gazeta na Sala de Aula, buscamos apreender do discurso a sua significação como processo de produção de sentidos, para identificarmos a concepção de educação proposta pelo Programa, por meio das oficinas e das apostilas. Nortearam a análise os princípios teóricos e metodológicos da Semiótica de Greimas e da Sociossemiótica de Eric Landowski.

A Semiótica construída nos anos 1960 foi considerada a primeira iniciativa de ampliação do conceito de linguagem ao conjunto dos sistemas de significação, verbais ou não verbais. A proposta de Greimas foi apresentar a semiótica enquanto teoria da significação, com isso, “[...] propõe-se desenvolver uma teoria dos sistemas de significação em geral, ou seja, uma teoria da linguagem, e não somente da língua” (LANDOWSKI, 1996, p. 27). Não apenas os discursos propriamente ditos são analisados, mas também o ambiente social em que os sujeitos estão inseridos. O texto e o contexto compõem juntos uma única “realidade significante”, explica Landowski (1996, p. 28).

Nesta busca pela apreensão da significação, a partir de dispositivos textuais e contextuais, o sujeito do discurso é aquele que “[...] ao tomar a palavra constrói enunciados, constrói também, como reflexo e como origem, a situação de que fala. Esse mundo construído, que é, ao mesmo tempo, linguagem verbal e outras linguagens, está dado no discurso [...]” (TEIXEIRA, 1996, p. 92).

Ao “tomar a palavra”, o sujeito enunciator utiliza-se de procedimentos argumentativos para que o enunciatário admita o seu discurso enquanto “verdadeiro”, tornando válido o sentido produzido. “A finalidade última de todo ato de

comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado”, explica Fiorin (1993, p.52).

O discurso tem capacidade de “agir” e “fazer agir” transformando, na maioria das vezes, as relações entre os sujeitos lingüísticos. Ele é espaço de interação, como destaca Eric Landowski, a partir da década de 1980, ao desenvolver os estudos sociossemióticos. Uma abordagem teórica que não abandona os pressupostos da semiótica greimasiana e que tem como foco de estudo o discurso e a enunciação, incluindo as relações entre os discursos, as práticas e seu contexto. Sendo, desta forma, um estudo sobre os regimes de sentido e de interação, principalmente, aos relacionados à programação e à manipulação.

O objetivo da sociossemiótica será compreender melhor “o que fazemos” para que, de um lado, o “social, o “político” ou ainda o “jurídico” existam enquanto tais para nós como universos relativamente autônomos (isto é, de que modo construímos seus *objetos*) e para que, de outro lado, as relações que aí se estabelecem entre atores sociais sejam, elas próprias, carregadas de significação para os *sujeitos* que as vivem ou que as observam e, conseqüentemente, dotadas de certa eficácia quanto à determinação de suas próprias práticas. O que, falamos mais tecnicamente, equivale a prever três ordens de problemas: problemas de *semântica*, relativos ao estabelecimento e à organização de valores e dos objetos significantes que o discurso social manipula; problemas de *sintaxe*, relativos ao estabelecimento e às transformações das relações entre os sujeitos, condicionando ao mesmo tempo a circulação intersubjetiva dos valores; problemas de *pragmática*, relativos às condições de assunção [...] dos elementos estruturais precedentes pelos atores “reais” no plano de suas práticas “vividas” (ou, ainda, em contexto) (LANDOWSKI, 1992, p. 11).

Landowski propõe considerar o discurso como “espaço de interação” entre sujeitos individuais e coletivos. Sujeitos que estão inscritos no discurso e que nele se reconhecem. Entre estes sujeitos “circula o próprio objeto da comunicação, no caso a imagem que um dos sujeitos proporciona de si mesmo àquele que se encontra em posição de recebê-la” (LANDOWSKI, 1992, p. 89).

Para a Sociossemiótica, os estudos dos discursos não se prendem exclusivamente ao lingüístico (sintáticas, semânticas e estilísticas). O discurso é “[...] como objeto de conhecimento que tem seu lugar numa problemática das relações e das estratégias de poder [...]” (LANDOWSKI, 1992, p.10). É dar conta do discurso do ponto de vista “[...] da sua capacidade de ‘agir’ e de ‘fazer agir’, moldando e, na maior parte dos

casos, modificando as relações entre os agentes que ele envolve a título de parceiros linguísticos” (LANDOWSKI, 1992, p.10).

O discurso é uma instância de mediação, e a narratividade é o princípio organizador de todo discurso.

A narratividade apareceu, assim, progressivamente, como o princípio mesmo da organização de qualquer discurso narrativo (identificação, num primeiro momento, com o figurativo) e não narrativo. Pois, das duas uma: ou o discurso é uma simples concatenação de frases e, assim, o sentido que veicula é devido somente a encadeamentos mais ou menos ocasionais, que ultrapassem a competência da linguística (e, de modo mais geral, da semiótica); ou então constitui um todo de significação, um ato de linguagem com sentido, que comporta sua própria organização, estando seu caráter mais ou menos abstrato ou figurativo ligado a investimentos semânticos cada vez mais fortes e a articulações sintáticas cada vez mais finas (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 295).

Nas estruturas narrativas, estão os valores e as ações que se articulam no interior do texto e que podem ser observados através do percurso gerativo de sentido. O modelo gerativo, proposto por Greimas, tem como objetivo explicar a geração de sentido em busca da significação do texto. Para a Semiótica, texto é um todo formal de significação. Portanto, os estudos semióticos não consideram o texto como substância; não importa a sua forma de manifestação e, sim, a sua significação.

A significação de um texto surge da articulação dos vários planos de profundidade e em ordem crescente de complexidade e de concretude, que pode ser observada a partir do percurso gerativo de sentido. Os patamares de profundidade de um texto são constituídos em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo.

No nível fundamental, estão articulados os valores fundamentais, os mais abstratos. Trata-se de determinar a oposição ou as oposições semânticas que recebem um investimento tímico, que as faz ser positivas ou negativas e, daí, eufóricas ou disfóricas. Já no nível das estruturas narrativas, “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidas como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças a ação também de sujeitos” (BARROS, 1980, p.11). Com isso,

é possível transformar estados pela ação de um sujeito. Nas estruturas narrativas, sujeitos e objetos encontram-se em conjunção ou disjunção com os objetos de valor.

Enquanto que, no nível discursivo, as estruturas “devem ser examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e do texto enunciado” (BARROS, 2002, p.12). O nível discursivo é o nível mais próximo da manifestação textual.

A teoria semiótica francesa considera que é no nível discursivo que as estruturas narrativas são colocadas em discurso, ou seja, valores, actantes e modalidades, estados d’alma são colocados em relação a atores, espaços e tempos – componentes sintáticos, através de temas e figuras – componentes semânticos.

Ao apreendermos do discurso a sua significação, chegaremos aos efeitos de verdade, ao dizer verdadeiro que compõe A Gazeta na Sala de Aula – o seu fazer persuasivo que é o fazer entre os actantes da comunicação, a base do contrato de veridicção (verdade e falsidade, segredo e mentira). Consiste em apresentar o que parece e não é; como o que aparece e é ao mesmo tempo. Já que se trata de um discurso que produz efeito de verdade; ele é construído para “[...] *fazer-parecer-verdade*, sendo assim, a sua função não é *dizer-verdade*, mas de *parecer-verdade*” (REBOUÇAS, 2001, p. 137).

Ao analisar A Gazeta na Sala de Aula, em relação aos discursos colocados em circulação, busca-se também a sua posição política, enquanto um programa de educação mantido por uma rede de comunicação. O caráter político de um discurso não se resume ao falar de política,

[...] mas depende muito mais do fato de que, ao fazê-lo, realiza certos tipos de *atos sociais transformadores das relações intersubjetivas* (critérios sintático e pragmático), estabelece sujeitos “autorizados” (com “direito à palavra”), instala “deveres”, cria “expectativas”, instaura a “confiança”, e assim por diante (LANDOWSKI, 1992, p 10).

Dessa forma, a linguagem é o espaço em que são efetuadas interações entre os sujeitos inscritos no discurso. Tendo como base esta concepção de discurso, o objeto de pesquisa foi analisado, observando as relações que se estabelecem entre

os atores sociais, sejam elas “[...] carregadas de significação para os sujeitos que as vivem ou que as observam e, conseqüentemente, dotadas de certa eficácia quanto à determinação de suas próprias práticas” (LANDOWSKI, 1992, p. 11).

Em busca de compreender a significação, optou-se pela análise dos materiais impressos – as quatro apostilas das oficinas pedagógicas –, pela coleta de dados a partir da observação direta das oficinas e pelo registro em diário de campo.

Para dar conta da significação das apostilas, analisamos o percurso gerativo de sentido, ou seja, as possíveis etapas de sua geração. Sendo assim, as apostilas foram analisadas quanto:

- à apresentação visual através das capas, porque acreditamos que é por elas que o enunciador de A Gazeta na Sala de Aula convida o enunciatário-leitor a “entrar” na apostila e descobrir quais são os caminhos para melhor usar as mídias na sala de aula;
- aos assuntos e atividades pedagógicas presentes nas apostilas, porque partimos da premissa de que é nesta seleção de temáticas que está a visão de mundo de A Gazeta na Sala de Aula, ou seja, a sua formação ideológica e, por meio das atividades pedagógicas, identificaremos o seu discurso didático. É este discurso que caracteriza o Programa como um sujeito do fazer educacional, detentor de um saber. Nas atividades pedagógicas, analisamos cada atividade proposta na apostila da Oficina A, denominada “Tempo de paz”, porque ela apresenta a temática trabalhada durante o ano de 2011, que foi “Escola e família: espaços de paz”.

O desafio, porém, era compreender as oficinas pedagógicas em sua totalidade – a sua significação. Como as oficinas são constituídas pelas apostilas e também pelo encontro entre os educadores dos municípios – monitores – e a equipe de A Gazeta na Sala de Aula, além dos discursos enunciados no material impresso/sistematizado, foi realizado um cruzamento entre os textos das apostilas e as observações feitas durante as oficinas e registradas em diário de campo.

Julgou-se necessária a presença do pesquisador nas oficinas, porque, a partir do seu ponto de vista, o objeto foi construído. Como diz Landowski (2001, p. 21), “são

as formas em vias de construção, o não acabado — o devir —, aquilo que nos interessa”, enquanto sociossemióticos.

Não o devir social ou político tomado ao pé da letra, cuja análise pertence a outras disciplinas, mas pelo menos o devir dos regimes de sentido que fazem significar as transformações sociais ou políticas em questão. O que gostaríamos de captar um pouco melhor é o vivido do sentido nas suas evoluções ligadas ao próprio curso das coisas, tal como elas se apresentam, se é possível dizer, vistas da ponte, quase com os pés dentro d'água, e não como elas são concebidas à distância, vistas das margens (LANDOWSKI, 2001, p. 21).

Com os pés quase dentro d'água, deparamo-nos com um objeto dinâmico. Seguimos os caminhos dos estudos qualitativos do tipo exploratório, especificamente a pesquisa de campo, por possibilitar que o pesquisador tenha um encontro direto com o objeto de pesquisa.

Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é o objeto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com pessoas que põem em prática os processos produtivos (WOLF, 1994, p. 167).

A nossa presença nas oficinas, assim como os nossos objetivos de pesquisa, eram de conhecimento da Rede Gazeta, com Termo de Consentimento assinado. Na primeira oficina, fui apresentada ao grupo formado por 26 educadores de diferentes municípios como aluna de Doutorado da Universidade Federal do Espírito Santo que desenvolvia uma pesquisa sobre A Gazeta na Sala de Aula.

A presença de um “estrangeiro” ao grupo não modificou a rotina do que estava previsto para acontecer. A programação entregue aos monitores seguiu o que estava proposto. Observar e anotar tudo que ali acontecia foram os procedimentos para a coleta de dados. Entrevistas semiestruturadas com alguns monitores e com a coordenadora do projeto também foram realizadas, sempre ao final do encontro ou nos intervalos. As entrevistas serviram para complementar a observação.

Os dados obtidos na coleta de dados dialogaram com a análise das apostilas. Procuramos explicar “o que o texto diz” e “como diz”, pela descrição dos procedimentos da organização textual, descrevendo os mecanismos enunciativos de produção do texto que estão inscritos na relação comunicativa presente no próprio

discurso que faz o texto. Para isso, percorremos as etapas de produção de sentido para a análise de A Gazeta na Sala de Aula.

Organização da Tese

Valores em Circulação: A Gazeta na Sala de Aula foi organizada em quatro capítulos. No primeiro, **Educação e Comunicação**, apresentamos a inter-relação comunicação e educação, através da perspectiva da educomunicação que privilegia o estudo de práticas comunicativas. Soares (2000) explica que a educomunicação é uma teoria da comunicação dialógica. É com esta lente que pretendemos observar o objeto de estudo. Uma lente que possibilita relacionar comunicação e educação além da prática instrumental que muitas vezes se faz da comunicação. É analisar as mídias pelas suas “dimensões estratégicas de cultura”, como diz Citelli (2006). Neste capítulo, baseamo-nos nos estudos feitos por Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Gomes para compreender a formação do campo da educomunicação.

Como a Educomunicação se constitui um campo de mediação, apoiamo-nos em Jesús Martí-Barbero e, como é uma área de comunicação dialógica, buscamos Paulo Freire para refletirmos sobre os conceitos de Educação e de Comunicação. Traçamos também um paralelo da entrada das mídias na área educacional e as concepções de educação a partir dos estudos realizados por Dermeval Saviani.

Ainda nesse capítulo, temos um panorama dos projetos de Jornal e Educação no Brasil, incentivados pela Associação Nacional dos Jornais, dentre eles A Gazeta na Sala de Aula, e as diretrizes para que estes programas sejam implantados nas escolas.

No segundo capítulo: **A Gazeta na Sala de Aula: um olhar semiotizado**, trouxemos um panorama histórico do Jornal A Gazeta e as suas mudanças gráficas e editoriais. O jornal A Gazeta é o veículo de comunicação da Rede Gazeta que deu origem ao programa A Gazeta na Sala de Aula aqui analisado. Neste capítulo,

mostramos as primeiras análises do Programa a partir do referencial teórico-metodológico da Semiótica Discursiva.

No capítulo 3: **Valores em Circulação: As Oficinas Pedagógicas e suas apostilas**, percorremos as etapas de produção de sentido. Procuramos descrever e explicar “o que o texto diz” e “como diz”, pela descrição dos procedimentos da organização textual, descrevendo os mecanismos enunciativos de produção do texto que estão inscritos na relação comunicativa presente no próprio discurso que faz o texto. Recorremos a Greimas, Eric Landowski, Ana Cláudia Mei de Oliveira, José Luiz Fiorin, Lúcia Teixeira e Diana de Barros. Buscamos compreender a visão de mundo do enunciador através de sua organização discursiva, ou seja, a sua formação ideológica. Analisamos as capas, os assuntos organizados em discurso pelo Enunciador e as atividades pedagógicas, já que elas apontam qual é o olhar de educação de A Gazeta na Sala de Aula. Priorizamos a análise das atividades sugeridas na primeira apostila – **Tempo de paz** –, por ser o primeiro material sistematizado do ano de 2011 e por apresentar a temática anual – **Escola e família: espaços de paz**.

No quarto capítulo: **Caminhos para a formação de um leitor crítico**, trazemos uma reflexão sobre a formação de um leitor crítico a partir da utilização das mídias no contexto escolar. Tomamos como referência Maria Aparecida Baccega que diz que, para formar este leitor, é necessário levar o aluno a “[...] ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura e, sobretudo, levá-lo ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações” (BACCEGA, 2011, p. 40). Dialogamos com Adilson Citelli e Jesús Martín-Barbero que apontam que a presença diária dos meios de comunicação em nossas vidas reconfigura novos modos de ser, de estar e de se relacionar com o mundo. Trazemos também os estudos sobre metodologias desenvolvidos por José Martinez de Toda y Terrero. Ele avalia a eficácia dos métodos utilizados em projetos de educação para os meios. Ainda neste capítulo, há uma breve reflexão sobre o modelo de leitor construído pela imprensa.

CAPÍTULO I

1 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Como pensar o sistema educacional, a escola, o discurso pedagógico exercitado nas salas de aula, considerando esse mundo fortemente mediado pelas relações comunicacionais, na sua dupla face de sedução e desconforto? (CITELLI, 2004, p.16).

Discurso, mediação, relações comunicacionais, sedução e desconforto – palavras escritas por Citelli (2004) que levam a refletir sobre a relação entre o sistema educacional e as mídias. Reflexão necessária, já que a presença dos meios de comunicação de massa é exaustiva no mundo contemporâneo e, com isso, há um processo crescente de mediação da cultura.

Segundo Thompson (2000, p. 219), “a produção e circulação das formas simbólicas nas sociedades modernas é inseparável das atividades das indústrias da mídia”. O autor ainda lembra que neste contexto as aprendizagens e formação dos sujeitos são cada vez mais abertas e reflexivas. A produção e a divulgação do conhecimento foram modificadas com o processo de mediação da cultura, exigindo novos posicionamentos de várias instituições, inclusive da escola que deixa de ter monopólio sobre a criação e transmissão de conhecimento, como nos lembram Melo & Tosta. Eles apontam que “[...] uma das características da sociedade contemporânea é a (re) significação constante de suas instituições, o que implica novos modos de ver, entender e atribuir valores à escola” (MELO; TOSTA, 2008, p. 23).

A escola deixou de ser monopólio do saber. Mas conseguiu reposicionar-se neste mundo moderno? Citelli (2002) acredita que não. A escola está em crise e uma delas é “[...] o descompasso existente entre o estrito discurso didático pedagógico e as linguagens não institucionais escolares” (CITELLI, 2002, p. 21). Para o autor, ela não reconhece institucionalmente as linguagens, formas e meios que surgiram no trato do conhecimento. Assim como a mídia, a escola é uma instituição que

historicamente teve o seu campo de atuação socialmente demarcado. A ela cabia a educação pela via da transmissão do saber, conforme as pedagogias tradicionais. Os meios de comunicação eram os responsáveis pela transmissão de informações, entretenimento e publicidade.

No entanto, na sociedade contemporânea, os meios de comunicação têm destacado papel e implicações nos comportamentos e maneiras de as pessoas pensarem o mundo e organizarem o conhecimento e a informação (CITELLI, 2006; MARTÍN BARBERO, 2001; MELO; TOSTA, 2008). A mídia é reconhecida como outro lugar do saber influenciando nos nossos modos de ver, perceber e aprender. Junto com a escola e com outras agências de socialização, como a família, ela possui um relevante papel no processo de formação de sujeitos inscritos em um campo cultural e tem a tecnologia como grande aliada. Mas não apenas os suportes tecnológicos devem ser considerados. Os meios de comunicação são “dimensões estratégicas da cultura, são copartícipes privilegiados na configuração das novas sociabilidades, sensibilidades, conceitos de produção, circulação e consumo de produtos simbólicos [...]” (CITELLI, 2006, p. 26).

Tal presença dos meios de comunicação na sociedade fez surgir áreas de estudo que contemplassem análises do papel desempenhado pelas mídias em diferentes segmentos. Um destes campos é formado pela interação da área de Comunicação com a área de Educação, que no Brasil vem se constituindo como um importante campo de estudos acadêmicos e de práticas de intervenção social, representando “[...] um novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes e efetivos cidadãos” (MELO; TOSTA, 2008, p. 49).

Esse diálogo foi enfatizado no período pré-constituente, na década de 1980, quando vários setores da sociedade se mobilizaram para discutir o sistema de Comunicação Social no Brasil. As discussões eram pautadas pelo debate sobre a importância dos meios de comunicação na sociedade brasileira e a utilização destes meios em projetos voltados para a cidadania, envolvendo mídia e educação, que são impulsionados com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB em 1996. Com as novas diretrizes e bases da educação nacional, começa a vigorar a ideia de que a educação não se limita à escola, pois é um campo amplo e encontra-

se em vários segmentos, inclusive nos meios de comunicação. Vários projetos também entraram em vigor no País na década de 1990, por iniciativa do poder público ou do setor privado, como por exemplo, o Programa TV Escola, criado em 1995, pelo governo federal. Ele é constituído pela TV Escola que é um canal de TV educativa, a revista TV Escola e cadernos temáticos distribuídos para as escolas como material de apoio. Para viabilizar o programa, o governo federal equipou os colégios com antenas parabólicas, televisores e videocassetes. O objetivo do programa é preparar o professor para usar adequadamente as tecnologias, justificando que elas são recursos importantes para que os professores implementem, corretamente, o currículo nas escolas.

O Ministério da Educação, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no item “Temas Transversais”, também incentiva o desenvolvimento de projetos educacionais utilizando os meios de comunicação, tanto para a produção quanto para a análise crítica de questões temáticas da sociedade brasileira. “Discutir sobre o que veiculam jornais, revistas, livros, fotos, propaganda ou programas de TV trará à tona suas mensagens implícitas ou explícitas sobre valores e papéis sociais” (MEC/SEF, 1997, p. 36).

No mundo, o início da interlocução entre Comunicação e Educação aconteceu no século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, com o fortalecimento do pensamento pedagógico da Escola Nova. É o movimento escolanovista a “matriz geradora” dessa confluência.

[...] a Escola Nova realizou uma revolução copernicana na Educação, ao deslocar o aluno para o centro do processo pedagógico, em lugar do professor, pondo dessa forma em questão os pilares da Pedagogia Tradicional: a educação intelectualista e livresca, baseada no papel soberano do professor, na preponderância do conteúdo sobre o interesse e da disciplina sobre a espontaneidade (FONSECA, 2004, p. 24).

Ainda para Fonseca (2004), foi a preocupação da Escola Nova com os métodos e recursos didáticos que aproximou os dois campos. A perspectiva da aprendizagem pela descoberta, a partir do interesse do aluno, levava a escola a buscar alternativas e novas formas de ensinar e aprender. No Brasil, o Manifesto da Escola Nova foi

assinado em 1932. Era um projeto de renovação educacional do País, que defendia uma educação inovadora, em oposição à pedagogia tradicional⁵.

[...] em lugar de se centrar no educador, no intelecto, no conhecimento, se centra no educando, na vida, na atividade. Em lugar de seguir uma ordem lógica, segue uma ordem predominantemente psicológica. Em lugar de subordinar os meios ou métodos aos fins ou objetivos, subordina os fins aos meios (SAVIANI, 2011, p. 24).

As potencialidades educativas dos meios de comunicação são evidenciadas pela Escola Nova. Os recursos tecnológicos são apontados como outras formas de educar e considerados inovação educacional. O uso das mídias associado ou em substituição aos meios convencionais utilizados pela escola também é considerado inovação educacional na concepção pedagógica produtivista (SAVIANI, 2011).

O tecnicismo pedagógico, de base produtivista, traz contribuições para aproximar as áreas de Educação e Comunicação, principalmente com os trabalhos do psicólogo norte-americano Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). As suas origens são baseadas na psicologia behaviorista, conhecida pela dinâmica de estímulo-resposta. Na educação, fomenta-se a autoaprendizagem e, para isso, psicólogos norte-americanos criaram as “máquinas de aprender”, iniciando o que hoje conhecemos como as tecnologias na educação, que ganharam impulso no Brasil “nas reformas da década de 1990 pré e pós a LDB de 1996 que vêm recorrendo intensamente às novas tecnologias na organização do ensino” (SAVIANI, 2011, p. 29).

Outra contribuição para o uso das mídias em espaços educacionais no Brasil aconteceu na década de 1980, com a corrente pedagógica de propostas contra-hegemônicas denominada pedagogia histórico-crítica. Nesta concepção pedagógica, a prática social é o ponto de partida e de chegada da prática educativa.

[...] professor e aluno se encontram igualmente inseridos, ocupando, porém, posições distintas, condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e no encaminhamento da solução dos problemas postos pela prática social (SAVIANI, 2007, p. 420)

⁵Na pedagogia tradicional, a escola é a forma principal e dominante de educação. Defende-se a escola pública universal, gratuita, obrigatória e leiga e ao professor cabia a tarefa de instruir os alunos.

Na concepção histórico-crítica, busca-se os meios mais adequados e eficazes, dentre eles as mídias, para atingir finalidades na área educacional. Significa “colocar a educação a serviço da mudança estrutural da sociedade” (SAVIANI, 2011, p. 25). O critério para escolha dos meios ou inovações tecnológicas que serão utilizados é determinado pelos fins a atingir.

O pioneiro em reconhecer o potencial educativo dos meios de comunicação foi o pedagogo francês Celestín Freinet (1896- 1966). Professor de uma pequena aldeia no sul da França, Freinet buscava encontrar métodos educacionais que motivassem os alunos para a aprendizagem. Na primeira metade do século XX, ele desenvolveu uma metodologia de ensino baseada no uso do jornal em sala de aula. O objetivo era despertar nos alunos uma visão crítica dos meios de comunicação e incentivá-los a serem produtores de notícias. Em 1924, incentivou os alunos a produzirem o seu próprio jornal. A proposta era motivar os estudantes que demonstravam pouco interesse pelo ensino a partir dos métodos tradicionais e educá-los para o trabalho coletivo, já que a elaboração de um jornal depende do trabalho de equipe. Para isso, Freinet levou para a escola uma prensa de tipos móveis. A sua proposta pedagógica tem como base a valorização do humano e a educação para a vida, semelhante às diretrizes escolanovistas, que destaca o professor no processo ensino-aprendizagem. Tanto os escolanovistas quanto Freinet põem o aluno no centro do processo educativo.

Na América Latina, Paulo Freire é um dos pioneiros a entrelaçar os conceitos de comunicação e educação. Ao fazer uma crítica ao modelo de educação bancária, que concebe a transmissão do conhecimento de forma verticalizada e autoritária, Freire afirma que educação é comunicação, “[...] na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1977, p. 69). É o diálogo a embreagem desta interlocução entre sujeitos. Diálogo estabelecido a partir dos discursos colocados em circulação – uma relação dialógica-comunicativa em que o homem não está apenas no mundo, mas com o mundo.

Ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é não *sloganizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da

realidade. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. Este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis (FREIRE, 1977, p. 43).

A comunicação dialógica e libertadora defendida pelo educador Paulo Freire inspirou vários estudiosos latino-americanos, tanto na área de educação como também na área de comunicação, já que o diálogo e a participação surgem como peças fundamentais para um novo modelo de comunicação e de educação. É uma comunicação baseada na concepção libertadora de educação que foi um marco na história da educação brasileira.

As propostas inspiradas na concepção libertadora geralmente se assumiam no âmbito da expressão ‘educação popular’ e advogavam a organização, no seio dos movimentos populares, de uma educação do povo e pelo povo, para o povo e com o povo em contraposição àquela dominante caracterizada como da elite e pela elite, para o povo, mas contra o povo. (SAVIANI, 2007, p. 413).

Defendia-se a autonomia pedagógica dos movimentos populares em relação ao Estado e à escola. Esta última era vista como autoritária e a serviço de uma estrutura burocratizada e incapaz de colocar-se ao lado dos “oprimidos” (MELO; TOSTA, 2008). A “educação verdadeiramente libertadora se daria fora dessas instituições”, ressaltava Saviani (2007, p. 414). A Pedagogia Libertadora tem a sua origem associada ao método de alfabetização de adultos formulada por Paulo Freire nas décadas de 1950 e 1960.

As primeiras experiências envolvendo projetos de Educação e Comunicação, a partir das ideias de Paulo Freire, foram articuladas nos movimentos populares, no período de 1945 a 1964. MELO; TOSTA (2008) apontam como exemplos os Centros Populares de Cultura (CPCs), o Movimento de Educação de Base (MEB) e os Movimentos de Cultura Popular (MCPs). Eles desenvolviam ações para a educação de adultos, para o homem do campo e projetos de alfabetização cidadã, respectivamente. Na maioria das ações, o rádio era o meio de comunicação utilizado.

A proposta era problematizar, entre outros, a presença dos meios de comunicação na vida diária das comunidades, buscando uma visão crítica e a utilização dos dispositivos comunicacionais como recursos expressivos,

dialógicos, de um conhecimento que parte do cotidiano do educando (MELO; TOSTA, 2008, p. 28).

A problemática da consciência crítica e do senso crítico frente aos meios de comunicação também foi a base do projeto Leitura Crítica da Comunicação, desenvolvido pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC), na década de 1970.

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) solicitaram que a UCBC orientasse os professores dos colégios católicos no sentido de introduzir a leitura das mídias no contexto escolar. No primeiro momento, o projeto foi fundamentado a partir dos estudos da Escola de Frankfurt em relação à indústria cultural; tinha uma concepção moralista de combate aos excessos da TV e o intuito de educar o telespectador para que ele pudesse ser um consumidor inteligente e crítico perante a realidade mostrada pela televisão (MELO; TOSTA, 2008). O projeto foi alvo de muitas críticas pela sua visão moralista e por apontar os meios de comunicação como maniqueístas. Diante disso, ele foi adequado aos princípios da educação dialógica de Paulo Freire.

Nessa perspectiva, educação é comunicação, portanto não é a transferência de saber e é necessário compreender a mídia enquanto prática discursiva, onde os sentidos se dão no discurso e a comunicação é um dos componentes do processo educativo, não ficando limitada a aspectos tecnológicos.

É compreender a comunicação em sua existência sensível. A sua potência na construção do sujeito. O que nos remete a Mário Kaplún (1999) quando ele defende que a “comunicação educativa” existe para dar à educação métodos para formar a competência educativa do educando, ou seja, educar pela comunicação e não para a comunicação.

É pensar a comunicação como partilha de pensamentos, sentimentos, opiniões e experiências. “A comunicação tem uma existência sensível; é do domínio do real, trata-se de um fato concreto de nosso cotidiano [...]”, explica Hohlfeldt (2001, p.39). Ela está presente nas diferentes instâncias sociais: política, economia, educação, artes, etc. Faz parte da cultura dos povos. Assim com a mídia, a escola também atua

a partir da realidade social e interfere na construção desta realidade. São instituições capazes de selecionar e agendar o que devemos conhecer e discutir no nosso cotidiano.

[...] o paradigma da educação no seu estatuto de mobilização, divulgação e sistematização de conhecimento implica acolher o espaço interdiscursivo e mediático da comunicação como produção e veiculação de cultura, fundando um novo lócus – o da inter-relação comunicação/educação (MORAN, 1991, p. 20).

A inter-relação comunicação/educação e a interdependência entre os dois campos possibilitam “[...] uma formulação de diferentes modelos de articulações comunicativas, incorporando uma nova territorialidade num campo discursivo com poucas investigações” (MORAN, 1991, p. 21). Esse novo campo de intervenção social é denominado de Educomunicação. Termo criado nos anos de 1980, pelo argentino-uruguaio Mario Kaplún para nomear toda ação comunicativa no espaço educativo.

A inter-relação comunicação e educação trabalha a partir de um substrato comum que é a ação comunicativa no espaço educativo, ou seja, a comunicação interpessoal, grupal, organizacional e massiva promovida com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos (SOARES, 2000, p. 35).

Ecossistemas comunicativos conceituados por Martín-Barbero não apenas pelo viés das tecnologias e dos meios de comunicação de massa, mas como um conjunto de linguagens, representações e narrativas capaz de provocar no indivíduo uma mentalidade crítica. Reduzir a comunicação aos aparatos tecnológicos é ignorar o papel estratégico da comunicação.

[...] o que se deixa de fora é justamente aquilo que é estratégico pensar: a inserção da educação nos processos complexos de comunicação da sociedade atual ou, dito de outra forma, no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 339-340).

Martín-Barbero (1987) estuda as manifestações socioculturais na América Latina e as influências que elas sofrem dos meios de comunicação de massa. As reflexões apontadas por Martín-Barbero sobre os processos de comunicação contemporâneos

são fundamentais para o entendimento da recepção. O autor estuda as inter-relações que tecem emissores e receptores e os fatores intervenientes nessa relação, além das formas de apropriação e ressignificação de sentidos presentes nos discursos contemporâneos. É pensar os processos de comunicação a partir da cultura e isso significa “[...] deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 297). Desta forma, as mediações são estratégias de comunicação em que, ao participar o ser humano, além de se representar, também representa o seu entorno, gerando uma significativa produção e troca de sentidos.

Las mediaciones son ese 'lugar' desde donde es posible comprender la interacción entre el espacio de la producción y el de la recepción: lo que se produce en la televisión no responde únicamente a requerimientos del sistema industrial y a estrategias comerciales sino también a exigencias que vienen de la trama cultural y los modos de ver (MARTÍN-BARBERO, 1992, p. 20).

Para dar conta da complexidade do mundo, dependemos das mediações, e a escola e a mídia são instituições envolvidas nos processos de mediação. Entretanto, enquanto a primeira ainda tem como referência o texto verbal (livros didáticos e outros) e conserva um modelo de comunicação pedagógica pautada no impresso que instituiu o regime do saber; as mídias armazenam, classificam e difundem conhecimentos mais versáteis que a escola. Estes conhecimentos estão presentes na heterogeneidade de textos (orais, musicais, audiovisuais, telemáticos) que circulam, cotidianamente, e com os quais interagimos (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004).

Com a revolução cultural introduzida pela imprensa, os modos de circulação da informação sofreram profundas mudanças. A televisão, por exemplo, mostra para as crianças o mundo velado dos adultos (sexo, guerra, jogos de sedução, etc.). Com isso, é necessário que a prática da sala de aula considere “[...] a educação como imersa no grande espaço da cultura e, portanto, no grande espaço dos meios de comunicação, da cultura da imagem e da proliferação de mitos, de modos de ser” (FISCHER, 1998, p. 1).

A escola incorpora as trocas simbólicas e, pela resignificação, os indivíduos que estão no cotidiano escolar afirmam a sua subjetividade e identidade. É assumir e vivenciar a inter-relação comunicação e educação, permitindo que estes indivíduos conheçam o mundo enquanto sujeitos.

O conhecimento, [...], exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (FREIRE, 1977, p. 27).

Outro ponto relevante nesta inter-relação comunicação e educação é a eficácia da aprendizagem, apontada por Soares (2000). Segundo o autor, as crianças e jovens atribuem maior relevância aos conteúdos que são transmitidos pelos meios de comunicação do que aqueles repassados pela escola. Além disso, a mídia faz circular mensagens referentes ao contexto social e cultural no qual o aluno está inserido e utiliza diferentes linguagens, tornando a mensagem mais interessante.

Soares defende que a escola precisa pensar estratégias e métodos para não perder a sua relevância. Para ele, o desafio dos educadores é tornar os meios de comunicação grandes aliados. É um jogo de mediação de comunicação dialógica e participativa, conceituado pela Educomunicação que tem a interdiscursividade⁶ como o seu elemento estruturante. Soares define este novo campo do conhecimento como:

[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação à distância ou 'e-learning', e outros (SOARES, 2000, p. 115).

É promover pela comunicação uma educação emancipatória, que proporciona ao sujeito pensar e agir de forma crítica, principalmente em relação às mensagens que recebem dos meios de comunicação. Assim como usar adequadamente os recursos

⁶ Fiorin (1999, p. 32) conceitua interdiscursividade como “[...] o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro.”

das mídias nas práticas educativas, podendo assim melhorar os processos educativos. A Educomunicação aponta para um olhar diferenciado em relação ao papel das mídias na sociedade. É um campo que defende a inter-relação comunicação e educação como uma das saídas para a democratização; para educar e construir uma sociedade mais humanizada. Esta inter-relação se materializa em algumas áreas de intervenção social, explica Soares (2000).

- a) A área da educação para a comunicação, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os polos vivos do processo de comunicação (relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens), assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios [...].
- b) A área da mediação tecnológica na educação, compreendendo o uso das tecnologias da informação nos processos educativos. Trata-se de uma área que vem ganhando grande exposição devido à rápida evolução das descobertas tecnológicas e de sua aplicação ao ensino, tanto o presencial quanto o à distância [...]
- c) A área de gestão da comunicação no espaço educativo, voltada para o planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da Comunicação/Cultura/Educação, criando ecossistemas comunicativos. [...] A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não-formais de educação [...]
- d) A área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação como fenômeno cultural emergente. É, na verdade, a reflexão acadêmica, metodologicamente conduzida, que vem garantindo unicidade às práticas da Educomunicação, permitindo que o campo seja reconhecido, evolua e se legitime [...] (SOARES, 2000).

Independentemente da área de intervenção social, a Educomunicação é um campo que vê na inter-relação educação e comunicação uma possibilidade de promover nos indivíduos consciência crítica e, conseqüentemente, mudanças sociais como defendia Freire e Kaplún. A pedagogia libertadora também é de concepção contra-hegemônica.

É pelo viés dessas pedagogias que é constituído o campo da Educomunicação, que é baseada em uma educação problematizadora, capaz de despertar no aluno uma leitura crítica do mundo, “[...] situando a prática educativa como processo contínuo de individuação no e com o social” (SCHAUN, 2002, p. 22). E os meios de comunicação são lentes que lançam olhares sobre a realidade e levam para os espaços formais e não formais de educação os fatos do cotidiano para serem problematizados.

Na década de 1990, as pedagogias contra-hegemônicas, porém, perderam forças no Brasil e no mundo, com a ascensão dos governos neoliberais, que promoveram reformas educacionais de concepção produtivista, na forma de neoprodutivismo. O lema “aprender a aprender” difundido durante o período escolanovista é reconfigurado e adotado neste novo contexto. A necessidade individual de atualização constante é exigida como forma de ampliar a empregabilidade e não como benefício de todo o corpo social, como defendia a Escola Nova.

[...] deslocando o eixo do processo educativo do processo lógico para o psicológico; dos conteúdos para os métodos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade, configurou-se uma teoria pedagógica em que o mais importante não é ensinar e nem mesmo aprender algo, isto é, assimilar determinados conhecimentos. O importante é aprender a aprender, isto é, aprender a estudar, a buscar conhecimentos, a lidar com situações novas. E o papel do professor deixa de ser o daquele que ensina para ser o de auxiliar o aluno em seu próprio processo de aprendizagem (SAVIANI, 2007, p. 429).

É nesse cenário que o Programa Jornal e Educação baseado no uso de jornais em sala de aula, promovido pela Associação Nacional dos Jornais, entra em vigor com o intuito de formar leitores críticos. Para atingir este objetivo é necessário que os conteúdos desses programas permitam ao leitor “pensar concretamente, transformar, homogeneizar, de acordo com um processo de desenvolvimento orgânico que conduza do simples senso comum ao pensamento coerente e sistemático” (GRAMSCI, 2002, p. 201). Portanto, é necessário oferecer ao leitor condições para que ele faça conexões entre o conteúdo jornalístico e a realidade histórica.

1.1 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ESCOLA

O uso de jornais em sala de aula como material didático acontece desde o início do século XX, quando os processos industriais de produção de notícias começaram a se consolidar.

Em 1932, o jornal norte-americano *New York Times* implantou o primeiro programa de jornal e educação do mundo, que inicialmente consistia na distribuição de jornais nas escolas. O *New York Times* também passou a fazer pesquisas com o intuito de identificar como os jornais eram utilizados no currículo escolar e constatou que o uso dos jornais em sala de aula melhorava o rendimento escolar. O programa *Newspaper in Education* ficou conhecido internacionalmente pela sigla NIE.

Os NIE são programas propostos pelas empresas de comunicação para instituições de ensino e oferecidos gratuitamente por uma empresa jornalística ou por associações de jornais. Consistem, na maioria dos casos, na distribuição de jornais que não foram comercializados na venda avulsa (encalhes), produção de material de apoio e treinamento para professores ou profissionais da área de educação para o uso dos jornais na sala de aula.

No Brasil, a aproximação entre escolas e meios de comunicação aconteceu a partir de 1980. O jornal Zero Hora foi o primeiro a desenvolver um programa de Mídia e Educação para atender alunos dos ensinos Fundamental e Médio, chamado de ZH na Sala de Aula. Ele foi implantado em 1980, em Porto Alegre, e expandido para o interior do Rio Grande do Sul, em 1984. Trinta e dois anos depois, cerca de cinquenta jornais brasileiros desenvolvem programas relacionados ao uso de jornais em sala de aula. Eles são supervisionados pela Associação Nacional dos Jornais (ANJ), através do Programa Jornal e Educação (PJE). A entidade defende o uso do jornal em sala de aula como instrumento de apoio didático, com o intuito de melhorar os níveis de leitura e escrita e contribuir para a formação cidadã de educadores e educandos.

De acordo com a ANJ, o Brasil é um país que ainda tem muito a fazer pela Educação, e o jornal, como um dos principais e mais influentes meios de comunicação, tem potencial e pode contribuir para mudar o cenário atual, ajudando a melhorar as taxas de leitura e atuando na formação de cidadãos críticos. Nesta

perspectiva, o jornal é apresentado como um veículo de comunicação que tem competências que vão além de informar.

A ANJ foi fundada em 1979 com o objetivo de defender a liberdade de expressão do pensamento e da propaganda. Desde 1992, a entidade mantém o Programa Jornal e Educação, que é a sua maior ação social e acontece não só em escolas, mas também em prisões, asilos, canteiros de obras e outros espaços formais e não formais de educação.

Aproximadamente, duas mil escolas participam do projeto em 20 estados brasileiros e no Distrito Federal. Cerca de três milhões de estudantes são beneficiados pelo programa que é desmembrado em ações regionais. Dos 145 jornais associados à entidade, 50 desenvolvem programas vinculados ao Jornal e Educação, o que corresponde a 34% dos associados. Um percentual que apresenta queda ao longo dos anos. Em 2007, época em que foi publicado um levantamento nacional sobre os programas de Jornal e Educação, 44% dos jornais desenvolviam projetos. Os custos financeiros, a falta de informação e o pouco interesse do jovem pela leitura foram os principais fatores apontados pelos empresários para não investirem no Programa. Atualmente, a região Sudeste concentra o maior número de projetos, totalizando 21, sendo que um deles está desativado e em reestruturação. Em seguida está posicionada a região Sul com 16 programas; Nordeste, sete; Centro-Oeste, quatro em vigor e um sendo reestruturado e na região Norte, um. Os programas em vigor são apresentados no quadro seguinte:

TABELA 1 – Relação dos programas Jornal e Educação em andamento no Brasil

Região	Programa	Veículo de comunicação/ Estado	Ano de Implantação
Norte	O Liberal na Escola	O Liberal	1994/1995
Nordeste	A Tarde Educação	A Tarde	1996
	Projeto Jornal na Sala de Aula	Dário do Nordeste	1997
	O Povo na Educação	O Povo	2001
	Leitor do Futuro	O Imparcial	2001
	JC na Escola	Jornal do Commercio	1993
	Ler para saber mais	Gazeta do Oeste	2004

	Formando Novos Leitores	Jornal de Fatos	2007
Centro Oeste	Leitor do Futuro	Correio Brasiliense	2003
	Almanaque-Escola	O Popular	1991
	Lendo Mais, Sabendo Mais	Correio do Estado	1999
	O Progresso na Educação – Ensinando a Ler o Mundo	O Progresso	1998
	A Gazeta na Sala de Aula	A Gazeta	1995
Sudeste	A Tribuna na Escola	A Tribuna	2006
	TC na Escola	Tribuna do Cricaré	1995
	Algar Lê – Correio Educação	Correio de Uberlândia	1994
	Leitor do Futuro	Estado de Minas	2008
	Jornal, Escola e Comunidade	A Tribuna	1992
	Jornal Escola	Comércio da Franca	2000
	Correio Escola Multimídia	Correio Popular	1992
	Diário Braille	Diário do Povo	1992
	Jornal na Educação	Diário da Região	1992
	“Projeto Ler e Aprender”	Diário de Suzano	1996
	Diário na Sala de Aula	Diário do Grande ABC	2000
	Ler para Crescer	Folha da Região	1994
	JC na Escola	Jornal da Cidade	2002
	Jornal na Escola Todo Dia	Todo Dia	2005
	JC presente na Escola	Jornal Cidade	2007
	Ler é prazer	Jornal Cruzeiro do Sul	2007
	Tribuninha na Escola	Tribuna Imprensa	2005
	Mogi News Cidadania – Ler para saber mais	Mogi News	2006
	Formando o Cidadão do Futuro	Diário do Alto Tietê	2006
Sul	Projeto Cultural Vamos Ler!	Jornal da Manhã	2008
	Ler e Pensar	Gazeta do Povo	1999
	Programa Educacional o Diário na Escola	O Diário do Norte do Paraná	2001
	Projeto Cultural Vamos Ler	Tribuna do Norte	2000
	Ler para Crescer	Diário do Noroeste	2008
	Diário da Manhã na Sala de Aula – Ler e Refletir	Diário da Manhã	2001
	Pé na Escola	Diário Popular	2004
	JP na Sala de Aula	Jornal do Povo	1996

	Jornal na Sala de Aula	Jornal NH	2010
	Jornalista por um Dia	Pioneiro	1996
	Jornal na Sala de Aula	Jornal VS	2010
	AN Escola	A Notícia	1998
	Santa na Escola	Jornal de Santa Catarina	2008
	Lendo e Relendo com o Correio Lageano	Correio Lageano	2004
	DC na Sala de Aula	Diário Catarinense	2005

Fonte: Associação Nacional dos Jornais

Constata-se que, na década de 1990, muitas empresas jornalísticas aderiram ao Programa Jornal e Educação. Foram vinte e oito, sendo que vinte deles ainda são mantidos nos dias atuais. Nos anos 1980, apenas o jornal Zero Hora desenvolvia um programa voltado para a educação, que era o Zero Hora na Sala de Aula, já mencionado como pioneiro no Brasil. No Espírito Santo, dois programas começaram em 1995: A Gazeta na Sala de Aula mantido pela Rede Gazeta, situada em Vitória, capital do Espírito Santo, e o TC na Escola, do jornal Tribuna do Cricaré, no interior do Estado, em São Mateus. Em 2006, a Rede Tribuna implantou A Tribuna na Escola. Em todo o Brasil foram 27 novos programas que surgiram nos anos 2000.

Observa-se que os programas de Mídia e Educação, vinculados à Associação Nacional dos Jornais, são realizados pela iniciativa privada no espaço da gestão pública, já que são desenvolvidos em sua maioria em escolas municipais e estaduais, sem o crivo dos órgãos competentes. São programas que prescrevem um currículo a ser ensinado na escola, ou seja, o setor público delega responsabilidades para o setor privado, que passa a ter maior presença na consecução de políticas para a educação pública (ADRIÃO; GARCIA; BORGHI; ARELARO, 2009).

A delegação de responsabilidades é acentuada na década de 1990 e, é consequência das reformas na administração pública, quando a busca é por novas formas de gestão e programas voltados para o desenvolvimento local. Com isso, o setor público faz parcerias à procura de “[...] **novas formas de articulação com a sociedade civil e com o mercado**, envolvendo a participação de ONGs, da comunidade organizada e do setor privado na provisão de serviços públicos [...]”. (FARAH, 2001, GRIFO DO AUTOR).

Nesse contexto, as pedagogias contra-hegemônicas perdem forças. Os anos 90 são de ascensão dos governos neoliberais, que estimulam a privatização, a competição, a produtividade e o lucro.

[...] as ideias pedagógicas sofrem grande inflexão: passa-se a assumir no próprio discurso o fracasso da escola pública, justificando sua decadência como algo inerente à incapacidade do Estado de gerir o bem comum. Com isso se advoga, também no âmbito da educação, a primazia da iniciativa privada regida pelas leis do mercado (SAVIANI, 2007, p. 426).

No Programa Jornal e Educação, percebe-se, em suas diretrizes, a busca pela autonomia do setor privado para desenvolver ações nas escolas públicas. A ANJ orienta aos associados a manter os programas, preferencialmente, com recursos das próprias empresas de comunicação, independente de qualquer instância do governo. O intuito é garantir independência editorial do veículo de comunicação e fidelidade à fundamentação pedagógica. É o que faz a Rede Gazeta, com A Gazeta na Sala de Aula em suas parcerias com as escolas no Espírito Santo.

A fundamentação pedagógica do Programa Jornal e Educação é o que se passa a analisar a partir de seu conceito e missão. Considera-se que o Programa corresponde a uma das áreas da Educomunicação que se caracteriza pelas atividades de intervenção política e social, voltadas para transformações da sociedade e para colaboração do desenvolvimento de uma consciência ética. Mas, não se pode ignorar que o Programa foi ampliado a mais escolas participantes na década de 1990, período em que, segundo Saviani (2007), prevalecia a pedagogia da exclusão – ênfase no capital humano individual e a lógica voltada para a satisfação de interesses privados.

1.2 A ESCOLA E O PROGRAMA JORNAL E EDUCAÇÃO

Cada empresa jornalística que participa do Programa Jornal e Educação define de que forma trabalhará para implantar e incentivar o uso dos jornais na sala de aula. Algumas optam pela publicação de cadernos especiais direcionados ao público

infantil e/ou juvenil; a doação de exemplares de jornais para escolas; visitas de alunos à empresa jornalística; orientação às escolas para criação de jornais escolares; realização de palestras ou outras atividades. Contudo, os objetivos dos programas são traçados pela Associação Nacional dos Jornais, para garantir unidade de ação entre todos os associados. Eles são: estimular a leitura e a escrita a partir do uso do jornal e formar leitor crítico. O princípio mercadológico também está presente nestes projetos, já que o Programa busca a formação de novos leitores e a divulgação da marca do veículo de comunicação. Para cumprir os objetivos todos os associados devem:

Oferecer orientação sobre uso do jornal na sala de aula e desenvolvimento de projetos a educadores. Bem como, a distribuição de jornais às escolas e ambientes educativos; promoção de palestras, debates, oficinas, cursos e eventos culturais e educativos para a comunidade e encontros com profissionais da mídia. Além disso, visita a veículos de comunicação para que seu público possa conhecer o processo de produção jornalística e a publicação de suplementos para/com educadores e estudantes, entre outras ações (RELATÓRIO DA PESQUISA QUALITATIVA SOBRE OS PROGRAMAS JORNAL E EDUCAÇÃO, 2008, p. 8).

Essas orientações constam no relatório de pesquisa elaborado em 2008, quando a ANJ realizou um estudo para identificar os benefícios e usos dos jornais nas escolas, envolvendo 14 grupos de estudantes e professores em sete capitais brasileiras (Brasília, Florianópolis, Belém, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo). Na apresentação do relatório de pesquisa, que está disponível no site da entidade, é apontado que a informação é capaz de gerar transformação e influenciar a qualidade da educação, a realidade da escola, da família e da sociedade.

Dessa maneira, estimula que seu público, além de espectador e leitor, seja produtor de conteúdo, com produtos como os jornais escolares e jornais murais, por exemplo. Por fim, o PJE trabalha a democratização da informação e o desenvolvimento do pensamento crítico e da cidadania. [...] Também procura estimular o debate nacional sobre uma política pública de educação para/pela mídia que ajude a formar leitores críticos da palavra, da imagem e do mundo (RELATÓRIO DA PESQUISA QUALITATIVA SOBRE OS PROGRAMAS JORNAL E EDUCAÇÃO, 2008, p. 8).

São objetivos traçados a partir do conceito e da missão do Programa, apresentados a seguir:

Conceitos

O que é um Programa Jornal e Educação, no âmbito da Associação Nacional de Jornais?

Para a ANJ, toda iniciativa, levada a efeito por empresa a ela associada, que se constitua num conjunto de ações em prol da leitura, voltada para alunos de quaisquer níveis ou para outro tipo de público que participe de alguma ação educativa, mediante atuação junto a mediadores de leitura, realizadas com o objetivo de formar leitores críticos, numa perspectiva efetiva de cidadania e participação social, é considerada **Programa de Jornal e Educação**.

Missão

Cada **Programa de Jornal e Educação** deve possibilitar, especialmente para novos leitores, a oportunidade de acesso ao meio jornal, como uma das dimensões do estímulo ao prazer de ler, a sua ampla re-interpretação em seus vínculos com a realidade social e a conseqüente criação de alternativas para expressão de atitudes cidadãs, por parte dos leitores, diante das informações por ele veiculadas. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/pje/institucional/conceito>>. Acesso em: 21 ago. 2012).

A partir do conceito e da missão do Programa Jornal e Educação observa-se que ele atua em espaços formais e não formais de educação, e coloca o jornal como veículo que possibilita mediação, integração e reflexão sobre a realidade social, incentivando que os indivíduos se manifestem de forma cidadã. É fazer uso do jornal não apenas para comunicar enunciados, mas produzir a comunicação de discursos éticos e políticos, buscando transformações e inclusões sociais, que são os objetivos do educador (SCHAUN, 2002, p. 84). Cada Programa deve contribuir para a formação de leitores críticos numa perspectiva de cidadania e participação social. Uma busca pelo conhecimento da forma como é definido por Paulo Freire.

O conhecimento [...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido (FREIRE, 1988, p. 26).

Essa ação do sujeito para o ato de conhecer é que o leva ao processo de aprendizagem. Freire (1988) aponta que é necessário se apropriar do aprendido, reiventá-lo e aplicá-lo em situações existenciais concretas.

A influência dos jornais na aprendizagem foi analisada na última pesquisa feita pela ANJ, em 2008. Estudantes e professores apontaram que os jornais em sala de aula melhoram o hábito de leitura; ampliam o vocabulário; favorecem a leitura crítica da

realidade; ampliam a imaginação, interpretação e criatividade; estimulam a produção de conteúdo; promovem a interdisciplinaridade e a socialização entre alunos e professores e melhoram a autoestima dos alunos, entre outros fatores referentes a índices de desempenho em avaliações internas e externas (RELATÓRIO DA PESQUISA QUALITATIVA SOBRE OS PROGRAMAS JORNAL E EDUCAÇÃO, 2008, p. 8).

Os resultados da pesquisa divulgada pela ANJ, o conceito e a missão do Programa Jornal e Educação permitem que ele seja visto enquanto uma ação de Educomunicação, que tem a sua concepção de educação baseada nas propostas de formação cidadã, apesar de não deixar claro de que forma os jornais serão usados para a formação do leitor crítico.

A pesquisa intitulada “A circulação dos textos na escola”, coordenada por professores da USP e da Unicamp, realizada em São Paulo, em 1992, envolvendo 15 escolas e cerca de um mil alunos do Ensino Fundamental, aponta que o jornal, geralmente, é utilizado em sala de aula para recorte de palavras ou como fonte de pesquisa sem que se cobre do aluno o entendimento do que ele leu. Foi observado que o professor muitas vezes pede ao aluno que pesquise em jornais ou em revistas sobre um determinado tema, mas são raras as oportunidades de se discutir os trabalhos, ampliando a discussão sobre o tema proposto. Também foi identificado que 60% dos estudantes entrevistados leem jornal, mas a leitura é de seções específicas, como as notícias esportivas (24,29%) ou lazer (20,28%). Enquanto a leitura de notícias diversas corresponde a 12,97%.

A pesquisa também mostra que “o manuseio do jornal nas séries iniciais se transforma em efetiva nas séries subsequentes” (VIANA, in CHIAPPINI, 2002, p.88). Esta constatação foi feita a partir das respostas dos alunos quanto às partes do jornal de maior interesse. Entre os estudantes do 8º ano, 95,79% indicaram o que interessava; com os alunos do 5º ano, o percentual foi de 84,84%; enquanto entre os alunos de 3º ano, a indicação foi feita por 66,98%. O que mostra um decréscimo de acordo com o ano do Ensino Fundamental. Os índices apontam que o aluno mantém um bom contato com o jornal. A escola, porém, não sabe utilizá-lo, constata o coordenador da pesquisa e professor da USP, Adilson Citelli.

Entre as várias constatações do trabalho, uma nos pareceu básica. Enquanto o ritmo das aulas e o tempo dos discursos didáticos insistem na adoção de procedimentos discursivamente fechados, de pouca ou nenhuma plasticidade sónica, orientados na perspectiva do que poderíamos chamar, respeitada a força da metáfora, de 'mundo industrial', os alunos dialogam crescentemente com as linguagens não escolares, referentes à 'revolução digital', desenvolvendo, em consequência, outras formas de perceber, ver e sentir as coisas: desenha-se um novo tipo de *sensorium*. Criam-se, sob tais condições, fraturas e desencontros (CITELLI, 2004, p. 161).

Análise semelhante é feita por Moran quando ele diz que a escola “[...] precisa exercitar novas linguagens, que sensibilizam e motivam os alunos” (MORAN, 1991, p. 22). O autor defende a implantação de uma política que permita pensar a comunicação como uma importante questão no espaço escolar. É necessário que a escola analise os meios de comunicação e também faça uso deles.

A escola e as mídias são duas instâncias de compreensão da realidade e de estruturação de valores, que colaboram para que o indivíduo organize o conhecimento que ele tem do mundo e que reestruture a sua compreensão do mundo. São espaços ricos em significação, mas também de regularidades guiadas por um padrão de organização e de normas de conduta. As regularidades nos remetem aos regimes de interação e de sentido explicados por Landowski (2003).

Pelos regimes de interação e de sentido, o autor propõe um escopo teórico para análise de como o sujeito constrói as suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. São modos de agir, de estar no mundo: o *fazer ser* e o *fazer fazer*. No primeiro, estão os modos de existência inerentes aos regimes da programação e do acidente, enquanto, no segundo, estão os modos de ação, presentes no campo da manipulação e do ajustamento.

O regime de programação é regido pelas regularidades provenientes das causalidades físicas ou biológicas. Elas podem ser de comportamento social, em que sujeito e objeto agem de acordo com um programa previamente determinado, como os realizados nos encontros entre adultos, por exemplo, o cumprimento “Bom-dia!”. O acidente é o regime oposto, o surpreendente. É a descontinuidade dos comportamentos pré-determinados que estabelece um descontínuo na rotina, como

exemplifica Magro ao estudar a significação no espaço escolar. A pesquisadora relata o comportamento de uma mãe que teve o seu filho envolvido em uma briga,

[...] ao entrar na escola tomada por um “sentimento de justiça” tentou ali mesmo na quadra “acertar as contas” com aqueles que teriam brigado com seu filho. Aí se instalou o inesperado, como Landowski chama, o “acidente”, pois dentro da lógica contínua da regularidade programática desse espaço pátio aberto, em que os sujeitos estão em momentos de descontração próprio da hora do intervalo, o inesperado aconteceu. Deu-se a cena de briga entre a mãe e uma criança [...] (MAGRO, 2010, p. 90).

Apesar da regularidade da programação que mantém a escola (os horários de entrada, saída e recreio; tempo de duração das aulas; usos do espaço escolar; sujeitos-uniformes; estrutura curricular, entre outros) e que também está presente nos meios de comunicação (organização gráfica; linha editorial; tiragem; distribuição; etc.), estes dois espaços são de práticas cotidianas, onde circulam diversos modos de interação, de saber mediado entre diferentes sujeitos. Portanto, a programação que organiza estas duas instâncias sociais pode sofrer rupturas provocadas por estes sujeitos que agem independente das intencionalidades⁷ que norteiam os fazeres e saberes da escola e das mídias.

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que os programas que integram o Programa Jornal e Educação estão pautados em regularidades e intencionalidades determinadas pela Associação Nacional dos Jornais, a fim de fortalecer os valores aos quais estão submetidos enquanto empresas de comunicação. Mas eles também estão sujeitos a acidentes.

A formação de leitores críticos, como o Programa prevê, depende da interação e da relação de vários indivíduos nos espaços formais e não formais de educação, e que vivem em uma sociedade com diferentes dispositivos de armazenamento, classificação, difusão e circulação de informações resignificando os nossos modos de aprender e saber. Isso é um desafio para os associados do Programa Jornal e Educação. Até porque a proposta é formar um leitor a partir da leitura de jornais, ou melhor, de um jornal. Paulo Freire (2003, p. 11), aponta que “a leitura do mundo

⁷ O princípio da intencionalidade está no campo da manipulação, que requer um sujeito capaz de avaliar valores postos em jogo e um sujeito manipulador que age sobre o outro através de procedimentos persuasivos, levando-o a *querer* e *dever fazer* algo ou alguma coisa, de acordo com os seus interesses.

precede a leitura da palavra” e, acrescenta, “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” Isso é possível a partir da crítica do que se lê e de como se lê.

Trazemos para análise um dos programas vinculados ao Jornal e Educação, A Gazeta na Sala de Aula que está presente em escolas de 31 municípios do Espírito Santo. A organização do Programa e a sua história são apresentadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

2 A GAZETA NA SALA DE AULA: UM OLHAR SEMIOTIZADO

A Gazeta na Sala de Aula, programa de Mídia e Educação da Rede Gazeta, associado ao Programa Jornal e Educação, mantido pela Associação Nacional dos Jornais, iniciou as atividades em 1995. Por quase 15 anos foi identificado como uma ação apenas do jornal A Gazeta. Atualmente, outros veículos da empresa de comunicação também estão presentes em A Gazeta na Sala de Aula, mas o vínculo é com o impresso A Gazeta. Diante disso, faz-se necessário apresentar um breve histórico deste produto de comunicação, que circula no Espírito Santo há 84 anos, sendo 64 anos como veículo de comunicação da família Lindenberg.

2.1 O JORNAL A GAZETA

O jornal A Gazeta foi fundado em 11 de setembro de 1928 e pertencia ao empresário Hostílio Ximenes, dono da imobiliária Cambury, e ao jornalista, advogado, professor e político Adolpho Luis Thiers Vellozo. O objetivo era a venda de um loteamento que Ximenes possuía em Camburi, um bairro localizado na Capital, Vitória. A venda dos lotes não atingiu a expectativa, mas o jornal teve uma boa aceitação por parte da sociedade (BOURGUIGNON; REZENDE; ARRUDA, 2005).

A Gazeta nasceu com a proposta de independência em relação ao governo e de ser uma imprensa neutra. Foi desta forma que o jornal se apresentou em seu primeiro editorial.

A GAZETA

ANNO I

DIARIO NOTICIOSO E INDEPENDENTE - Gerente: Decio Silva

NUM. I

Edição de hoje, 6 paginas

VICTORIA - Estado do E. Santo. (Brasil) 11 de Setembro de 1928

Número anual: 6, 600 réis

NOSSO ROTEIRO

Um novo diário, em nossa Capital, é uma imperiosa e evidente necessidade.

Não ha quem o conteste, e quem não reconheça este reclamo urgente de um meio adiantado e progressista.

Custa a crer que tenhamos levado tanto tempo sem realizar esta iniciativa. As empresas congeneres naufragaram, e o exemplo d'esses fracassos inexplicaveis entibaram as vocações para essa especie de tirocinio intelectual.

Um unico jornal, entretanto, em uma cidade, que é a metropole do Estado, era um documento de atrazo e um testemunho de inercia da mentalidade capichaba, que, digamos de passagem, já teve periodos de intensa vibração e de ruidoso entusiasmo no dominio do jornalismo.

O organ do governo, por melhor orientado que seja, por superiores que sejam as suas produções, não pode deixar de ser, pela natureza mesma das suas altas funções, uma manifestação unilateral do pensamento da comunidade.

O seu campo de acção, apesar do seu dilatado ralo de operações, achia-se limitado pela imposição protocolar de requisitos, a cujo imperativo tem que ceder muitas vezes a espontaneidade das intelligencias orientadas pelo calor das paixões generosas e das campanhas effervescen-tes.

Elle tem que ser conciso, reservado, obediente a conveniencias multipias, uma vez que reflecte uma organização de elevadas finalidades, mas de indeclinaveis compromissos, de cujos vinculos não se pode afastar, sem que arraste na sua ainda que justa e opportuna exacerbação, a responsabilidade de opiniões naturalmente incompatíveis com as franquezas permittidas e necessarias aos periodicos desenlaçados de exigencias politicas e principios governamentais.

Eis porque, um novo jornal, não obstante sem intuitos de antagonismo, nem preocupações de critica partidaria, deve ser bem recebido, por mais modesta que seja a sua organização e a sua apparencia material.

Somos de opinião que num meio, onde falta por completo a imprensa neutra, sem compromissos de qualquer especie, um jornal, que venha supprir essa lacuna, por mais humilde que seja a sua feição graphica, e por mais despretenciosos que sejam os seus intuitos, deve contar com as sympathias da opinião publica.

Viremos conságrar-nos a todas as aspirações licitas da communhão espirito-santense, desde as suas classes conservadoras, até as suas classes operarias, com escala por todas as camadas sociais, que tenham um pensamento nobre a traduzir, e um interesse legitimo a defender.

Sob a responsabilidade dos seus autores, acceptaremos toda a collaboração, que visar o programma constructivo, a que obedece a marcha da nossa civilização, dentro dos mais strictos limites da moderação, do respeito rigoroso ás personalidades, da deferencia aos depositarios do poder, como representantes da vontade das maiorias populares.

Prestaremos um apoio decidido e um ardente estímulo ás iniciativas uteis e fructíferas, que necessitam de força moral e de demonstrações inequivocas de sympathia e applauso, como promotoras efficazes do progresso da nossa Capital e do nosso Estado, assim de que nem tudo seja preciso que os governos principiem, custeiem e coacem.

Verdade é que num estado social, como aquelle em que nos achamos, a elles toca uma função especifica de protecção e interferencia animadora, que lhe é licito exercer sem prejuizo do principio de sua intelra imparcialidade, em face de interesses particulares eventualmente contrapostos.

Temos o prazer de declarar que apparecemos á scena da publicidade, sem antipathia, sem vaidade, nem prevenções.

Acoheremos todos os bons conselhos, todas as re- clificações autorizadas, todas as generosas suggestões.

Nós que aqui se congregaram para abrir mais um respiradouro ás correntes intellectuaes da nossa terra re-ina felizmente um sadio optimismo, que nos leva a confiar seguramente no exito do commettimento que tomamos a peito, e no cumprimento dos destinos do Espirito Santo, sob a direcção do seu esclarecido governo, para os quaes procuraremos collaborar com a sinceridade e o fervor da nossa fé no futuro do nosso paiz.

(Editorial publicado na 1ª página do nº 1 de A GAZETA. Não foi possível recuperar o restante da página.)

FIGURA 5 – Capa da primeira edição de A Gazeta
Fonte: A GAZETA – 80 anos de história

Um ano depois de sua implantação, em 11 de setembro de 1929, o jornal manifestou apoio à Aliança Liberal. Em 1930, A Gazeta ampliou a sua oposição política em relação ao governo e apoiou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência do Brasil, o que provocou algumas manifestações contra o periódico. Um dos episódios aconteceu no dia 13 de fevereiro de 1930 e ficou conhecido como “Dia do Empastelamento”.

Um comício da Aliança Liberal em frente ao Colégio do Carmo, no centro de Vitória, foi interrompido a tiros pela polícia. Na cobertura do episódio, A Gazeta publicou a seguinte manchete: “13 de fevereiro de 1930. Data que se desenha em sangue na história do Espírito Santo, perpetuando a pusilanimidade de um governo”. (BOURGUIGNON; REZENDE; ARRUDA, 2005). Com isso, partidários invadiram a sede do jornal e impediram que a edição do dia seguinte continuasse a ser rodada. A Gazeta foi proibida de circular e só retomou as atividades meses depois, quando passou a intitular-se como um diário noticioso e independente. Em 1936, A Gazeta declarou ser um “órgão do Partido Social Democrático” (LINDENBERG NETO; CORREA; LEITE; MEDEIROS, 2008, p. 15)

Em meados da década de 1940, o jornal foi vendido a Eleosipo Rodrigues da Cunha, fazendeiro de São Mateus, interior do Estado, que tinha o intuito de fazer campanha política para o Brigadeiro Eduardo Gomes, integrante da União Democrática Nacional (UDN) e candidato à Presidência da República. Como o Brigadeiro perdeu as eleições, Cunha resolveu se desfazer do jornal, mas se recusava a vendê-lo para adversários do Partido Social Democrata (PSD). Carlos Lindenberg, político vinculado ao PSD, pediu a um amigo que comprasse o jornal. Ele fez a compra e transferiu as ações em 1948, quando o controle acionário de A Gazeta passou a ser da família Lindenberg, que ainda mantém o jornal. O periódico é atualmente o mais antigo em circulação no Espírito Santo.

Ao longo destes 64 anos, em que pertence à família Lindenberg, o jornal A Gazeta se firmou como um produto de linha editorial conservadora, com perfil elitista, voltado para o público das classes A, B e C (MARTINUZZO, 2005).

Desde a década de 1990 o jornal vem passando por significativas modificações quanto a sua forma, conteúdo e distribuição, consequência dos avanços tecnológicos e da redução do número de leitores. Em 1992, A Gazeta começou a usar fotos coloridas, seguindo uma tendência do que vinha sendo utilizado por outros jornais do País e contratou uma empresa de consultoria para cuidar do planejamento estratégico do jornal. Dois anos depois, inaugurou o sistema de informatização da redação.

No entanto, mesmo com o progresso técnico e administrativo, o jornal, que outrora vendia aproximadamente 100 mil exemplares aos domingos, estava perdendo cada vez mais leitores. *A Tribuna* ultrapassa as vendas de *A Gazeta* e, paralelamente, cresce o número de assinaturas de jornais de fora do Estado, como *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil* (BOURGUIGNON; REZENDE; ARRUDA, 2005, p. 81).

Uma segunda reforma gráfica foi realizada em 1999, quando a Rede Gazeta construiu um novo parque gráfico. O jornal A Gazeta passou a circular com maior número de fotografias e de recursos gráficos. Mas a mudança não aconteceu somente na forma. Ela foi também editorial. O jornal adotou textos curtos e priorizou a cobertura de assuntos locais. Até então, A Gazeta seguia uma linha de valorização das editoriais de política e economia, que agrupam notícias consideradas sérias, racionais.

CADERNO DOIS

Arranjos poderosos no novo disco de Moska. Página 1



Tchan lança CD e prepara uma turnê nacional. Página 5

CADERNO DE INFORMÁTICA

Sistemas como estabilizadores e filtros de linha podem proteger micros e periféricos. Página 1

Notícias sobre o fim do mundo e o último eclipse solar em sites da Web. Página 6

Edição ENCERRADA
às 22h

Preço do exemplar
R\$ 0,80

A GAZETA

Fundada em
11 de setembro de 1928
por Thiers Vellozo

Vitória (ES), terça-feira,
10 de agosto de 1999 - Nº 24.255 -
Ano LXVI - Endereço na Web:
<http://www.agazeta.com.br>

GRANDE VITÓRIA



As previsões quanto ao fim do mundo, esperado para amanhã, não passam de superstição e até mesmo piada, na opinião de muitos capitabas. Glaziel Pereira Falcão, 16 anos, estudante, não está preocupada. "Não acredito que alguém possa prever isso". Outros, porém, acreditam que o dia trágico, mesmo que não ocorra amanhã, está próximo.

SUA RESPOSTA VALE UM ANO

Deposite seu cupom hoje até o meio-dia

1º SORTEIO AMANHÃ

TEMPO

A previsão para hoje, no Estado, é céu rubulado a parcialmente rubulado, com chuvas no Litoral. Temperatura estável. Ventos das quadrantes Norte a Sul, de fracas a moderadas, com rajadas. Visibilidade moderada a boa. **Página 19**

COTAÇÕES

Dólar	Comercial	Paralelo	Turismo
Compra	1,8570	1,8600	1,8600
Venda	1,8560	1,8590	1,8600
Ouro	35,43		
Índice	0,9770		
Previdência	0,783%		
IGP-M/76V (juho)	-1,50%		

NESTA EDIÇÃO

2 TRE lança programa para familiarizar eleitor com urna eletrônica

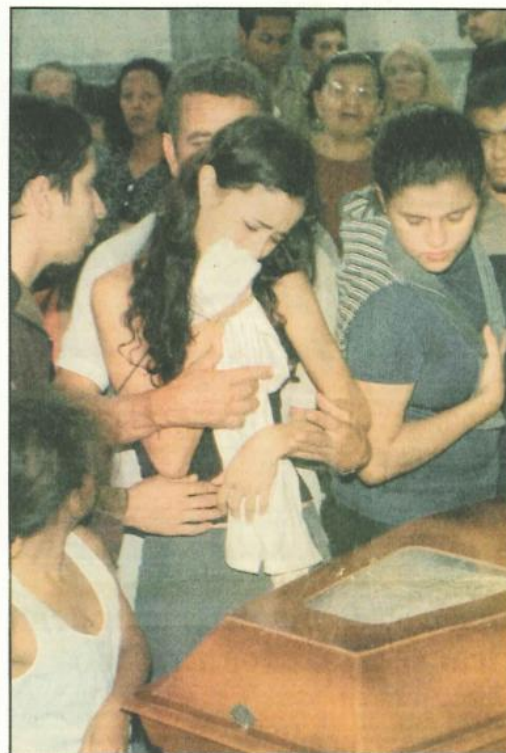
6 ES faz dia primeiro mutirão contra sonegação de ICMS e IPVA

21 Serra inicia treinos para disputar o Campeonato Brasileiro da Série C

48 PÁGINAS

POLÍTICA	2 E 3
OPINIÃO	4 E 5
ECONOMIA	6 A 10
BRASIL	11
INTERNACIONAL	12
GRANDE VITÓRIA	13 A 17
ESTADO	18 E 19
POLÍCIA	20
ESPORTE	21 A 24
INFORMÁTICA	6 PÁGINAS
CADERNO DOIS	6 PÁGINAS
CLASSIFICADOS	12 PÁGINAS

VENDA DE ASSINATURA 200,2121



Desespero. Revoltados, amigos e parentes de Rodrigo acompanharam o velório na Igreja São Sebastião. Moradores reclamam da falta de segurança no bairro

Rapaz é assassinado em Jucutuquara

ALBA BUENO

Dois assassinatos registrados em 24 horas, em locais próximos, no Bairro Jucutuquara, Vitória, chamam a atenção da Polícia. Na noite de domingo, o freguês Rodrigo de Paula Seixas, 20, foi morto, e dois rapazes feridos a tiros, em um ponto de ônibus. O principal suspeito do crime é um soldado da PM, cujo

nome está sendo mantido em sigilo pela Polícia Civil. Rodrigo conversava com os amigos, o estudante Maxael Evandro Ferreira e o eletricitista Carlos Antônio Porfírio Júnior, quando, segundo testemunhas, o militar se aproximou e, sem nada dizer, atirou. Na noite de sábado, Jorge Ferreira foi morto. A PC não descarta a hipótese de os crimes estarem relacionados. **Página 20**

Cofavi não pagou indenizações

RYLA BRUNO

A Procuradoria da República no Espírito Santo está solicitando a abertura de inquérito policial para apurar o desvio de uma indenização trabalhista, equivalente a R\$ 5 milhões, ocorrido na Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi). O dinheiro, que deveria servir para o pagamento das perdas salariais

ocorridas no Plano Bresser, nunca chegou às mãos dos trabalhadores, e foi repassado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ao grupo paulista Dutra, em 1989, por ocasião da privatização da empresa. O documento no qual a Procuradoria pede à PF a apuração dos fatos foi divulgado, ontem, por um grupo de ex-funcionários da Cofavi. **Página 7**

Lei muda a venda de medicamentos

ELAINE SILVA

O Ministério da Saúde divulga, hoje, lista com o nome de 100 medicamentos genéricos, ou seja, o princípio ativo da fórmula. A "Lei dos Genéricos" provocará mudanças, já que o consumidor poderá optar pelo medicamento, produzido por laboratórios diferentes, que seja mais barato. **Página 16**

SALDANHA Falta dinheiro e clube vive decadência

PETER FALCÃO

Fundado há 97 anos, o Saldanha da Gama, um dos mais tradicionais clubes de Vitória, ainda não tem sede definitiva, está sem dinheiro em caixa e com atividades sociais e esportivas restritas. O Saldanha cedeu a sua imponente sede, no Forte de São João, à Secretaria de Estado da Cultura e Esportes, em troca de um terreno de 21 mil metros quadrados na Enseada da Suá. O acordo, porém, ainda não foi oficializado, e o clube segue perdendo sócios, dinheiro e campeonatos para os seus adversários. **Página 22**



Manifestantes foram para a Prefeitura de Conceição do Castelo protestar contra a reintegração do prefeito, Francisqueto Amorim, afastado pela Câmara em junho. **Página 3**

AUMENTO Consumidor já paga R\$ 18 por gás de cozinha

CYNTHIA BENTO ALVES

O preço da botija de gás de cozinha subiu em média 9%, na Grande Vitória, com o novo reajuste dos combustíveis - o quinto do ano - em vigor desde sábado. A botija passou a custar ao consumidor final R\$ 18,00 na entrega em domicílio. De acordo com o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Gás Liquefeito de Petróleo do Estado, Miguel Fernandes, os aumentos estão afetando as vendas das empresas legalizadas e estimulando o comércio clandestino. **Página 9**

FIGURA 6 – Jornal A Gazeta em 1998
Fonte: A GAZETA – 80 anos de história

Uma das mudanças mais significativas aconteceu em 17 de julho de 2011, durante o período de coleta de dados desta pesquisa. O jornal A Gazeta, que circulava desde a sua primeira edição, em 1928, no formato *standard*, passa para o formato compacto.



FIGURA 7 – Primeira edição de A Gazeta no formato compacto
Fonte: Jornal A Gazeta

O formato compacto adotado pelo jornal A Gazeta é semelhante ao tabloide, formato do seu principal concorrente, A Tribuna, que hoje lidera o mercado em número de vendas.

Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), em fevereiro de 2012, o jornal A Gazeta comercializava aos domingos, dia da semana em que acontece o maior número de vendas, cerca de 48 mil exemplares no Espírito Santo, entre vendas avulsas e assinaturas. Neste mesmo período, a circulação do seu concorrente, A Tribuna, chegou a quase 85 mil exemplares. De segunda a sexta, também no mês de fevereiro, a média de jornais A Tribuna comercializados foi de 57.500 jornais. A Gazeta vendeu no mesmo período uma média de 21.300 exemplares. São números que chamam a atenção. A Gazeta, em fevereiro de 2012, vendeu quase três vezes menos exemplares do que A Tribuna.



FIGURA 8 – Capas dos jornais A Gazeta (compacto) e A Tribuna (tabloide). Edições do dia 04 de abril de 2012.

Fonte: Blog Mídia Mundo

A primeira edição de A Gazeta em formato compacto foi comercializada junto com um Guia do Leitor, que trouxe informações sobre as mudanças ocorridas, com o seguinte texto: “Muda o formato, muda o desenho, muda o espírito. Nas páginas da nova A GAZETA, o leitor vai encontrar um jornalismo dinâmico, com informações mais rápidas, além de textos mais analíticos. Confira as mudanças que preparamos para você A GAZETA DO SEU TEMPO!”.



FIGURA 9 – Capa do Guia do Leitor
Fonte: Jornal A Gazeta

No Guia do Leitor, A Gazeta apresenta-se como um sujeito competente e dinâmico. Ao figurativizar seu fazer, ou seja, o jornalismo, como sendo “dinâmico”, “rápido” e “analítico”, o jornal instala-se na contemporaneidade e convoca o leitor a fazer parte desse tempo dinâmico, mas que é analítico; e rápido, porque a forma de manifestação do conteúdo apresenta-se em pequenos blocos textuais (sejam verbais ou visuais). Para corroborar esse discurso da modernidade, no rodapé da página, A Gazeta apresenta uma linha do tempo, em que três capas do jornal em diferentes apresentações gráficas, todas em formato *standard* (a mancha gráfica da página mede 52,5 por 29,7 centímetros), e com legendas enfatizando a participação do jornal no desenvolvimento social, econômico e político do Estado.



FIGURA 10 – Recorte da parte inferior da primeira página do Guia do Leitor
Fonte: Jornal A Gazeta

Portanto, discursivamente, A Gazeta busca levar o leitor a entrar em conjunção com a modernidade, mas uma modernidade engajada política e economicamente de acordo com a linha ideológica do jornal (que veremos nos nossos estudos). O contrato de fidúcia entre o leitor e o jornal, apesar da mudança gráfica, é, desse modo, mantido, pois o formato muda, mas o conteúdo não. Será?

Ao relatar a mudança, o jornal convoca o leitor a entrar em conjunção com aquele produto, afinal, as mudanças foram feitas para atender o leitor. A ilusão discursiva de autorreconhecimento, de autoinclusão, de fazer parte de um determinado corpo é que move o contrato de adesão. No site institucional, a empresa jornalística explica que a mudança no jornal A Gazeta não se restringe ao formato.

[...] inclui um novo conceito na produção de informação jornalística, considerando todas as plataformas possíveis, com aplicativos para iPad e iPhone. Com isso, A Gazeta deixa de ser apenas um jornal impresso para se tornar uma empresa multimídia que oferece produtos na plataforma e do jeito que o cliente quiser (REDE GAZETA. Disponível

em:<<http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/redegazeta>>. Acesso em: 21 jun. 2012).

Para alguns públicos, dentre eles os monitores de A Gazeta na Sala de Aula, a edição que marcou a mudança de A Gazeta foi entregue em uma capa de cor azul – o mesmo azul do logo do jornal – e com o seguinte texto verbal: “No formato que você queria, com a qualidade e credibilidade de sempre.” Na parte inferior desta capa assina o jornal A Gazeta.



FIGURA 11 – Foto da capa de lançamento do novo Jornal A Gazeta
Fonte: Jornal A Gazeta

Ao abrir a capa, o leitor depara-se com uma carta impressa no verso. A carta é assinada por Álvaro Moura, Diretor Executivo de Mídia Impressa.

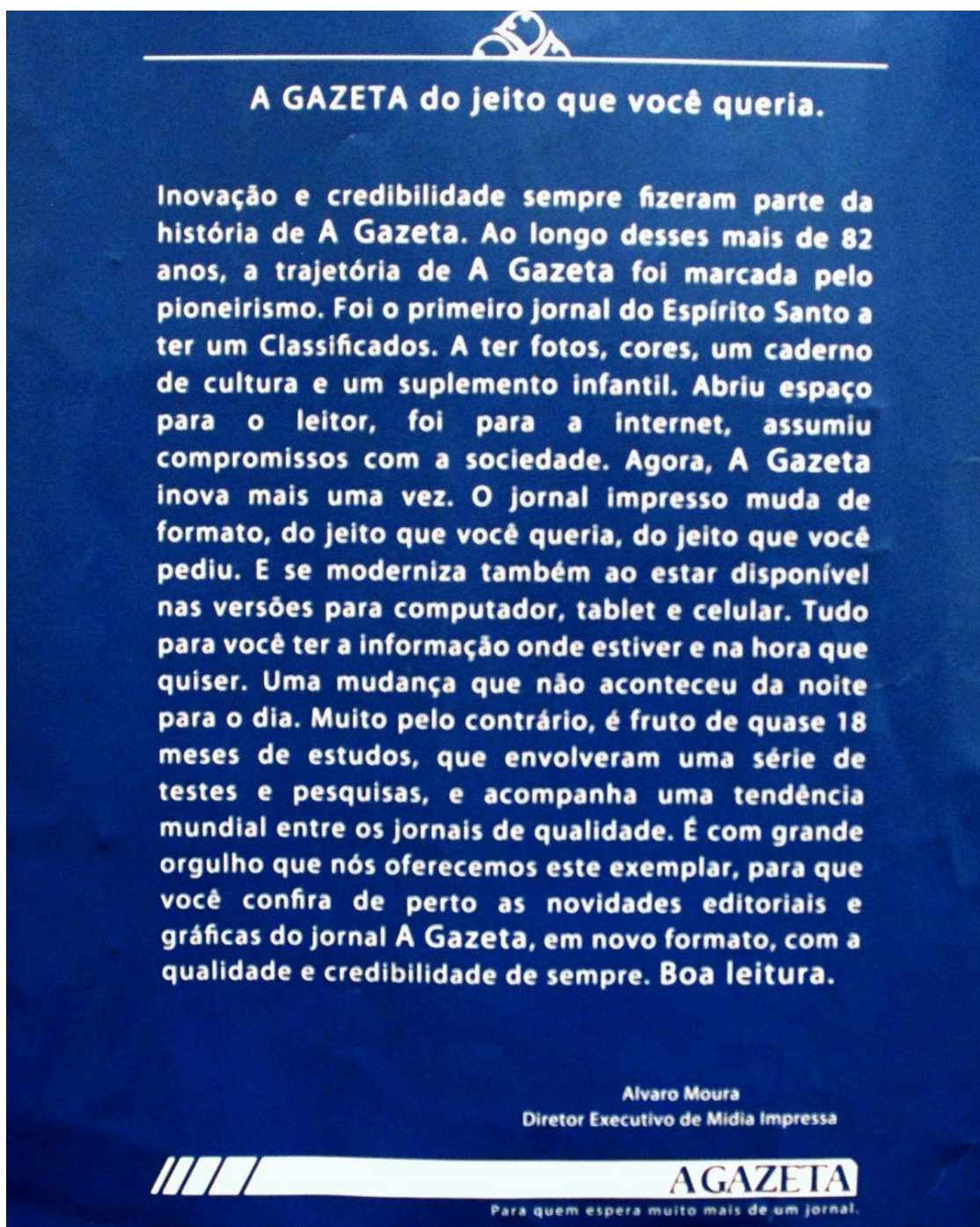


FIGURA 12 – Carta apresentada no Guia do Leitor
Fonte: Jornal A Gazeta

Nessa carta, o enunciador – jornal A Gazeta, apresenta-se, mais uma vez, a partir de uma mensagem de “valorização de si”. Inovação, pioneirismo, compromissos são palavras presentes no texto. Este enunciador também se apresenta como aquele que escuta o enunciatário e atende aos seus desejos: A Gazeta do jeito que você queria; do jeito que você pediu. Ele cumpre a promessa, que segundo Landowski pode corresponder a um pedido prévio do enunciatário, estabelecendo com ele uma relação de confiabilidade.

[...] a promessa põe em relação dois parceiros e visa, entre eles, a conclusão de uma espécie de contrato pelo qual aquele que promete (S1, o enunciador) se compromete a ‘fazer alguma coisa’, e, mais precisamente, alguma coisa conforme a ‘expectativa’ de seu parceiro (S2, o enunciatário) (LANDOWSKI, 1992, p. 156-157).

Ao ler a carta, o leitor é informado de que a mudança ocorrida em A Gazeta começou a ser estudada no ano de 2010, já que entre os estudos de viabilidade e circulação da edição de 17 de julho de 2011 são quase 18 meses. Foi em 2010 que o programa A Gazeta na Sala de Aula passou a fazer uso de outros veículos da Rede Gazeta, até então era um programa restrito ao jornal A Gazeta. Foi na década de 1990, época em que A Gazeta começou a perder leitores para o jornal A Tribuna, que o programa A Gazeta na Sala de Aula foi implantado pela empresa de comunicação. Percebe-se que é estreita a relação do Programa com as mudanças gráficas e editoriais de A Gazeta em busca de reposicionamento de mercado.

2.2 A GAZETA NA SALA DE AULA

O programa A Gazeta na Sala de Aula teve início em 1995 com a participação de quatro escolas. Em 1996, um ano depois de sua implantação, o número de colégios chegou a 310. Atualmente estão envolvidos com o programa 31 municípios, quase 30 mil alunos e 631 educadores. O Programa está presente em 348 escolas do Espírito Santo. Mas foi em 1998 que ele contou com o envolvimento do maior número de escolas, totalizando 609. Oito da rede particular de ensino e 601 colégios da rede pública.

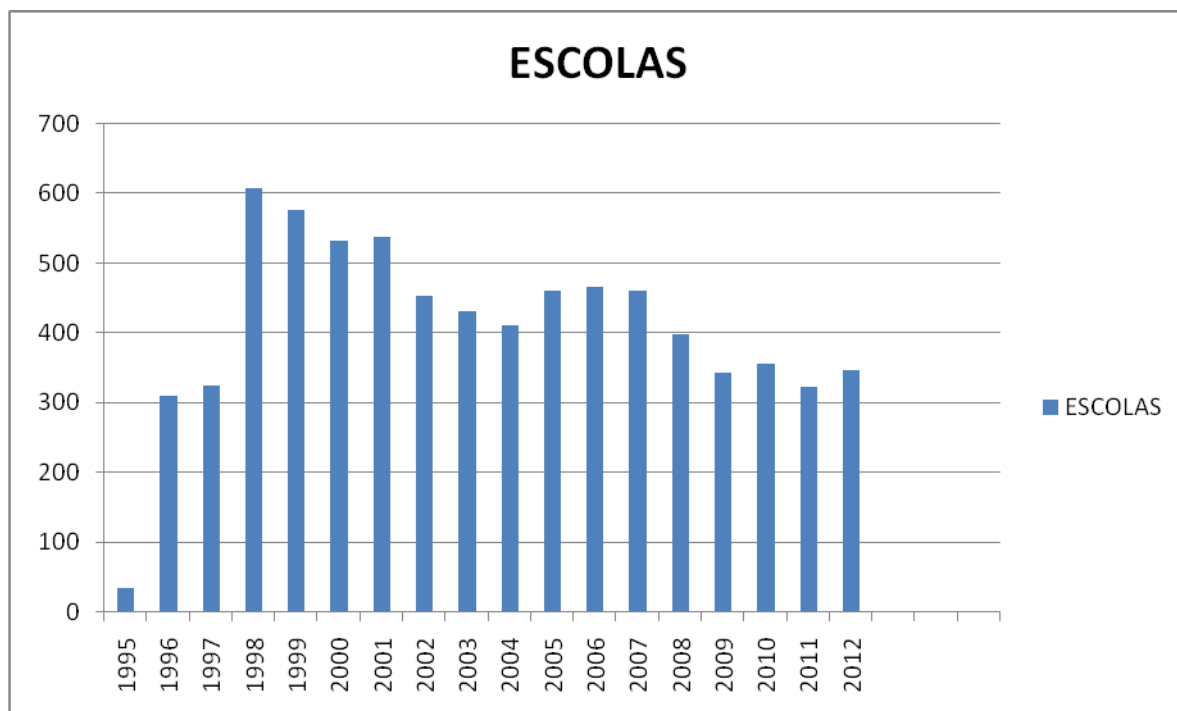


GRÁFICO 1 – Relação ano e nº de escolas participantes de A Gazeta na Sala de Aula
 Fonte: Instituto Carlos Lindenberg

A redução no número de escolas participantes aconteceu por opção da empresa de comunicação. Cristina Moraes, coordenadora de A Gazeta na Sala de Aula, em entrevista⁸, explicou que, de 1999 a 2009, na medida em que um município deixava de participar do programa, outro não era convidado. A decisão foi tomada pela empresa por questões financeiras⁹. Outra iniciativa da Rede Gazeta foi direcionar o Programa para as escolas públicas. Atualmente, apenas duas escolas particulares, situadas na Grande Vitória, participam de A Gazeta na Sala de Aula. São colégios que permaneceram ao longo dos anos, mas a adesão de outras instituições privadas não é permitida. A coordenação do programa justifica a decisão pelo fato de que as escolas públicas precisam mais de ações desenvolvidas pelo setor privado do que as escolas particulares.

O maior número de escolas participantes de A Gazeta na Sala de Aula é do interior do Estado, totalizando 264. Cachoeiro de Itapemirim e Linhares são os municípios com maior quantidade de colégios envolvidos. A região da Grande Vitória, que é

⁸ Entrevista concedida à pesquisadora em 21 de julho de 2011.

⁹ Para a reforma gráfica do jornal A Gazeta em 1998, a empresa construiu um novo parque gráfico e comprou uma impressora norte-americana. Na época a Rede Gazeta divulgou que o investimento era de US\$ 15 milhões. Foi neste período que o câmbio oscilou e as dívidas em dólares ganharam proporções que afetaram financeiramente as empresas.

formada pelos municípios de Vitória, Serra, Cariacica, Vila Velha, Viana, Fundão e Guarapari, tem a participação de 82 escolas públicas. Sendo que os municípios de Viana e Fundão não têm escolas cadastradas no programa.



GRÁFICO 2 – Relação nº de escolas e municípios participantes de A Gazeta na Sala de Aula.
Fonte: Instituto Carlos Lindenberg

Apesar de 76% de participação em A Gazeta na Sala de Aula ser de escolas públicas do interior do Estado, vale ressaltar que, na Grande Vitória, concentra-se quase a metade da população do Espírito Santo. O último Censo divulgado pelo IBGE (2010) aponta que a população do Estado é formada por 3.512.672, sendo que 1.668.356 reside na Grande Vitória e 1.844.316 no interior do Estado.

Quando se observa a relação do número de alunos por município, Vila Velha tem o maior número de estudantes cadastrados em A Gazeta na Sala de Aula. São 3.132 alunos da rede pública. Já a capital do Espírito Santo, Vitória, está entre os três últimos em participação, ficando à frente apenas de Rio Novo do Sul e Sooretama, interior do Estado.

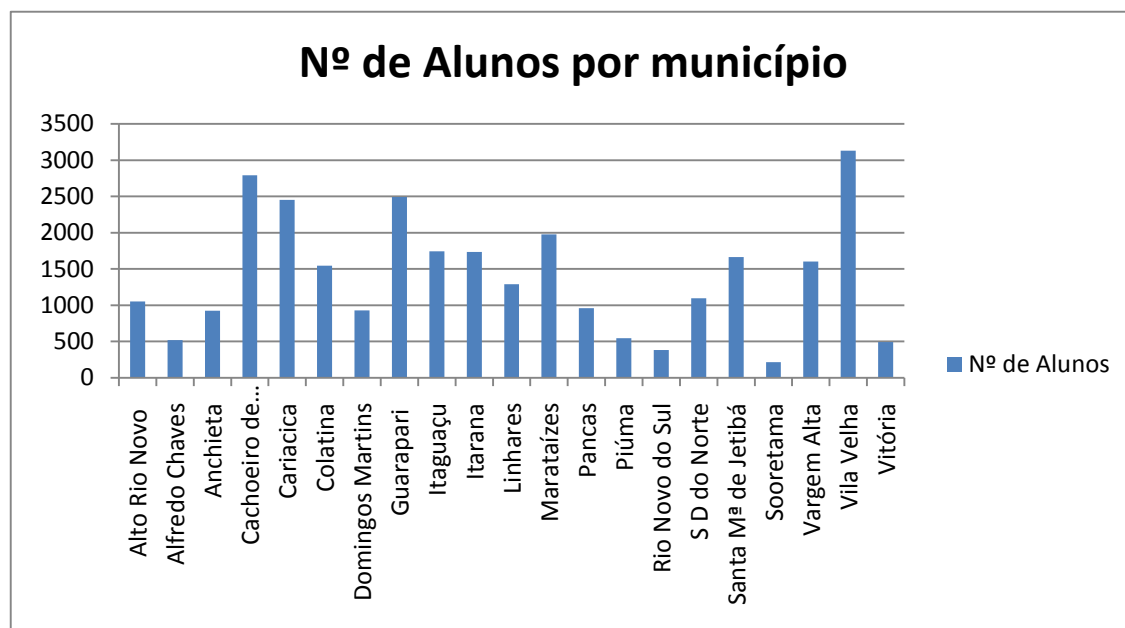


GRÁFICO 3 – Relação nº de alunos por municípios participantes de A Gazeta na Sala de Aula.
Fonte: Instituto Carlos Lindenberg

Dos 631 profissionais da educação envolvidos com A Gazeta na Sala de Aula, o maior número de participantes é da rede municipal de ensino de Cariacica, que é o quarto em número de alunos. São 2.452 estudantes e 63 professores. Vila Velha, que tem o maior número de alunos, conta com a participação de 48 docentes. No interior do Estado, Linhares é o município com maior adesão. Como mostra o gráfico a seguir:

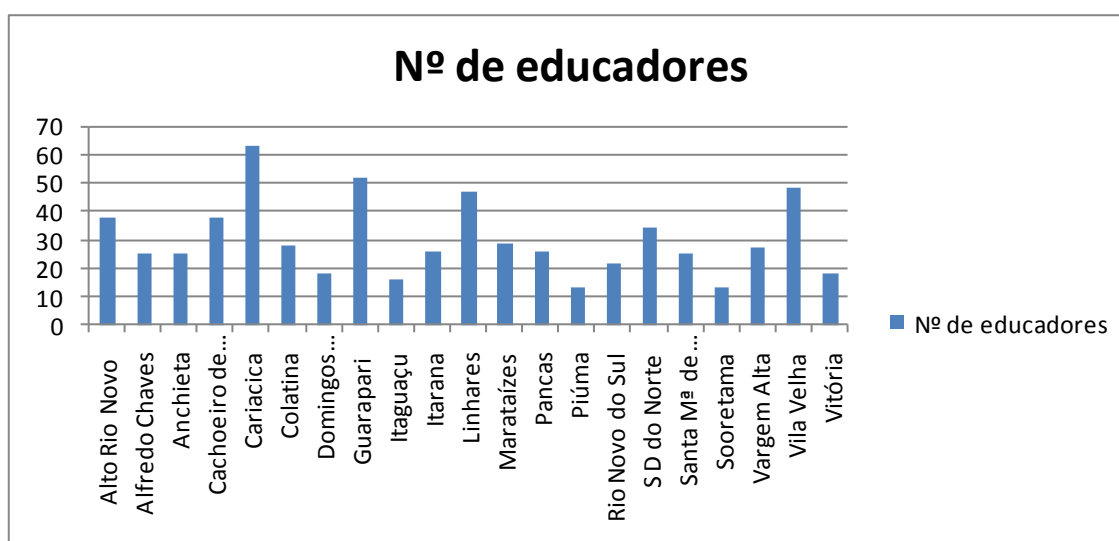


GRÁFICO 4 – Relação nº de educadores por município participantes de A Gazeta na Sala de Aula.
Fonte: Instituto Carlos Lindenberg

Os professores participantes são docentes da Educação Infantil e Educação Fundamental e recebem da Rede Gazeta, entre os meses de março a novembro, vinte jornais mensais. Os jornais são entregues na secretaria de educação dos municípios para que sejam repassados aos professores. Desde a sua implantação, os objetivos de A Gazeta na Sala de Aula são:

- ✓ Incentivar o gosto pela leitura e o senso crítico dos alunos.
- ✓ Ensinar de forma diferente, trazendo para a sala de aula o que acontece no bairro, na cidade e no mundo.
- ✓ Despertar desde cedo o interesse pela informação, usando a notícia como fonte de pesquisa e estudo.

Para atingir esses objetivos, trabalha-se dando sugestões aos professores de como eles podem utilizar a informação jornalística como suporte para o aprendizado em ambientes educativos. Em materiais de divulgação, o programa apresenta-se como “uma oportunidade de aprender de forma criativa, desenvolvendo o senso crítico com informação, consciência e opinião”. É ele que leva para a sala de aula os acontecimentos do mundo, como mostra o material de divulgação de um evento que aconteceu em junho de 2011 envolvendo os professores.

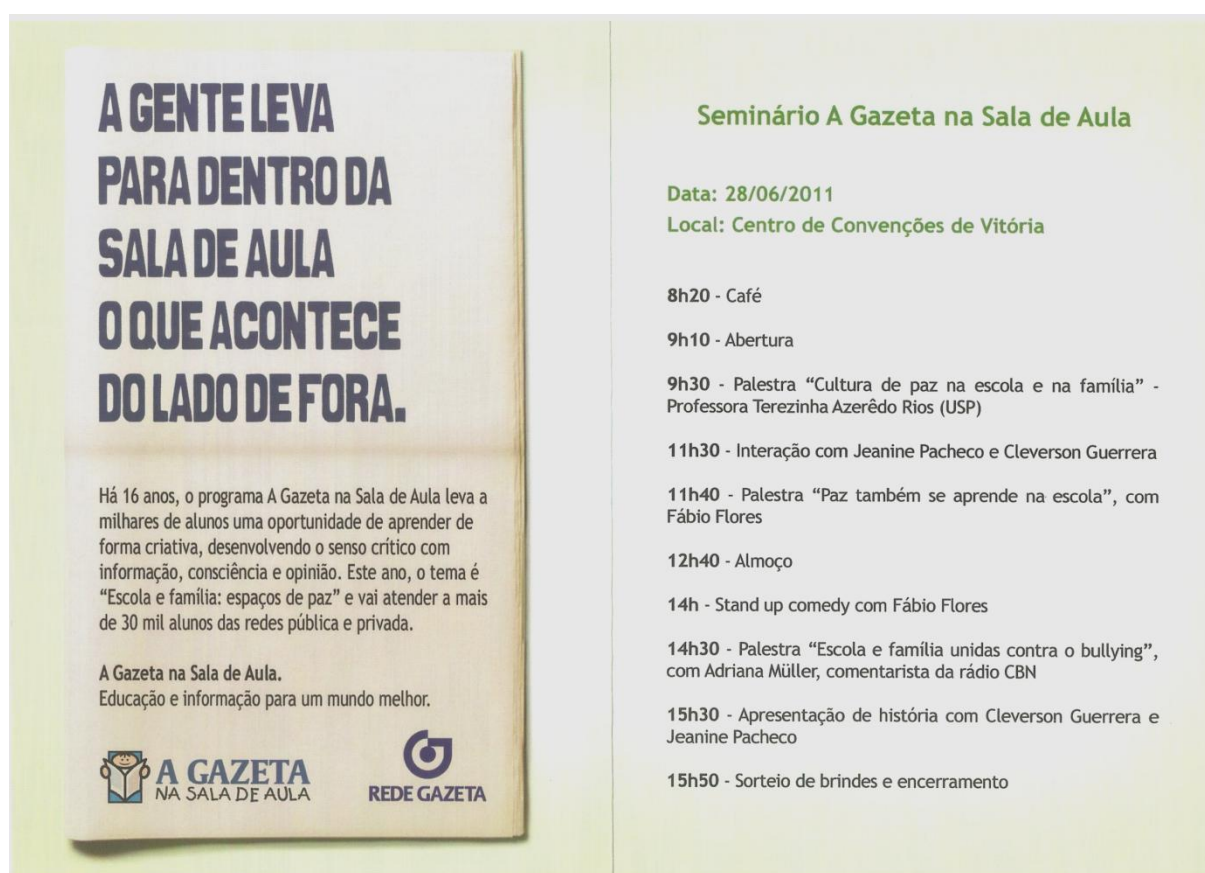


FIGURA 13 – Folder de divulgação do Seminário A Gazeta na Sala de Aula
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

A Gazeta na Sala de Aula é conduzido por uma equipe formada por três pessoas: duas pedagogas, sendo que uma delas é a coordenadora, e uma estagiária de Pedagogia. Elas foram contratadas pela empresa de comunicação especificamente para atuarem no Programa, que é o principal projeto de ação social da Rede Gazeta. Atualmente, A Gazeta na Sala de Aula está vinculado ao Instituto Carlos Lindenberg, que iniciou as atividades em agosto de 2011, com a missão de “Promover a capacitação profissional, atividades culturais e campanhas para professores, jovens e adultos, tendo como instrumento as mídias e a informação, visando à cidadania e à inclusão social no Espírito Santo”.

A Gazeta na Sala de Aula é organizado em etapas que são oficinas pedagógicas, encontros regionais, seminário, jornada e concurso. A explicação para cada etapa é disponibilizada no site do Programa.

Oficinas pedagógicas - São promovidas quatro por ano, com o objetivo de discutir temas educacionais e sistematizar a utilização da informação veiculada por diferentes veículos de comunicação como ferramenta de trabalho, com foco na leitura crítica e na formação para a cidadania.

Encontros regionais - São realizados cinco vezes ao ano, visando atender os monitores, pessoas responsáveis pelo programa em seus respectivos municípios/escolas particulares.

Seminário - Palestras e apresentações culturais são oferecidas aos professores, num clima de confraternização.

Jornada A Gazeta na Sala de Aula - É realizada uma vez por ano com o objetivo de promover a troca de experiências entre os professores participantes. São apresentados projetos com foco na aprendizagem através da informação jornalística, desenvolvidos pelos professores e escolhidos através de um concurso.

Concurso Mídias na Educação - Escolha dos oito melhores projetos inscritos para apresentação na Jornada. Seleção dos três melhores trabalhos, no dia do evento, para receberem prêmios (A GAZETA EM SALA DE AULA. Disponível em: <<http://www.agazetanasaladeaula.com.br>>. Acesso em: 21 jun. 2012).

Pela descrição das etapas, constata-se que, nas Oficinas Pedagógicas, o Programa apresenta aos monitores o recorte de conteúdos que ele faz do jornal e dos demais veículos de comunicação que constituem a Rede Gazeta para serem trabalhados nas escolas. O *fazer saber* do Programa é compartilhado com os monitores dos municípios que participam das Oficinas, porque eles aceitaram o convite para estar ali. As demais etapas são de atendimento e socialização das ações envolvendo outros sujeitos – o professor.

Através do site de A Gazeta na Sala de Aula, monitores e professores acompanham a agenda de atividades, notícias referentes ao Programa ou aos veículos da empresa de comunicação, banco de ideias, fórum, entre outros. Uma área restrita dá acesso a palestras, apostilas e documentos para *download*.



FIGURA 14 – Imagem da página principal do site <http://www.agazetanasaladeaula.com.br>. Acesso em: 27 de agosto de 2012.

Fonte: Site da Rede Gazeta

A equipe de A Gazeta na Sala de Aula também produz o informativo Informe, uma publicação mensal impressa, veiculado entre os meses de março a novembro. Ele é mantido pela Gerência de Comunicação Empresarial da Rede Gazeta, e uma jornalista é responsável pela publicação.



FIGURA 15 – INFORME, junho/2011
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

O Informe é organizado a partir das seguintes seções: Educação, Em Destaque, Em Foco, Assunto do Mês, Registro, Hora do Recreio e Prova dos 9. Em Educação, estão os artigos assinados por professores e que, em sua maioria, mencionam matérias publicadas pelo jornal A Gazeta. Na seção Em Foco, são apresentados projetos vinculados A Gazeta na Sala de Aula e que estão em desenvolvimento nas escolas. Das oito páginas do jornal, três são destinadas a esta seção. Elas seguem uma mesma organização visual e verbal. Os projetos são apresentados pelo título, objetivos, desenvolvimento, comentário, identificação do professor, escola, série e município. Fotografias ou ilustrações acompanham a descrição verbal. Todos os projetos apresentados são realizados a partir de matérias publicadas pelo jornal A Gazeta. Como mostram os exemplos abaixo:

Pintando a nossa cultura

Objetivos:

- Reconhecer o valor da cultura para a nossa vida.
- Identificar manifestações de cultura no nosso município.

Desenvolvimento:

- Exploração da matéria “Mestres da pintura na UFES”, publicada no jornal A GAZETA
- Conversa informal sobre o Dia Nacional da Cultura Brasileira, exemplificando formas através das quais a cultura se manifesta.
- Passeio pela praia para observar a paisagem, as catadeiras de conchas, as marisqueiras, entre outras riquezas de nosso município.
- Aula expositiva sobre os hábitos das pessoas de nossa cidade: como vivem, o que comem, etc.
- Produção de desenhos relacionados com os costumes das pessoas de nossa cidade.

Professora: Âmara M. Guimarães

Escola: Jardim de Infância

Série: Pré II

Município: Piúma



GILSON

FIGURA 12 – NFORME, setembro/ 2011.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

A Gazeta dos alunos

Objetivos:

- Adquirir competência linguística e habilidades necessárias à produção de texto.
- Promover a expressão escrita e a aproximação com as notícias.
- Explorar o jornal e suas características.

Desenvolvimento:

- Distribuição do jornal A GAZETA para apreciação.
- Escolha de reportagens que mais chamaram a atenção, explorando sua leitura e interpretação.
- Identificação das particularidades de um livro, percebendo de que forma produzir um.

- Recorte das reportagens escolhidas, produzindo coletivamente textos sobre elas.
- Montagem de um livro coletivo com notícias, para apreciação dos alunos.

Comentário:

- “É muito interessante fazer uma ‘Gazeta dos alunos’. Além de ser uma aula interessante e diferente, fica também muito prazerosa. Os alunos amaram.”

Professora: Elzira Harckbart

Escola: EMEF Alto Bela Aurora

Série: múltipla

Município: Pancas

FIGURA 13 – INFORME, setembro/ 2011
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula



O jornal para desenvolver a linguagem oral

Objetivos:

- Desenvolver a criatividade.
- Adquirir competência linguística.
- Ampliar as habilidades artísticas.
- Utilizar o jornal A GAZETA como suporte para linguagem escrita.
- Apreciar palavras e figuras encontradas no jornal.

Desenvolvimento:

- Apresentação do jornal A GAZETA e suas partes.
- Leitura crítica do jornal.
- Leitura de imagens.
- Escolha individual de imagens de acordo com o interesse de cada um.
- Confecção de cartaz com o material

escolhido.

Comentário:

“Percebemos que a maioria das crianças já possui contato com o jornal. O trabalho em sala de aula foi de grande importância porque houve um envolvimento muito grande entre os alunos. Todos puderam participar com dedicação e entusiasmo das atividades propostas”.

Professora: Maria Sônia D. Oliveira e Nazivanete Freitas Pereira

Escola: CEIM Enock de Freitas

Série: Educação Infantil

Município: Linhares

FIGURA 18 – INFORME, julho/ 2011.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Nas seções Registro, Hora do Recreio e Em Destaque, são noticiados fatos que envolvem A Gazeta na Sala de Aula ou sobre o programa Jornal e Educação. Prova dos 9, que ocupa a contracapa do jornal, traz uma entrevista especial ou reportagem do assunto que é a capa do informativo.

Em setembro, a capa do Informe destacou os três programas brasileiros vencedores do Prêmio Mundial Jovens Leitores, da Associação Mundial de Jornais. A Gazeta na Sala de Aula foi um dos vencedores, com um trabalho, “Lar, doce lar, quanto vale a sua história?”, realizado no município de Santa Maria de Jetibá, interior do Espírito Santo. A proposta do trabalho surgiu a partir de uma matéria publicada pelo jornal A Gazeta, que denunciava a venda de imóveis antigos para que a madeira fosse transformada em móveis de demolição. Os alunos de uma escola da rede municipal de ensino desenvolveram uma atividade de resgate à cultura pomerana, incentivando a preservação das casas típicas. A atividade realizada pelos alunos fez com que A Gazeta na Sala de Aula recebesse a Comenda da Categoria Jornal e Educação.

Além de A Gazeta na Sala de Aula, outros dois programas de Jornal e Educação foram premiados, são eles: “Ler e Pensar: Gazeta do Povo nas escolas”, mantido pelo jornal Gazeta do Povo, do Paraná e “Vamos Ler: Jornal da Manhã”, do Jornal da Manhã, de Criciúma – Santa Catarina. Os dois programas são de jornais do sul do país e direcionados para alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio de escolas públicas e particulares.

INFORME

INFORMATIVO MENSAL DO PROGRAMA "A GAZETA NA SALA DE AULA" - ANO 14 - Nº 125 - SETEMBRO/2011

Leia o Informe na internet: www.gazetaonline.com.br/saladeaula



SÓ DÁ

Brasil!

No mês de outubro, A GAZETA vai receber, na Áustria, a Comenda da Categoria Jornal e Educação do Prêmio Mundial de Jovens Leitores, da Associação Mundial de Jornais (WAN-IFRA). Acompanhe a entrevista realizada com representantes de outros dois jornais brasileiros ganhadores do prêmio.

Pág. 08





FIGURA 14 – Premiação de A Gazeta na Sala de Aula
 Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

10 CIDADES

A GAZETA QUINTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 2011

RECONHECIMENTO

Prêmio mundial com missão cumprida

Reportagem de A GAZETA inspirou projeto e ganhou comenda

FREDERICO GOULART
fgoulart@redgazeta.com.br

A história das casinhas brancas de janelas azuis – símbolo da cultura pomerana – que desapareciam do cenário rural do Estado ao serem vendidas por até R\$ 4,5 mil ganhou o mundo: uma reportagem de A GAZETA sobre o tema foi reconhecida com um prêmio internacional, da Associação Mundial de Jornais e Editores de Notícias (WAN-IFRA).

Publicada em 18 de outubro de 2009, com texto da jornalista Vilmaria Fernandes e fotografias do repórter fotográfico Gil do Loyola, a matéria – de três páginas – serviu como denúncia. E, meses depois, foi a inspiração para o projeto “Lar Doce Lar”, na Escola Fazenda Frans Schneider, de Santa Maria de Jetibá, Região Centro-Serrana.

Com o projeto, educadoras pretendiam sensibilizar as crianças sobre a situação das moradias características da região.

PROGRAMA

Incorporada ao programa A Gazeta na Sala de Aula, a iniciativa das professoras rendeu à GAZETA o prêmio *Commend* na categoria Newspaper in Education Program – Programa Jornal e Educação.

Quase dois anos após o início do projeto, a proposta provocou em Santa Maria de Jetibá uma mu-



Erminio Butlerjahi, com sua neta Lane, foi um dos descendentes de pomeranos entrevistados

dança de pensamento sobre as moradias de madeira. Antes, ao serem desmontadas, as peças eram transformadas em móveis para o mercado de decoração e antiguidades.

“Se antes as crianças tinham vergonha das casas, hoje o sentimento é de orgulho”, diz a professora Brunelle Jastrow. Ela foi uma das responsáveis por destrinchar a reportagem em vídeos, análises, visita a uma casa típica pomer-



Cristina, Vilmaria e Letícia: trabalho reconhecido



“Com o projeto, casas deixaram de ser vendidas e passaram até a ser ampliadas”

NILTON CAPAZ, CHEFE DA DIVISÃO DE CULTURA DE SANTA MARIA DE JETIBÁ

na e concurso de desenho, entre outras atividades.

Cristina Barbiero Moraes, coordenadora de A Gazeta na Sala de Aula, aponta que outra vantagem da iniciativa foi “desenvolver nas crianças um espírito crítico sobre sua história”.

Vilmaria Fernandes também destaca a reflexão que a matéria promoveu. “Fizemos nosso papel, que é denunciar. É fantástico saber que seu trabalho fez uma comunidade inteira refletir”.

Gerente de Comunicação Empresarial da Rede Gazeta, Letícia Lindenberg diz que o prêmio é o reconhecimento de um trabalho de 16 anos, que “ganha ainda mais valor quando se consideram a quantidade e a força dos países envolvidos”.

“O que nos envergonha é saber que a reportagem e o projeto foram úteis para uma comunidade”

LETÍCIA LINDENBERG
GERENTE DE COMUNICAÇÃO

agazeta.com.br

Atribuição. Confira a galeria de fotos do projeto “Lar Doce Lar”, quanto vale sua história”.

Projeto
Após ler a reportagem, as crianças visitaram casas típicas, fizeram desenhos e maquetes e ainda conscientizaram moradores



FIGURA 20 – Reportagem em A Gazeta sobre a premiação de A Gazeta da Sala de Aula
Fonte: Jornal A Gazeta

Observa-se que o jornal A Gazeta está presente em todas as seções do Informe. Inclusive a mudança do formato do jornal, já mencionada, foi matéria de capa do informativo do mês de agosto de 2011.



O trabalho das professoras Irinete Ponath e Brunelle Jastrow, de Santa Maria de Jetibá, foi o vencedor da Comenda da Categoria "Jornal e Educação" do Prêmio Mundial de Jovens Leitores, da Associação Mundial de Jornais. Confira na seção Registro. **Pág. 07**

FIGURA 21 – Capa do INFORME sobre a mudança de formato de A Gazeta
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Na página 8, o Informe apresenta a entrevista com Antônio Carlos Leite, diretor de Conteúdo da Redação Multimídia. Além de informações gerais sobre a mudança em A Gazeta, Leite comenta sobre as outras novidades que acompanharam o novo formato.

Olha, para o projeto A Gazeta na Sala de Aula, acho que o mais importante é o novo espaço chamado “Hipertexto”. Todos os dias trazemos uma reportagem de fôlego, explorando a fundo um tema. Enquanto respondo a essas questões, por exemplo, vejo a edição de hoje, que traz um material extenso sobre o impacto ambiental das sacolas de plástico, algo que pode render projetos pedagógicos criativos, imagino eu, porque lida com consumo, com consciência ecológica e outros pontos. Para os professores, acho importante destacar o novo caderno “Pensar”, pela sua carga cultural (INFORME, ano 14, n.124, agosto, 2011, p.8).

Nesse trecho de entrevista, o enunciador – A Gazeta na Sala de Aula – utiliza argumentos que valorizam o uso de A Gazeta nas escolas, pelo fato de o jornal abordar temáticas que interessam à educação. Para isso, é dada a voz ao diretor de Conteúdo da Redação Multimídia. Quando Leite diz que: “Todos os dias trazemos uma reportagem de fôlego, explorando a fundo um tema. [...] traz um material extenso sobre o impacto ambiental das sacolas de plástico, algo que pode render projetos pedagógicos criativos [...]”, e na medida em que A Gazeta na Sala de Aula organiza este discurso em seu boletim informativo, ela delinea informações que aumentam a credibilidade do enunciatário em relação ao enunciador enquanto sujeito competente. Além de direcionar o olhar do professor para que ele perceba o que deve ser visto no jornal para ser trabalhado em sala de aula.

Acredita-se que esse tipo de recurso de manipulação utilizado pelo enunciador (A Gazeta na Sala de Aula), para levar o enunciatário (educadores) a atribuir competência ao Programa para formação de professor, perpassa nas apostilas produzidas para as Oficinas Pedagógicas e nos discursos verbalizados durante as oficinas.

É através das oficinas e apostilas, que compõem a etapa Oficinas Pedagógicas, a ação do enunciador enquanto sujeito manipulador. Nesta etapa, a proposta é de um saber-fazer. O destinador doa ao destinatário competências para o seu fazer, mas para isso é necessária adesão dos monitores. Eles precisam aceitar o convite para participar. Enquanto nas outras etapas, a proposta nos remete à função pragmática – é o como fazer.

Analisar as oficinas e os cadernos permitirá identificar os recursos de manipulação e os seus usos e identificar **a concepção de educação que permeia o programa A Gazeta na Sala de Aula**. Assim como possibilitará compreender como este enunciador se transforma em um sujeito credível, levando o enunciatário a confiar no seu *poder-fazer* e *saber-fazer*, estabelecendo com ele uma relação fiduciária. A análise das Oficinas Pedagógicas é apresentada no próximo capítulo, intitulado **VALORES EM CIRCULAÇÃO: AS OFICINAS PEDAGÓGICAS E SUAS APOSTILAS**.

CAPÍTULO III

3. VALORES EM CIRCULAÇÃO: AS OFICINAS PEDAGÓGICAS E SUAS APOSTILAS

Analisar as Oficinas Pedagógicas de A Gazeta na Sala de Aula e as suas apostilas é compreender o seu percurso gerativo de sentido, ou seja, as possíveis etapas de sua geração ordenando os vários elementos semióticos presentes em busca da significação do texto. Esta significação surge da articulação dos vários níveis de profundidade: fundamental, narrativo e discursivo.

A base de construção de sentido de um texto está localizada nas categorias semânticas situadas no nível fundamental, em que estão presentes as condições mínimas da apreensão e produção do sentido. A categoria semântica fundamenta-se numa diferença, numa oposição, mantendo-se entre si uma relação de contrariedade. “No discurso, os termos contrários ou subcontrários podem aparecer reunidos. Teremos, então, termos complexos (reuniões dos contrários *a* e *b*) ou neutros (conjunção dos subcontrários *não a* e *não b*)”, explica FIORIN (2009, p. 23).

São as categorias semânticas que dão sentido ao conjunto de elementos do nível superficial, que é o discursivo. Sendo assim, o nível fundamental é o mais complexo do percurso gerativo de sentido.

No nível narrativo, estão os componentes que possibilitam o enriquecimento dos programas narrativos a partir da relação entre actantes e modalidades. É nele que acontecem as operações de transformação dos estados narrativos, em que o sujeito age impulsionado pelos valores investidos nos objetos. Isso significa que temos, em uma narrativa, um estado inicial, uma transformação e um estado final. Para isso é preciso, contudo, que o sujeito de estado creia nos valores do destinador-manipulador.

O destinador-manipulador é o actante funcional que engloba vários papéis actanciais, entre os quais se encontra necessariamente o de sujeito doador de valores modais. É ele, na narrativa, a fonte de valores do sujeito, seu destinatário: tanto determina que valores serão visados pelo sujeito quanto dota o sujeito dos valores modais necessários à execução da ação (BARROS, 1997, p. 28).

No enunciado A Gazeta na Sala de Aula, o destinador-manipulador é a Rede Gazeta, uma vez que ele é o sujeito da enunciação, porque é responsável pelo enunciado A Gazeta na Sala de Aula. Por sua vez, este enunciador instala um sujeito operador, que opera as transformações na narrativa do texto aqui analisado que são as Oficinas Pedagógicas. Este operador leva o objeto de valor ao sujeito de estado que está disjunto do objeto. Nessa narrativa, o operador é a equipe pedagógica do Programa.

O sujeito operador age a partir de um *querer fazer* do destinador-manipulador, que determina a axiologia subjacente ao enunciado Oficinas Pedagógicas a partir da projeção de si mesmo, enquanto enunciador, e do enunciatário.

Esse sujeito operador, ao realizar o seu programa narrativo de competência, instala outros actantes na cena enunciativa que, a partir do seu *saber e fazer*, legitimam os valores do destinador-manipulador, por compartilharem os mesmos sistemas de valores. Esses actantes são os especialistas, que trazem em seus enunciados conhecimentos específicos de suas áreas de atuação.

O actante pertence à sintaxe narrativa e define-se pelos papéis actanciais que engloba: o actante sujeito subsume, entre outros, os papéis do sujeito do querer, de sujeito competente, de sujeito realizador. Na instância do discurso, o actante converte-se em ator, ao receber investimento semântico, temático e/ou figurativo. O ator resulta assim, da combinação de papéis da sintaxe narrativa com um recheio temático e/ou figurativo da semântica do discurso (BARROS, 1988, p.80).

A Rede Gazeta, enquanto enunciador-destinador, utiliza diversos atores para construir a competência de A Gazeta na Sala de Aula enquanto programa de mídia e educação. Nesta relação entre estes atores, o Programa busca o reconhecimento entre destinador e destinatário, enunciador e enunciatário. Neste reconhecimento, o sujeito semioticamente competente constrói o outro, enquanto constrói a si mesmo. Este modelo está pautado em regularidades, intencionalidades como modo de

suplantar os imprevistos. Pauta-se em comportamentos esperados dos sujeitos, pois cada um desempenha o seu papel, segue o seu programa e cumpre seu plano de atividade previsto. É uma relação hierárquica. O processo de trabalho é objetivado e organizado pela empresa de comunicação e isso nos remete aos organogramas, representações de estruturas formais de organizações, em que cada órgão desempenha funções bem definidas. É uma forma de objetivar o trabalho pedagógico proposto pelo Programa. O planejamento e a organização das ações de A Gazeta na Sala de Aula partem da empresa de comunicação, como mostra o organograma abaixo:



FIGURA 22 – Organograma do Programa A Gazeta na Sala de Aula
Fonte: o autor, 2012

A organização e o planejamento das ações são anunciados nas Oficinas Pedagógicas, que constituem o corpus de análise desta pesquisa. Assim como todo texto, elas são narrativas complexas, “em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizados hierarquicamente” (FIORIN, 2009, p. 29). Também são narrativas programadas, já que possuem uma temporalidade fixa, local e direcionamento de público.

Em A Gazeta na Sala de Aula, são os operadores que organizam a narrativa. Eles são simulacros do sujeito da enunciação, uma vez que se apresentam enquanto enunciador, mas são os valores da Rede Gazeta que estão em circulação, desta forma o enunciador Rede Gazeta está implícito na elaboração do texto das Oficinas Pedagógicas. Mesmo que seja uma representação do enunciador, consideramos para esta análise os operadores como enunciadores.

Toda narrativa compreende quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção. Na manipulação, um sujeito¹⁰ age sobre o outro para levá-lo a *querer e/ou dever fazer* alguma coisa. Os quatro tipos de manipulação mais frequentes são por tentação, intimidação, sedução ou provocação. Nas oficinas pedagógicas, identifica-se a manipulação por tentação, quando o “manipulador propõe ao manipulado uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de levá-lo a fazer alguma coisa [...]” (FIORIN, 2009, p. 30). O objeto valor prometido ao monitor é saber usar as mídias na sala de aula.

Na fase da competência, o sujeito que realiza a transformação central da narrativa pode ser dotado de um *saber e/ou poder fazer*. Em A Gazeta na Sala de Aula, são as Oficinas Pedagógicas que dão ao monitor o *poder* para ensinar aos professores dos municípios a usar as mídias na escola e, desta forma, pretende-se:

- ✓ Incentivar o gosto pela leitura e o senso crítico dos alunos.
- ✓ Ensinar de forma diferente, trazendo para a sala de aula o que acontece no bairro, na cidade e no mundo.

¹⁰ O sujeito é papel narrativo e não uma pessoa.

- ✓ Despertar desde cedo o interesse pela informação, usando a notícia como fonte de pesquisa e estudo.

A performance é a fase em que se dá a transformação central da narrativa, quando o sujeito passa de um estado de disjunção para uma conjunção com o objeto valor. Na narrativa em análise, a performance do monitor é conseguir passar para os professores, durante os encontros regionais, as orientações necessárias para que eles usem as mídias na sala de aula. É uma narrativa com dois sujeitos presentes: aquele que opera a transformação e o que entra em conjunção ou disjunção com o objeto.

Na última fase, acontece a sanção, que é a constatação de que a performance se realizou e o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. Nessa fase, pode acontecer a distribuição de prêmios ou um reconhecimento parcial, pois somente poucos serão premiados. O resultado das Oficinas Pedagógicas é o concurso Mídias na Educação, que é a seleção e premiação dos três melhores trabalhos desenvolvidos nas escolas durante o ano.

Dessa forma, analisam-se as Oficinas Pedagógicas como um texto que convoca várias linguagens – verbal escrita, verbal oral e visual –, constituindo o texto sincrético, cujo sentido deve ser apreendido em sua totalidade. Para Greimas e Courtés “são consideradas como sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação.” (1979, p. 426). A análise deste texto permitirá conhecer os recursos de manipulação e a visão de mundo que A Gazeta na Sala de Aula apresenta para educadores e alunos de escolas do Ensino Infantil e do Ensino Fundamental, do Espírito Santo.

3.1 OS ENCONTROS

As Oficinas Pedagógicas reúnem a equipe pedagógica e monitores – representantes da área de educação dos municípios participantes –, de agora em diante denominados enunciador e enunciatário, respectivamente, instalados no nível

discursivo. Na sede da Rede Gazeta, em Vitória, o grupo tem quatro encontros¹¹ por ano, com duração de aproximadamente seis horas e segue o mesmo padrão de organização. Os monitores são recebidos com um café da manhã; logo após, a equipe pedagógica faz uma abertura com uma mensagem inicial. A partir desta mensagem, o grupo recebe um especialista presencialmente ou por videoconferência. No período de análise desta pesquisa, os especialistas foram médicos ou jornalistas. A abordagem médica foi referente a algumas das temáticas apresentadas nas apostilas, enquanto os jornalistas falaram sobre a rotina de produção nos veículos em que atuam. Também são apresentados os objetivos das oficinas e relatos de experiência de monitores que já desenvolveram trabalhos a partir do uso das mídias.

Ao delegar voz a outros sujeitos, o Programa se apropria do saber dos especialistas. Assim como fazem os produtos jornalísticos, que organizam a notícia a partir de várias vozes. São vozes que contribuem para que o texto atinja um certo grau de objetividade e colaboram para a construção de sentido de veracidade do noticiário, por isso, são ilusões discursivas. A mesma estratégia discursiva é utilizada por A Gazeta na Sala de Aula na organização dos seus discursos.

Nas Oficinas Pedagógicas, as ilusões discursivas são obtidas através de uma debreagem interna, quando a equipe pedagógica cede a palavra a especialistas, como aconteceu na Oficina C. Um pediatra do Observatório da Infância, em videoconferência, falou sobre a prevenção aos maus-tratos e ao abuso contra as crianças, abordando, principalmente, o *bullying* nas escolas e apontando o papel da escola e do professor para prevenir tais situações. Na Oficina B, a palestra foi de uma professora universitária e ginecologista, que falou sobre a gravidez na adolescência e, também, ressaltou a importância do professor para conscientizar os jovens. O uso destes sujeitos envolvidos diretamente com as temáticas apresentadas colabora para a construção de identidade do Programa e o qualifica como aquele que respeita a voz dos especialistas de diferentes áreas.

¹¹ Dos quatro encontros que acompanhamos, em dois deles, o horário da tarde foi reservado para visitas às dependências da própria Rede de Comunicação e a exposições. Os deslocamentos dos monitores para os locais das exposições são de responsabilidade da empresa de comunicação, assim como, o almoço do grupo de monitores. A maioria reside no interior do Estado.

Além das vozes dos especialistas, que falam em nome de A Gazeta na Sala de Aula, os próprios organizadores do Programa também se manifestam durante as oficinas sobre os temas apresentados. São falas¹² que apontam a necessidade de os monitores orientarem os professores para que eles tenham consciência de que, na sala de aula, existem vidas; que a escola é espaço de respeito às diferenças; de que é possível encontrar paz apesar de as diferenças e dificuldades encontradas no fazer docente; que existem dois lugares onde a paz pode ser semeada – escola e família.

Encontra-se uma isotopia¹³ discursiva, entre as falas da equipe pedagógica e dos especialistas, construindo uma coerência semântica entre esses discursos, levando-os a um texto, que aponta o monitor e o professor como aqueles que devem e podem semear a paz na escola. São sujeitos do *dever-poder-fazer*, sujeitos transformadores. Independentemente dos acontecimentos sociais, eles devem desempenhar o papel individual de educador.

Ao ter voz, os monitores relatam as suas angústias diante deste *dever-poder-fazer*. A sua construção enquanto sujeito competente, quase heroico, incomoda e o faz sentir-se sozinho como mostram os trechos, copiados abaixo, de falas que aconteceram durante as oficinas.

“A educação é muito cobrada, mas não tem ação específica de outros setores”.

“As famílias entregam os filhos à escola. Não querem assumir responsabilidades. O diálogo é difícil”.

“Uma instituição precisa ajudar a outra. Cada uma está no seu quadrado”.

Para essas falas, não se observam ecos, já que os problemas apontados não foram debatidos. A programação seguiu o seu curso sem que nenhuma ação fosse desenvolvida para motivar, naqueles sujeitos, atitudes de comprometimento e

¹² Tomamos para fala o significado dado por Fiorin (1997, p.12). A fala é a exteriorização do discurso. Ela é individual; é um “eu” que toma a palavra e exterioriza o discurso.

¹³ Fiorin explica que o que faz do texto uma unidade é “a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso. Esse fenômeno recebe o nome de isotopia” (2009, p.112).

conscientização. A capacidade de agir e refletir é a primeira condição para que uma pessoa possa assumir um ato comprometido (FREIRE, 2001).

Os discursos presentes em A Gazeta na Sala de Aula, durante os encontros presenciais das oficinas, apontam um perfil de enunciador que coloca em discussão temáticas sociais, presentes no cotidiano da escola, tais como *bullying*, gravidez na adolescência, namoro, etc., mas se constitui como uma estratégia discursiva de posicionamento deste enunciador. Ele quer ser visto como um sujeito que tem responsabilidade social, mas, ao adotar um discurso que se pauta no *dever fazer* e *como fazer*, comporta-se como se essa “organização sintática, e não outra qualquer, fosse indispensável, como se o percurso devesse ser feito, por ser o único que permite levar a tarefa a um bom termo” (GREIMAS, 1981, p.26). É a busca pela garantia da eficiência, com isso, as atividades presentes nas apostilas estão na competência modal do *dever fazer* a partir do *saber* do enunciador. Um saber pedagógico da equipe de A Gazeta na Sala de Aula somado a um saber dos especialistas – médicos e jornalistas.

Em todas as oficinas, repórteres ou editores tiveram um tempo para relato da rotina de produção da TV Gazeta, Gazeta Online e jornal A Gazeta. O encontro com os jornalistas, pautado pelo Programa, não trazia nenhuma reflexão quanto ao uso de notícias em sala de aula ou sobre a responsabilidade social no jornalismo. O que poderia ser esperado como linha norteadora desses encontros, já que A Gazeta na Sala de Aula é um programa que se apresenta como didático e social. O objetivo era, porém, apresentar o funcionamento da empresa de comunicação, perdendo de vista a especificidade da educação.

3.2 AS APOSTILAS

A cada ano, quatro apostilas são elaboradas e entregues aos monitores. Elas seguem a mesma estrutura quanto à diagramação e à seleção de conteúdos. São organizadas em folhas de papel A4, grampeadas, com cópias feitas em preto e branco, com exceção das capas que são coloridas. No cabeçalho, consta a identificação do projeto, o endereço da Rede Gazeta e os números de telefones e

endereços de e-mail, de *hot site* e de orkut de A Gazeta na Sala de Aula. Têm entre 30 a 44 páginas e não seguem uma padronização quanto ao posicionamento do índice – pode ser encontrado logo após a capa, mas também é a contracapa de algumas apostilas.

Como as apostilas são organizadas a partir de recortes de jornais, apresentam letras com diferentes fontes, fotografias e gráficos de diferentes tamanhos; enfim, as apostilas reúnem materiais jornalístico e publicitário. Esta é a sua moldura enunciativa, mas ela não é constituída pela representação visual para “[...] atrair a atenção de quem observa”, como explica Teixeira (1996, p. 95). A moldura enunciativa das apostilas de A Gazeta na Sala de Aula é a competência enunciativa do enunciador que em um emaranhado de informações jornalísticas e publicitárias consegue sistematizar um fazer didático.

Esse recorte de informações consiste em matérias jornalísticas publicadas nos veículos da Rede Gazeta, orientações sobre como o material jornalístico pode ser trabalhado com alunos, informações sobre os veículos de comunicação da empresa e serviços prestados, além de anúncios publicitários também referentes a veículos da Rede Gazeta. Como é exemplificado a seguir:

a) Orientações sobre como o material jornalístico pode ser trabalhado com alunos:



Rua Chafic Murad, 902 - Monte Belo, Vitória, ES - CEP 29053-315 - Tel. (27) 3321-8456/ 3321-8472 - Fax (27) 3321-8730
E-mail: agazetanasaladeaula@redgazeta.com.br Hot site: www.gazetaonline.com.br/saladeaula Orkut: A Gazeta na Sala de Aula

Propostas de trabalho em grupo

1- Ciranda do amor?

- Converse com os participantes sobre como são os relacionamentos amorosos atualmente. Questione se são relações curtas ou duradouras e peça que comentem como eram antigamente.
- Leia a matéria "Casamento: taxa cresce 32%" divulgada no Gazeta Online em 10/10/09 (pág. 2). Comente os resultados da pesquisa que traz o número de casamentos que acontecem no nosso Estado.
- Promova um debate sobre a representação do matrimônio para nossa sociedade e sobre como as pessoas geralmente veem os demais estados civis (como o fato de ser solteiro(a) interfere na vida de homens e mulheres? Como são vistas as pessoas separadas?).
- Dirija algumas perguntas ao grupo, como por exemplo: Você acha que o casamento virou uma representação das relações que são mostradas na mídia ou que a mídia, mostra como estão os casamentos atualmente? Até que ponto as pessoas seguem a tendência de querer levar um relacionamento como o de um personagem de novela/de filme?
- Apresente também a matéria "Fantasia de Shrek e Fiona em casamento faz diocese rever regras sobre traje" (pág. 3), publicada no portal Gazeta Online no dia 29/03/11. Comente sobre a reação que essa matéria pode causar nos leitores e questione se consideram que a cerimônia foi transformada em um espetáculo, perdendo o verdadeiro sentido da celebração.
- Apresente a matéria "Para 36% dos jovens, namorar dois ao mesmo tempo é normal" (pág. 4), publicada no jornal A GAZETA no dia 13/03/11. Converse sobre o que a geração entre 18 e 25 anos pensa a respeito dos relacionamentos e questione o fato de preferirem os rápidos e superficiais. Pergunte se há uma desvalorização do parceiro e que consequências isso pode trazer para essa juventude.
- Leia a matéria "Espãs virtuais, redes sociais deduram até namoros enrolados", publicada no Portal Gazeta Online no dia 26/09/09 (pág. 5). Converse sobre como esse assunto, de saber da vida dos outros, é tratado em novelas, filmes e reality shows. Pergunte se acham que as pessoas hoje em dia sentem prazer ao terem suas vidas expostas na internet e por que.
- Observe a teia de relacionamentos do BBB 11, na matéria "Wesley, que amava Maria, que amava..." (pág. 6), publicada no jornal A GAZETA no dia

05/02/11. Comente sobre a configuração apresentada na teia e sobre o conteúdo da matéria.

- Questione a opinião dos telespectadores em relação ao comportamento dos participantes e à banalização das relações amorosas. Promova um bate-papo sobre o posicionamento (ou falta dele) da sociedade a respeito desse assunto, enfocando a boa audiência do programa. Pergunte para o grupo se as pessoas tendem a ter reações negativas quando são exibidas cenas de violência, uso de drogas e relações homossexuais nas novelas. Questione se esses assuntos são tratados da mesma forma (se aparecem com a mesma intensidade e frequência) e por que.
- Divida os participantes em grupos e apresente o poema "Quadrilha" de Carlos Drummond de Andrade, escrito em 1930 (você pode acessar o vídeo do poema em <http://www.youtube.com/watch?v=2hG9PsqJGds>). Questione se o poema tem um final feliz e promova uma reescrita com base nos assuntos discutidos anteriormente.
- Promova a apresentação dos grupos, pedindo que relatem como foi desenvolver a tarefa.

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava
Lili
que não amava ninguém.
João foi para o Estados Unidos, Teresa para o
convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto
Fernandes
que não tinha entrado na história.

Carlos Drummond de Andrade

Casamentos: taxa cresce 32%

Em dez anos, o número de casamentos aumentou 32,3% no Estado. Além de ter mais gente se casando, aqui também foi encontrada, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a maior taxa de nupcialidade legal, ou seja, o maior número de pessoas que decidem oficializar sua união. Em 1998, essa taxa era de 8,3 pessoas em cada grupo de mil. Dez anos depois, o número aumentou, mas o Estado passou a ser o segundo na proporção de uniões oficiais, segundo o IBGE. Em 2008, mais de 22 mil casamentos aconteceram no Estado. Até o último mês de agosto, já eram mais de 13,2 mil uniões registradas.

Fonte: <http://gazetaonline.globo.com>

b) Informações sobre os veículos de comunicação da empresa e serviços prestados:



Rua Chafic Murad, 902 - Monte Belo, Vitória, ES - CEP 29053-315 - Tel. (27) 3321-8456 - Fax (27) 3321-8730
E-mail: agazetanasaladeaula@redegazeta.com.br Hot site: www.gazetaonline.com.br/saladeaula Orkut: A Gazeta na Sala de Aula

Por dentro da Rede Gazeta

A Rede Gazeta é o maior grupo de comunicação multimídia do Espírito Santo, formada por 20 negócios, que atuam de forma integrada e convergente. Sua cobertura atende todos os municípios do Espírito Santo. Com um jornalismo reconhecidamente ético, isento e plural, a empresa também oferece soluções multimídia para seus clientes.

Fundada em 1928 por Thiers Vellozo, a Rede está nas mãos da família Lindenberg desde 1949. Ao longo de sua história, sempre foi política da Rede Gazeta incorporar ao seu cotidiano preocupações com o desenvolvimento do Estado e bem-estar dos cidadãos. Tais preocupações traduzem-se em projetos realizados com parceiros ou com recursos próprios, em favor do desenvolvimento econômico, da cidadania, da área social, cultural e da educação.

Em toda a Rede Gazeta, a informação é trabalhada dentro dos mais rigorosos padrões éticos e estéticos, seja em forma de notícia, entretenimento, seja em forma de publicidade.

A seguir, vamos conhecer os veículos da Rede Gazeta e suas características.

1. Redação Multimídia

1.1 Jornais

A Redação Multimídia foi inaugurada em setembro de 2008, com a integração das equipes dos jornais A Gazeta, Notícia Agora, Oportunidades, Rádio CBN e Gazeta Online. Com a Redação Multimídia, um único repórter vai para a rua e apura informações que poderão ser utilizadas por todos os veículos.

Além disso, foi criada também a Central de Informações Gazeta (CIGA), formada por um repórter da TV e outro da Redação Multimídia, que registra todas as ocorrências de polícia do Estado. A central faz o rastreamento de pauta em todos os órgãos, como delegacias, Cidades e Polícia Rodoviária Federal e repassa para os demais veículos.

O trabalho dos chefes de reportagem começa às 6 horas da manhã. Eles se interam do que está acontecendo no dia, entram em contato com a TV para saber o que já apuraram e o que pode render matéria, e primeiramente pauta os repórteres do Gazeta Online.

As pautas da manhã ficam prontas no dia anterior. A reunião de pauta com todos os editores da Redação Multimídia é realizada às 10h30, onde são apresentadas todas as "apostas" do dia (as informações que possivelmente renderão matérias). Logo após é feita a reunião de editores para definir o que cada repórter vai fazer.

Os chefes de reportagem montam a pauta às 13 horas, entregam aos editores e eles repassam para os repórteres. As pautas também vão para a fotografia para saber qual matéria o editor quer foto. No fim da tarde, com as matérias apuradas, os editores se reúnem para fechar o jornal, definindo a manchete e as chamadas.

Parque Gráfico

A impressora News Liner possui três conjuntos de tinteiros e tem capacidade de rodar 70 mil jornais/hora. Nela são rodados os jornais A Gazeta, Notícia Agora e Oportunidades Cursos & Concursos (além de jornais internos da Rede Gazeta e jornais de terceiros). O trabalho começa na pré-impressão, onde as páginas dos jornais são impressas na chapa. Toda a página em cor é baseada nas quatro cores primárias – magenta (vermelho), cian (azul), yellow (amarelo) e black (preto). O tratamento de imagem decodifica as demais cores para diagnosticar a quantidade de azul, amarelo, vermelho e preto que tem a foto. São quatro chapas para uma mesma página colorida.

A chapa é furada para ser ajustada na News Liner. Várias páginas são colocadas uma ao lado da outra, encaixadas em um cilindro de metal. O cilindro de borracha prensa a chapa, que é borrada com sua cor correspondente, atingindo todo o papel. Entre um tinteiro e outro há um processo de lavagem e secagem, com água especial que contém produto químico. A água lava e limpa onde não tem nada registrado. A sequência padrão mundial é azul, vermelho, amarelo e preto. Os tinteiros na News Liner são sobrepostos.

No último andar da máquina, os jornais são cortados. A máquina casa as páginas, corta e entrega os cadernos prontos. Uma esteira leva até a sala da expedição, no primeiro piso. A máquina da expedição conta a quantidade de cadernos automaticamente, de 50 em 50. Mas o encarte é feito manualmente.

1.2 Rádio CBN 1250 AM

A rádio CBN Vitória oferece ao público capixaba a mais completa informação do Espírito Santo, do Brasil e do mundo. Com um jornalismo sério e dinâmico, a rádio fica 24 horas no ar com cobertura jornalística. A Rádio CBN faz parte de uma rede de rádio via satélite que é composta de 19 afiliadas no país, a Rede CBN Brasil. Mesmo sendo uma rádio que faz parte de uma grande rede, a CBN Vitória possui programação própria e inserções de matérias locais.

1.3 Gazeta Online

O portal www.gazetaonline.com.br integra todos os veículos da Rede Gazeta e traduz todo um conceito de fazer jornalismo on-line, que possibilita a convergência das plataformas da Rede. É o maior portal de conteúdo do Espírito Santo e um dos maiores da Globo.com, da qual é afiliado. Nele encontra-se arte, cultura, lazer e variedades, além de notícias em tempo real do Espírito Santo, do Brasil e do mundo.

O Gazeta Online possui o conteúdo do jornal A Gazeta em versão online gratuitamente. Além disso, alimenta o link Últimas Notícias com matérias da CBN e TV. No website do Gazeta Online pode-se ouvir as rádios da Rede Gazeta. Na produção de conteúdo são publicadas reportagens multimídias, que utilizam diversos recursos como áudio, imagem e texto simultaneamente.

c) Anúncios sobre serviços ou veículos referentes à Rede Gazeta:



Rua Chafic Murad, 902 - Monte Belo, Vitória, ES - CEP 29053-315 - Tel. (27) 3321-8456 - Fax (27) 3321-8730
E-mail: agazetanasaladeaula@redegazeta.com.br Hot site: www.gazetaonline.com.br/saladeaula Orkut: A Gazeta na Sala de Aula

Edição

Ao retornar para a redação começa a fase de edição do material obtido na apuração, na rua. As filmagens são decupadas (revistas, selecionadas) e organizadas nas ilhas de edição. Lá o editor e o repórter montam a estrutura da notícia. Geralmente uma notícia factual televisiva tem de um minuto e meio a três minutos de duração. Um repórter cinematográfico chega na redação com uma média de 30 minutos de imagens e entrevistas. Por isso é importante o trabalho de edição desse material. Após a finalização das matérias, é hora da montagem do telejornal. O editor chefe escolherá a ordem das reportagens, quais serão os entrevistados, em quais blocos eles entrarão, etc.

Teleprompter

O apresentador começa a ler o material produzido no script (roteiro do telejornal), que é exibido no Teleprompter, aparelho que facilita a apresentação do jornal e tira a sensação de que a notícia está sendo lida. O TP funciona como um espelho, que reproduz imagem na tela para os apresentadores. Eles ficam com roteiros na bancada caso o TP apresente algum problema.

Por trás das câmeras

No momento da apresentação todas as câmeras estão ligadas, porém só uma é vista pelo telespectador. Esse é o trabalho do diretor de imagens. Junto com ele trabalham vários profissionais: Camera-man, responsável pelo controle das câmeras; editor e o Controle mestre, que está diretamente ligado à Central Globo, aguardando a permissão para entrar no ar. Quando o bloco de notícias vai chegando ao fim, o Controle mestre avisa aos câmeras e diretores de imagem e aciona a inserção dos comerciais.

Linguagem televisiva

A TV tem linguagem específica. Tudo é explicado no script, que é dividido em duas colunas de áudio e vídeo. Na parte de vídeo fica tudo que vai aparecer na tela, como os geradores de caracteres. No áudio, o texto do locutor. Uma cópia do script fica com cada funcionário que participa da transmissão do telejornal.

E a meteorologia?

O serviço de meteorologia oferecido pelas emissoras da Rede Gazeta é recebido do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, que através de satélite consegue fazer a previsão do tempo com até quatro dias de antecedência.

Estúdio

Os estúdios da TV Gazeta parecem maiores na TV. Esse efeito é fruto do enquadramento e jogo de câmeras utilizados nas filmagens das atrações.

O cenário do ESTV 1ª e 2ª Edição foi sugerido pela própria Rede Globo. Ela mandou três sugestões para a TV Gazeta, que escolheu uma. Outros telejornais pelo

Brasil também podem usar o mesmo cenário, só que com as imagens de seus respectivos Estados.

Cada atração também tem uma iluminação especial. O Bom Dia ES conta com uma iluminação de cor âmbar, para dar ideia de amanhecer. O ESTV 1ª Edição tem uma iluminação mais forte e fria para dar a sensação de dia a pino. O ESTV 2ª Edição, por sua vez, utiliza uma iluminação que simula a noite.

Transmissão

A imagem sai da Rede Gazeta e vai para o Morro da Fonte Grande para ser retransmitida para toda a Grande Vitória, tudo em frações de segundo. O relevo é acidentado e a imagem segue por ondas. O morro da Fonte Grande é o mais alto e concentra as antenas de TV.

O Controle mestre recebe a programação do dia pelo computador e escuta a contagem regressiva para a entrada de comercial local. Todo comercial é vendido anteriormente pela área comercial. O Controle mestre utiliza o espaço que tem e faz a programação. Quando há algum calhau (espaço que sobrou, não conseguiu ser comercializado), insere propagandas da própria Rede Gazeta, como por exemplo o VT da campanha do programa A Gazeta na Sala de Aula.

Central de Produção de Áudio

Na CPA se cria a fala dos comerciais. Tudo é feito na cabine de locução.

No Telejornalismo também existe um mini estúdio, onde os repórteres gravam a narração (chamada de "off") que acompanha as imagens de uma matéria.

SERVIÇO

Agendamento de visitas à Rede Gazeta – (27) 33218422 com Rafaela do Marketing

Cópias de páginas de A GAZETA em pdf – (27) 33218301 – Biblioteca

Cópias de matérias da TV Gazeta – (27) 3321 8434 – CEDOC Mídia Eletrônica

Redação Multimídia - sugestões de pauta
pauta@redegazeta.com.br - (27)3321 8519 /8437
Das 6h30 às 22h

TV Gazeta - sugestões de pauta – (27)3321 8365

Central de Informações Gazeta (CIGA) – ocorrências de Polícia - (27)3321 8618

FIGURA 25 – Serviços da Rede Gazeta. Apostila da Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula



FIGURA 56 – Anúncio publicitário do portal Gazeta Online. Conteúdo da apostila da Oficina A – Tempo de paz.

Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Em 2011, a primeira oficina aconteceu no dia 24 de março, quando o tema “Escola e família: espaço de paz” foi apresentado como a temática anual a ser trabalhada, e os monitores receberam a primeira apostila – Oficina A – que tem como título “Tempo de paz”.

O direcionamento para que o material produzido pela equipe de A Gazeta na Sala de Aula sirva como instrução do que pode ser feito em relação ao uso dos produtos jornalísticos na escola é explícito no próprio material elaborado pela equipe. Na primeira apostila, que acompanha a Oficina A, na ficha de planejamento, são colocadas orientações, tais como: utilizar a mídia de forma criativa, descrever o que foi realizado, citar de que forma as mídias foram utilizadas, registrar atividades diferentes das apresentadas na apostila, trabalhar o material com foco na leitura crítica, envolver a família nas atividades, entre outros. Além de pontuar as etapas que o professor deve incluir para o desenvolvimento da atividade: leitura, interpretação, discussão e pesquisa. Configurando-se um guia, um manual para o professor trabalhar temáticas da atualidade. Ele direciona o fazer do professor.



A GAZETA NA SALA DE AULA

Rua Chafic Murad, 902 - Monte Belo, Vitória, ES - CEP 29053-315 - Tel. (27) 3321-8456 - Fax (27) 3321-8730

E-mail: agazetanasaladeaula@redegazeta.com.br Hot site: www.gazetaonline.com.br/saladeaula Orkut: A Gazeta na Sala de Aula

leitor, etc. A criatividade é o ingrediente básico dos anúncios publicitários. Aparecem intercalados em diversas partes do jornal.

Anúncios Classificados - como o nome indica, o produto anunciado aparece em seção própria, dentro de determinada organização classificatória: imóveis para vender e alugar; venda de veículos/telefones e diversos outros produtos; empregos; negócios e oportunidades, etc. Os anúncios classificados variam de tamanho e tipo gráfico. O preço dos anúncios corresponde ao espaço ocupado, motivo pelo qual a informação aparece sintetizada, com muitas palavras abreviadas.

Suplementos - cadernos que são publicados no jornal diariamente ou em determinados dias da semana. Exemplos: Prazer& Cia.AG, Caderno 2.AG, entre outros.

Editorias - Também denominadas de seções, agrupam notícias que têm assuntos em comum. Exemplos: Opinião, Política, Mundo, etc.

FICHA DE PLANEJAMENTO

Professor(a): _____

Escola: _____

Série: _____ Data: ____/____/____

Município: _____

Nome do trabalho: _____

Objetivos:

- _____
- _____
- _____

Desenvolvimento:

- _____
- _____
- _____

Comentário:

“ _____ ”

Sendo possível, coloque em anexo:

- Algumas atividades dos alunos.
- Fotos de cartazes, dos alunos realizando atividades, etc.

Orientações para planejamento

- Utilizar as mídias de forma criativa, priorizando a informação.
- Descrever com riqueza de detalhes o que foi realizado.
- Citar de que forma as mídias foram utilizadas, tendo sempre como base o jornal impresso.
- Registrar atividades diferentes das apresentadas na apostila.
- Montar todo o planejamento utilizando tópicos.

- Envolver as famílias nas atividades.
- Trabalhar o material jornalístico com foco na leitura crítica, não limitando seu uso à aprendizagem de conteúdos curriculares.
- Montar uma hemeroteca reunindo matérias multimídia para pesquisa. A hemeroteca é um arquivo composto por recortes de jornais e revistas, que pode e deve fazer parte da biblioteca da escola. Ela permite o acesso a informações atuais e permite sua articulação com fatos do passado. A lista de temas e forma de armazenamento depende das possibilidades da escola, que pode usar desde envelopes até recursos de informática para organizar o acervo.

Ao planejar, procure incluir as seguintes etapas:

Leitura - É o elemento primordial do trabalho. A leitura pode ser feita pelos alunos ou, quando esses ainda não a dominam, pela professora. O importante é que não se deixe de fazê-la, em momento algum.

Interpretação - É importante rever e questionar o que foi apresentado pelo veículo de comunicação. A interpretação deve ser criteriosa, explorando ao máximo os dados expressos no conteúdo jornalístico.

Discussão - É o encaminhamento do grupo para uma reflexão sobre o que foi lido e interpretado, levantando dados que não estão nas reportagens, estimulando a criticidade e a criatividade dos alunos.

Pesquisa - Muitas dúvidas e questionamentos surgem no momento da discussão. O professor deve ficar atento, fazer anotações e incentivar o grupo a pesquisar os tópicos pendentes, direcionando o estudo segundo as necessidades da turma e de acordo com o enfoque que pretende dar.

FIGURA 27 – Modelo de Ficha de Planejamento disponibilizado na apostila da Oficina A – Tempo de paz.

Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Apesar de incentivar o professor para que ele use diferentes mídias na escola, a equipe de A Gazeta na Sala de Aula prioriza o uso do jornal impresso. Uma das orientações para o planejamento das atividades pedagógicas é que o professor tenha sempre como base o jornal impresso. Este veículo é o jornal A Gazeta. A partir de reportagens publicadas pelo jornal, são sugeridas atividades para serem desenvolvidas com os alunos. Neste cenário, o material jornalístico cumpre o seu papel de levar para a sala de aula questões da atualidade, a partir de temas presentes no dia a dia dos jovens, tais como: casamento, namoro, sexo, adolescência, educação, anorexia, etc. As formas como estes temas podem ser discutidos em sala de aula são apresentadas nas atividades propostas.

Para as atividades são utilizados verbos no imperativo afirmativo, convocando o professor-enunciário a realizar uma ação: converse, leia, promova, dirija, apresente, questione, divida, etc. Os verbos no imperativo afirmativo também estão presentes nos objetivos das oficinas, por exemplo, na Oficina C – “Bem-me-quer, Malmequer” são apontados os seguintes objetivos:

Objetivos da Oficina C “Bem-me-quer, Malmequer”

- Trabalhar os relacionamentos e seus reflexos na sociedade, reforçando a necessidade de discutir esse tema na escola.
- Ressaltar a importância de informar as crianças sobre as medidas de prevenção ao abuso infantil e a outros tipos de violência.
- Identificar as diferenças de comportamento existentes entre homens e mulheres, aceitos e disseminados em nossa cultura.
- Promover uma reflexão sobre a exploração precoce da sexualidade, abordando formas de prevenção, causas e consequências da gravidez na adolescência.
- Identificar os tipos de família existentes atualmente e sua influência nas escolhas dos jovens.
- Trabalhar a autoestima e explorar os limites da adoção de padrões para conseguir aceitação pelo grupo.

FIGURA 28 – Exemplo de objetivos apontados para as Oficinas Pedagógicas.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

A Gazeta na Sala de Aula coloca-se em um patamar de referência para ensinar e direcionar como algumas temáticas sociais devem ser debatidas no espaço escolar. Este saber de A Gazeta na Sala de Aula é modalizado pela produção jornalística da Rede Gazeta, principalmente do jornal A Gazeta. Quem detém o conteúdo do saber são os veículos de comunicação da empresa; enquanto, o saber de adequar este conteúdo informativo para a educação cabe A Gazeta na Sala de Aula. Mas, é a ação do professor que transforma a produção noticiosa em atividades didático-pedagógicas. Para isso, é necessário que o professor assuma a enunciação, passando de enunciatário a enunciador.

Essa inversão de papéis só acontecerá se o discurso do enunciador – A Gazeta na Sala de Aula – exercer o fazer veridictório, ou seja, construir o seu discurso com marcas cujos efeitos de sentido possam ser interpretados como verdadeiros pelos enunciatários monitor e professor. É a adesão do enunciatário que estabelece o contrato de veridicção, que só é firmado quando o enunciatário tem confiança no enunciador. Esta relação de credibilidade possibilita o contrato fiduciário.

O cumprimento dos contratos leva a realização do sujeito manipulador e alimenta o seu fazer contínuo, que é o professor seguir o que A Gazeta na Sala de Aula propõe para ser trabalhado na escola, enquanto projeto que envolve o uso das mídias.

3.3 PERCURSOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO

A base da construção de sentido de um texto está localizada nas categorias semânticas situadas no nível fundamental, onde estão presentes as condições mínimas de produção de sentido. Iniciar-se-á a análise de A Gazeta na Sala de Aula, durante o ano de 2011, pelo nível discursivo, pelo fato de ele ser o mais superficial do percurso gerativo de sentido e, com isso, o mais próximo da manifestação textual. No nível discursivo, as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas assumidas pelo sujeito da enunciação. “O sujeito da enunciação faz uma série de ‘escolhas’, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e ‘conta’ ou passa a narrativa transformando-a em discurso” (BARROS, 1997, p. 53).

O nível discursivo permite identificar as projeções de enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário, assim como a figuratividade dos conteúdos narrativos. Na sintaxe discursiva, estão as projeções espaciais, actanciais e temporais. Enquanto na semântica discursiva estão os valores e modalidades, que são obtidos através da tematização e da figuratividade.

A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva com vistas a convencer seu interlocutor. O falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor etc (FIORIN, 1993, p18).

A eficácia comunicativa possibilita que o enunciatário tenha determinadas atitudes receptivas, já que a enunciação é a instância lógica da organização do discurso. A narratividade é o princípio da organização de qualquer discurso narrativo, constituindo um todo de significação (GREIMAS; COURTÉS, 1979).

A partir da análise do nível discursivo, das capas das apostilas, pretende-se compreender as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário nas oficinas pedagógicas de A Gazeta na Sala de Aula. Há uma análise específica para cada capa, porém, as consideramos como um enunciado integrado constituído de um todo de sentido, ou seja, elas formam um único texto.

É o texto de um projeto dividido em quatro etapas e que tem o intuito de levar o professor a usar as mídias (da Rede Gazeta) para promover a paz na escola, em um momento em que os próprios veículos de comunicação noticiam que os professores passam por diversos conflitos na escola, muitas vezes, sentindo-se ameaçados por alunos e pais. Nesse momento, a paz é o objeto-valor posto em circulação. Para alcançar este objeto-valor, o educador deve entrar em conjunção com o programa A Gazeta na Sala de Aula. Um programa conduzido por uma profissional da educação (pedagoga), dotada de competências para atuar em projetos de formação de professor. Portanto, o objeto-valor que conduz essa narrativa é a informação instrumentalizada de A Gazeta na Sala de Aula.

Apesar da importância inquestionável das apostilas que sistematizam o material jornalístico que serve de exemplo de como trabalhar com as mídias na escola, o encontro dos monitores com a pedagoga de A Gazeta na Sala de Aula é o momento central da narrativa – a performance. A pedagoga (sujeito operador) leva aos monitores (sujeitos de estado) a orientação de como ensinar outros professores a trabalharem com as mídias da Rede Gazeta na escola (objeto-valor). O monitor passa de uma situação inicial, em que ele estava disjunto do objeto-valor, para um estado final de conjunção com o objeto-valor, a partir de uma transformação propiciada pelo sujeito operador. Este monitor passa a ser um sujeito competente para conduzir os encontros regionais e tem em mãos as apostilas, que são guias do como *fazer*.

3.3.1 As capas

Inicia-se a análise das apostilas pelas capas, que são organizadas a partir de elementos comuns: foto ou ilustração; logotipo de A Gazeta na Sala de Aula; identificação da Oficina pelas letras A, B, C ou D; título da apostila; identificação da equipe de organização; cidade e ano de publicação da apostila. Estas informações estão organizadas de diferentes formas nas quatro apostilas; mesmo assim elas remetem a capas de projetos, como se pode observar nas apostilas A e C.



FIGURA 69 – Capas das Apostilas A e C
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Outros programas relacionados ao uso dos produtos midiáticos no espaço escolar fazem relação direta de suas capas com os veículos de comunicação aos quais estão vinculados, como é o caso de *Veja na Sala de Aula*. As capas dos cadernos do programa são semelhantes às capas da revista *Veja*.

Ao analisar as capas de *A Gazeta na Sala de Aula*, busca-se, pelo plano de expressão, identificar escolhas feitas pelo sujeito da enunciação na elaboração do enunciado. São essas marcas deixadas pelo sujeito da enunciação que ajudarão a construir o enunciador e o enunciatário inscritos no enunciado.

A descrição do plano de expressão de uma configuração repousa sobre a organização sintática e é, portanto, um estudo tanto do enunciado (que possibilita a caracterização da relação-função das qualidades plásticas, dos actantes), quanto da enunciação (que explica a intencionalidade do arranjo discursivo através do conjunto de marcas deixadas na manifestação textual da organização a fim de direccionar o olhar do observador, conduzindo-o a reconstituí-la). Assim é a partir do inventário dos elementos componentes e da apreensão de sua semiose relacional que a descrição da obra centra-se no estudo das comparações entre as informações do plano de expressão com aquelas que o plano de conteúdo nesse veicula (OLIVEIRA, 1995, p. 110).

A primeira apostila de 2011, Oficina A, tem como título Tempo de Paz. Estavam presentes no encontro 26 monitores, representantes das secretarias municipais de educação. A pedagoga responsável pelo projeto e pela elaboração do material explicou ao grupo que a proposta de A Gazeta na Sala de Aula, para o presente ano, era contribuir para conscientizar professores de que na sala de aula existem vidas. São vidas apresentadas pelo enunciador de A Gazeta na Sala de Aula na capa da apostila.

Uma imagem fotográfica centralizada na página ocupa a maior parte do espaço da capa, que tem o tamanho de uma folha A4. A fotografia traz a imagem de quatro crianças sentadas na borda de um píer, de costas para o leitor e olhando o horizonte – mar/rio/lagoa, que se amplia por todo azul da capa. As crianças estão abraçadas de forma que o braço de uma passa pelos ombros da outra – construindo a figura que nos remete a uma corrente. São três meninos e uma menina, que estão sentadas em um píer que pode ser de uma cidade praiana ou próxima a um rio, já que, apesar de na capa predominar a cor azul, há a cor verde entre a água e o céu e no canto esquerdo da fotografia. Uma vegetação está presente nesse cenário. Portanto, é uma cidade qualquer de qualquer município do Espírito Santo. Para o grupo de professores do projeto, que são educadores de vários municípios, aquele espaço ali representado pode ser onde ele convive – é o aqui.

Na fotografia, pode-se identificar as escolhas feitas pelo sujeito da enunciação de pessoa, espaço e tempo. São quatro crianças da mesma faixa etária escolar daquelas que frequentam as escolas da rede municipal de ensino do Espírito Santo, já que aos municípios cabe a educação infantil e fundamental. Pelo tamanho do tronco das crianças, é possível dizer que elas estão nessa etapa da vida escolar, iguais a todas as outras com quem o professor participante da oficina trabalha.

Tempo de paz

Oficina A



Coordenação: Cristina Moraes

Vitória, março de 2011.

FIGURA 7 – Capa da apostila da Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

As partes das roupas mostradas são semelhantes para os três meninos, e a menina veste biquíni. São vestes comuns em cidades litorâneas ou em qualquer outra cidade e que não apontam a condição social das crianças. Ao mesmo tempo, as vestes nos levam a perceber uma simplicidade no viver daquele grupo.

A instalação de pessoa, espaço e tempo no texto é um procedimento da semântica discursiva, chamada de ancoragem. É um procedimento que colabora para produzir ilusão de discurso verdadeiro, porque são usados traços sensoriais que o receptor reconhece como verdade. “Esses elementos ancoram o texto na história e criam a ilusão de referente [...]”, explica Barros (1997, p.60).

A imagem dos corpos entrelaçados pelos braços associados ao verbal “Tempo de Paz”, nos leva a uma associação de corrente – união, fator necessário para a conquista da paz. E como alcançar a paz na escola está descrito no interior da apostila, que é figurativizada pela profundidade do céu, para onde as crianças estão com os corpos voltados. As crianças, de costas, nos convidam a entrar na apostila.



FIGURA 31 – Recorte da capa da apostila da Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

No alto da página, de forma centralizada, em letras maiúsculas e minúsculas, na cor preto e em negrito está escrito na horizontal o tema da apostila: Tempo de paz. Todo o verbal da capa é apresentado na cor preta e com a mesma fonte em diferentes tamanhos. Com exceção da identificação do projeto, que é um logotipo. A assinatura de quem enuncia foi posicionada como parte da fotografia. O nome A GAZETA escrito em azul tem tamanho de fonte maior do que “NA SALA DE AULA”. Além dos elementos verbais, está presente na logo uma ilustração que faz lembrar uma criança lendo jornal – figurativizando o jornal A GAZETA.

Na oficina B, que aconteceu no mês de maio, a capa é constituída pelo branco e preto tanto nos textos verbais quanto nos visuais. A diagramação da capa a divide ao meio, em duas partes diferentes.

A primeira parte tem o fundo branco, o logo do projeto, a identificação da oficina e o título: Iguais na diferença. A segunda parte tem o fundo preto, o mesmo texto verbal que compõe o título, porém de “cabeça para baixo”, a equipe organizadora do material (pedagoga e colaboradores) e a informação da cidade, mês e ano da apostila. Apesar de trazer o mesmo título nas duas partes da capa, a proposta não é que se faça a leitura ao inverter a folha, já que as outras informações verbais direcionam a leitura apenas de cima para baixo.

As cores preta e branca também estão presentes no texto verbal como formantes cromáticos desse plano de expressão e suas presenças atribuem ao texto sincrético um contraste intenso. O contraste é utilizado no design e apropriado pelas mídias e pela arte como um elemento da expressão e de sentido. O uso do contraste na capa da apostila e a topologia em posição verticalizada e retangularizada, tendo a cor preta como base, equilibra, o que o espelhamento da fonte põe em desequilíbrio. O sentido produzido pela plasticidade é a estabilidade da diferença, justamente pelo peso da forma preta na base retangularizada.

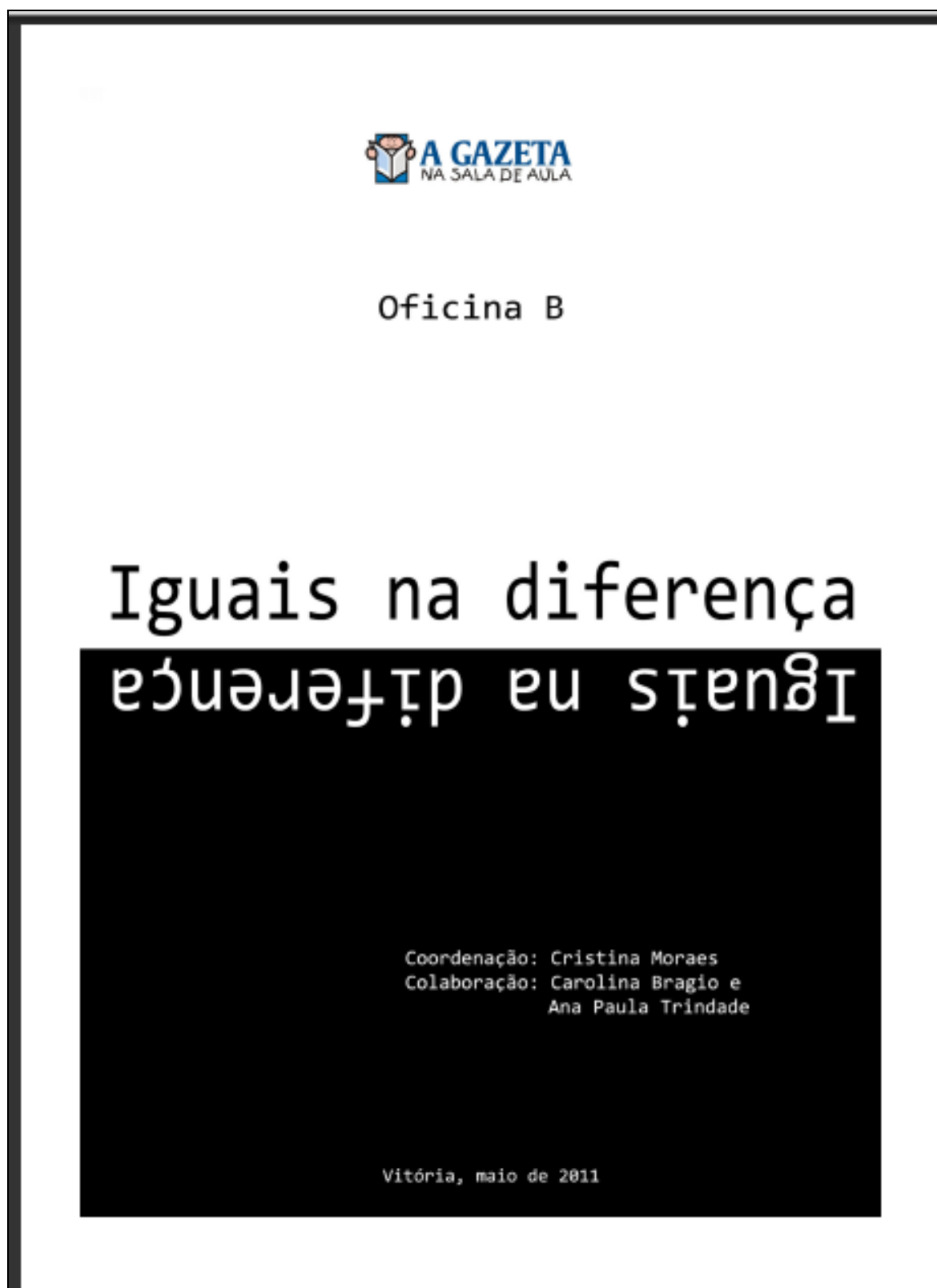


FIGURA 82 – Capa da apostila da Oficina B.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

O preto na capa é apresentado, novamente, na apostila da Oficina C. Só que desta vez ele predomina em todo o fundo da capa que tem como título Bem-me-quer, Malmequer, grafados em tipos gráficos que simulam uma grafia manuscrita. Temos o simulacro da instalação do enunciatário, tirando as pétalas e escrevendo o título na capa. Apesar do predomínio do preto, o olhar do enunciatário-leitor é direcionado para a figura da flor do tipo margarida. A cor amarela do miolo da flor é o ponto de destaque em uma capa onde branco e preto predominam. O movimento das pétalas produz sentido de que elas estão sendo puxadas por uma pessoa.

É um hábito na cultura brasileira puxar pétalas de alguns tipos de flores, atribuindo a elas o bem-me-quer ou mal-me-quer. Ao escolher uma flor comum no nosso cotidiano, assim como uma brincadeira popular, o enunciador busca criar um efeito de proximidade com o enunciatário. Usar expressões coloquiais, como “Bem-me-quer, Malmequer”, é uma estratégia enunciativa de aproximação. O uso da letra cursiva reitera esse proceder do enunciatário.

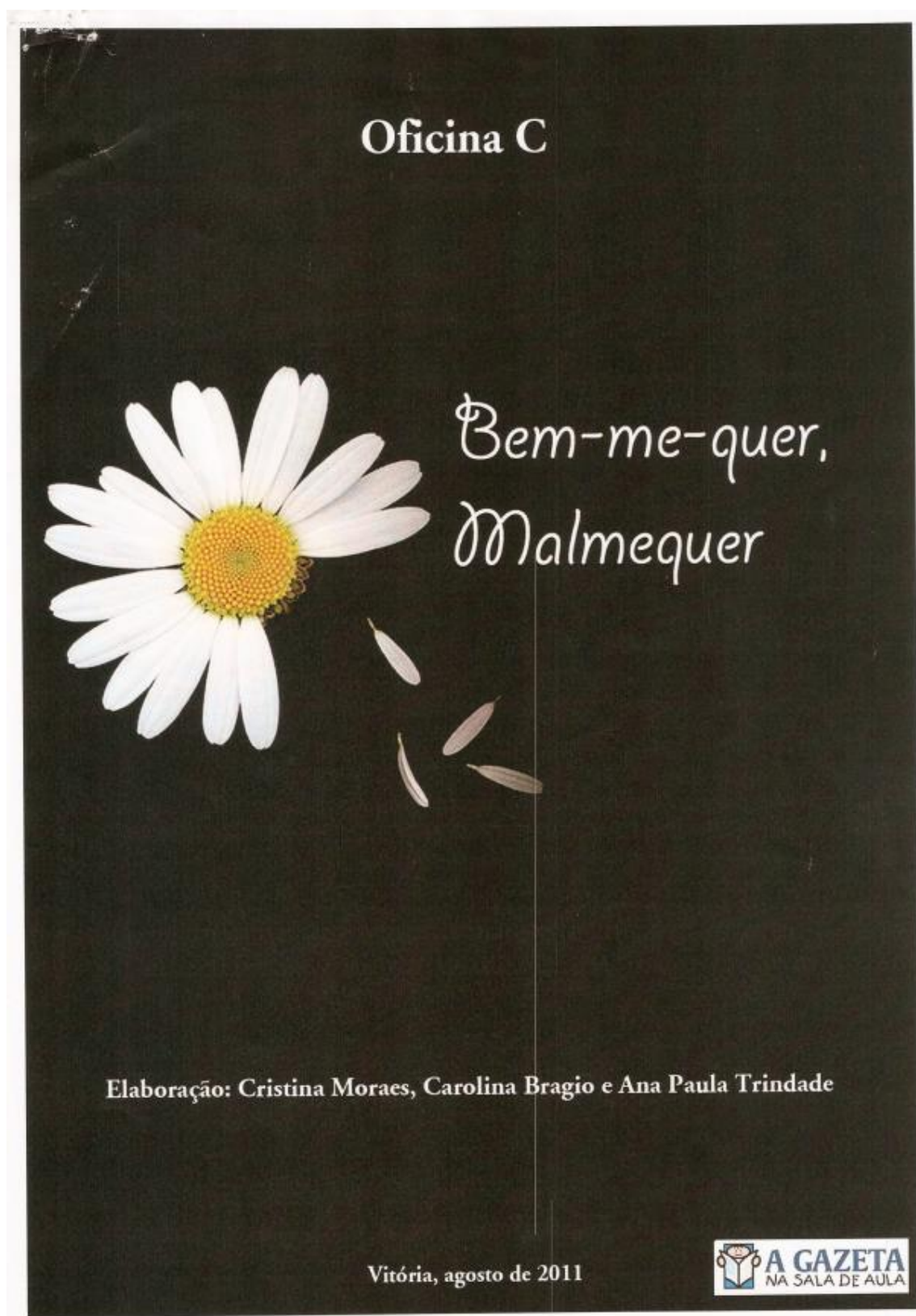


FIGURA 33 – Capa da apostila da Oficina C.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

A última apostila trabalhada, no ano de 2011, tem como título Participação Democrática. Assim como na primeira capa a cor azul preenche o fundo, mas está delimitada por um fio preto – uma moldura. A oficina D aconteceu no mês de setembro e tem, na capa, um trecho de história em quadrinhos, com a personagem Mafalda, que existe há mais de quarenta anos, tem senso crítico e irônico. Muitas histórias envolvendo a personagem são referentes a assuntos relativos a questões da humanidade.

A Gazeta na Sala de Aula traz a Mafalda para a capa da apostila que tem como tema Participação Democrática. O objetivo dessa Oficina Pedagógica é apresentar reportagens que mostram como a ação do indivíduo, seja de forma isolada ou coletiva, colabora para a construção social e política do País.

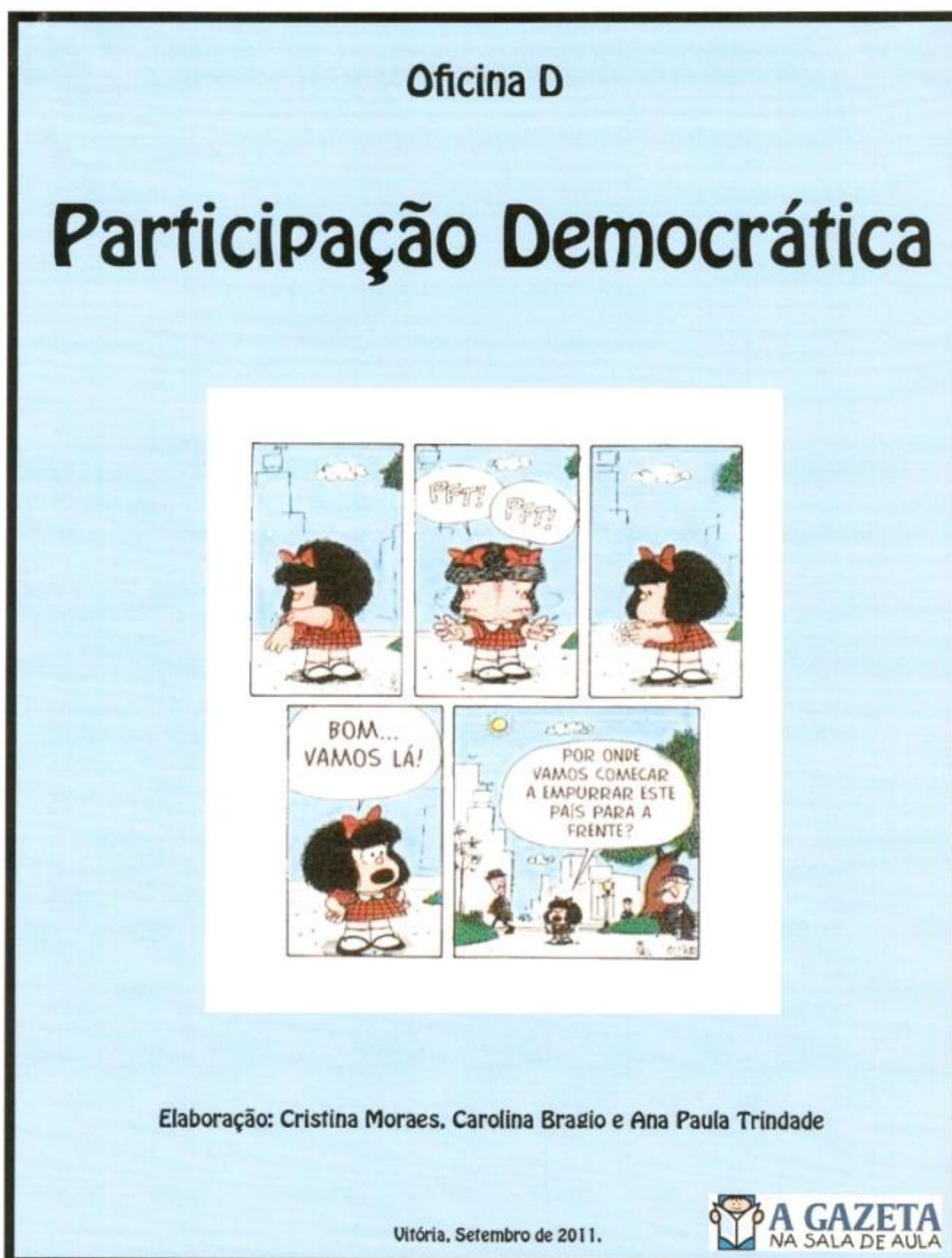


FIGURA 34 – Capa da apostila da Oficina D.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

No trecho do quadrinho utilizado por A Gazeta na Sala de Aula, a personagem Mafalda está em uma cidade, já que a imagem de fundo são traços que remetem a prédios. O azul da capa que emoldura o quadrinho é o mesmo azul da cidade onde está Mafalda, figurativizando que a cidade que a personagem pode transformar é a cidade que monitores e professores podem transformar. O enunciador usa um personagem para mostrar ao enunciatório que as transformações sociais são possíveis. É preciso agir, assim como faz Mafalda.



FIGURA 9 – Recorte da capa da apostila da Oficina D.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Mafalda puxa as mangas da roupa, demonstra se preparar para uma ação, mas tem dúvidas do que fazer. Isso é percebido no visual (balanço rápido da cabeça) e no verbal pelas expressões “PFT!”, “PFT! Marcadas no texto com letras digitadas com “caixa alta”. A nossa sociedade padronizou que a caixa alta usada na informática expressa grito ou ênfase.



FIGURA 36 – Recorte da capa da apostila da Oficina D.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Ela toma uma decisão:



FIGURA 37 – Recorte da capa da apostila da Oficina D.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Faz um convite a partir de uma interrogação: “Por onde vamos começar a empurrar este país para a frente?”



FIGURA 38 – Recorte da capa da apostila da Oficina D.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

O enunciador de A Gazeta na Sala de Aula também faz esse convite ao seu enunciatário-leitor, seja ele monitor ou professor. Desde a primeira apostila, Tempo de paz, o discurso posto em circulação é o de união, seguido por uma organização discursiva de respeito às diferenças (Oficinas B e C) e, por último, é preciso “arregaçar” as mangas e construir um país melhor – uma escola melhor. É um discurso construído através dos elementos verbais e visuais, que mostra a importância do agir dos monitores e professores para o desenvolvimento social e político do país/cidade/bairro, bem como, para a conscientização dos alunos quanto aos seus direitos individuais e coletivos enquanto cidadãos. Um discurso presente nos temas das atividades pedagógicas.

Ainda em relação às capas das apostilas, identificam-se nas quatro edições alguns elementos comuns. Um deles é o logotipo do projeto, que é assinatura de quem enuncia. Mesmo assim, ele ocupa posições diferentes nas capas. Na apostila da Oficina A, o logotipo foi aplicado como parte da fotografia. Na segunda apostila, Oficina B, ele fica no alto da página e centralizado. Nas apostilas das oficinas C e D, o logo é posicionado no canto inferior direito.

Sabendo que o logo é um dos elementos mais importantes na construção da identidade visual de uma marca, a indefinição da forma de como aplicá-lo na capa das apostilas pode ser uma fragilidade na construção de identidade do enunciador de A Gazeta na Sala de Aula. Mas também pode ser uma estratégia de não apresentação desse enunciador.

A Gazeta na Sala de Aula deixa marcas em sua organização discursiva: é um programa do jornal A Gazeta cujos objetivos são jornalísticos e mercadológicos. Uma dessas marcas é o logotipo que traz o nome A GAZETA escrito em azul e em tamanho de fonte maior do que “NA SALA DE AULA”. Também está presente no logo uma ilustração que faz lembrar uma criança lendo um jornal – A Gazeta.

Pode-se afirmar que é A Gazeta pela utilização do tipo e da cor da fonte semelhantes para escrever “A Gazeta”, tanto nos cadernos de A Gazeta na Sala de Aula, quanto no jornal A Gazeta.



FIGURA 39 – Imagens dos logos de A Gazeta na Sala de Aula e do Jornal A Gazeta
Fonte: Site da Rede Gazeta

No jornal, a cor azul é colocada como uma faixa atrás do nome A Gazeta e, no Programa, é a cor azul que preenche as letras da palavra A Gazeta. Dessa forma, o enunciador de A Gazeta na Sala de Aula aponta para o enunciatório-monitor que a competência do Programa está vinculada à competência do jornal A Gazeta, como pode ser percebido em outras categorias de análise relatadas a seguir e que indicam que o jornal, através de A Gazeta na Sala de Aula, deixa de ser apenas um produto de comunicação de massa, cujo objetivo principal é a informação factual, para ser um produto de auxílio didático.

O enunciador de A Gazeta na Sala de Aula é um porta-voz do enunciador do jornal A Gazeta. O jornal que detém o saber, mostrando a sua competência para informar e formar cidadãos participativos. A sua entrada na sala de aula é conduzida por um interlocutor competente na área de educação – a equipe pedagógica do Programa que é identificada nas quatro capas das apostilas analisadas. Identificar a equipe de especialistas, na área de educação, nas capas das apostilas, é uma forma de delegar voz a um sujeito competente, reforçando o efeito do dizer verdadeiro daquele material, constituído por recortes de jornais, ali sistematizados.

Um outro aspecto observado são as recorrências de alguns traços na organização discursiva, que remetem a valores mais abstratos presentes na narrativa, como a tematização e a figurativização. Segundo Greimas e Courtés, a tematização:

[...] é um procedimento – ainda pouco explorado-, que, tomando valores (da semântica fundamental) já atualizados (em junção com os sujeitos) pela semântica narrativa, os dissemina, de maneira mais ou menos difusa ou concentrada, sob a forma de temas, pelos programas e percursos narrativos, abrindo assim caminho à sua eventual figurativização. A tematização pode concentrar-se quer nos sujeitos, quer nos objetos, quer nas funções, ou, pelo contrário, repartir-se igualmente pelos elementos da estrutura narrativa em questão (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 454).

Partindo dessa definição, podemos identificar como A Gazeta na Sala de Aula dissemina temas a partir de uma temática central - “Escola e família: espaço de paz”. Para esta análise, observam-se os assuntos presentes nas apostilas, pois eles sinalizam as visões de mundo inscritas nos enunciados.

3.3.2 Assuntos e atividades pedagógicas

As apostilas de A Gazeta na Sala de Aula são organizadas a partir de Atividades Pedagógicas vinculadas ao uso de textos jornalísticos de diferentes produtos da Rede Gazeta, priorizando o jornal A Gazeta e nunca abordando o Notícia Agora.

As Atividades Pedagógicas são roteiros de orientação ao professor, que guiam o que ele deve fazer para executar, com os alunos, atividades semelhantes às sugeridas nas apostilas. Em cada uma das quatro apostilas trabalhadas nas Oficinas Pedagógicas de 2011, cinco atividades foram apresentadas. Elas não são direcionadas especificamente a disciplinas curriculares. Uma das orientações no planejamento é não limitar o uso do material jornalístico à aprendizagem de conteúdos curriculares.

No total de vinte atividades apresentadas, observa-se as escolhas feitas quanto aos assuntos selecionados para organização das apostilas, ou seja, como o Programa desenha o espaço social, a partir da seleção do que foi noticiado pelos veículos de

comunicação. Considerando que o jornalismo desempenha a função de organizar, discursivamente, os eventos sociais no interior do discurso, a partir de uma determinada ordem e objetivos e fornecendo uma imagem de mundo, inquietou-nos identificar qual é a imagem de mundo que constrói A Gazeta na Sala de Aula a partir de produções midiáticas publicadas pela própria empresa de comunicação.

Na apostila da Oficina A, cujo título é Espaço de paz, identificam-se os seguintes assuntos: afeto; responsabilidade de pais, filhos e escola na educação; solidariedade; casamento; educação financeira e educação no trânsito; além de matérias e publicidade referentes à Rede Gazeta sobre mudanças editoriais e gráficas no jornal A Gazeta; 14 anos de Gazeta On Line e site de A Gazeta.

Para organização da apostila Iguais na diferença, Oficina B, os assuntos presentes foram: namoro, adolescência, bullying, anorexia, bulimia, profissão, felicidade, voluntariado, religião, esporte, superação, tolerância.

Quando o tema da apostila é Bem-me-quer Malmequer, Oficina C, os assuntos são relacionados a casamento, beleza, abuso sexual, erotização, adoção, gravidez na adolescência, namoro e tatuagem. Já na apostila “Participação Democrática”, Oficina D, as temáticas presentes são referentes a direito coletivo, Procon, corrupção política e meio ambiente.

São essas as temáticas que A Gazeta na Sala de Aula elege como assuntos que podem e devem ser levadas para a escola através da informação jornalística. São temáticas que valorizam a solidariedade, os problemas enfrentados pelo jovem, a empregabilidade e a busca pela felicidade. São escolhas que seguem a linha editorial do jornal A Gazeta que, atualmente, privilegia o dia a dia em suas páginas. As editorias de Cidades e Vida são as de maior relevância na cobertura jornalística de A Gazeta, desde a sua última mudança gráfica e editorial. São editorias de aproximação com o “real” e com o leitor. Assim como A Gazeta na Sala de Aula, que se apresenta como aquele que aproxima o mundo da sala de aula com o mundo natural. Isso pode ser observado também no folder de divulgação do seminário do Programa, que traz a seguinte frase: “A gente leva para dentro da sala de aula aquilo que acontece do lado de fora” (ver p.68).

Podemos dizer que o perfil do destinatário construído a partir da organização temática dos cadernos é de quem tem interesse por assuntos relacionados ao cotidiano, mais especificamente, ao universo do adolescente (namoro, *bullying*, anorexia, bulimia, gravidez na adolescência, violência sexual, tatuagem, etc.). A escolha desses assuntos também aponta que, apesar de A Gazeta na Sala de Aula ser direcionado para as escolas das redes municipais de ensino, educação infantil e fundamental, a sua organização discursiva é de um programa voltado para os últimos anos da Educação Fundamental e para o Ensino Médio, quando a idade dos alunos possibilita diálogo e reflexão a partir dos temas que A Gazeta na Sala de Aula coloca em circulação. São temas equivalentes aos apontados nos PCNs como Temas Transversais,

[...] os quais englobam Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo. Por serem considerados temas que envolvem problemáticas sociais atuais e urgentes, de abrangência nacional e mundial, fazem parte do cotidiano dos educandos e devem ser contemplados na perspectiva da interdisciplinaridade (LIMA, 2001, p. 54).

Os PCNs propõem que a escola trabalhe com esses temas numa perspectiva de igualdade e diversidade, cooperando para a formação de uma cultura da paz baseada na tolerância, nos direitos humanos e cidadania. São temas que podem ser trabalhados com crianças e jovens em qualquer fase escolar, no entanto, o material recortado por A Gazeta na Sala de Aula pouco aborda o universo das crianças e, sim, dos adolescentes. Também não se deve ignorar que as temáticas que A Gazeta na Sala de Aula propõe em suas Atividades Pedagógicas são trabalhadas a partir do olhar de uma empresa de comunicação e de um produto jornalístico, que tem no seu referencial informativo a transmissão de saberes. “São os meios de comunicação que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos ver as cenas escolhidas e compreender esses temas” (BACCEGA, 2011, p. 32).

Nas atividades pedagógicas, também observa-se a predominância dos verbos no modo imperativo, direcionando o fazer do professor. Os verbos: apresente, converse, convide, conduza, promova, aborde, estimule, visite, desafie, provoque, pergunte e estude são comuns em todas as atividades. O Programa direciona as

ações do professor em cada etapa, ou seja, da execução ao produto que o aluno desenvolverá. É um fazer persuasivo que pressupõe um interpretativo. Existe um sujeito competente em seu fazer persuasivo, mas existe um sujeito, também competente, para o interpretativo.

O sujeito da enunciação não é apenas um simples sujeito que fabrica mensagens, enunciados, mas é também um sujeito que transmite o saber. Portanto, não é apenas sujeito de uma frase do tipo sujeito/objeto, mas também destinador de uma enunciação que pode ser descrita como destinador/destinatário (GREIMAS, 1996, p.13).

Outra constatação reafirmada, na análise das atividades pedagógicas, é a maior presença do jornal A Gazeta no Programa do que os outros veículos da Rede. Quarenta e seis reportagens produzidas por veículos da Rede Gazeta foram citadas nas 20 atividades pedagógicas. Deste material, 30 foram publicações veiculadas pelo jornal A Gazeta, o que representa 65%. O segundo veículo presente no Programa foi Gazeta On line, nove produções, totalizando 19,5%. As produções veiculadas pela TV Gazeta foram inseridas cinco vezes, quase 11%. As matérias exibidas pela rádio CBN foram mencionadas duas vezes, o que representa 4%. O jornal Notícia Agora não foi citado nas apostilas de A Gazeta na Sala de Aula.

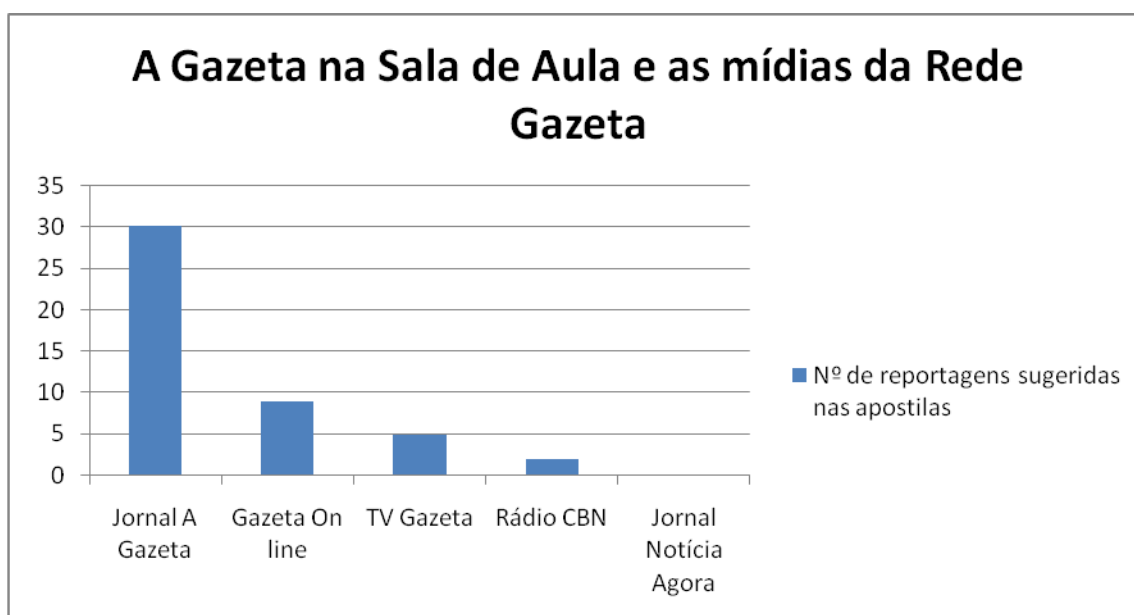


GRÁFICO 5 – Mídias da Rede Gazeta presentes em A Gazeta na Sala de Aula.
Fonte: Instituto Carlos Lindenberg

A partir dessas observações, passa-se a analisar as atividades pedagógicas presentes na Apostila A. Optou-se pela análise desta apostila, porque ela foi a primeira a ser trabalhada em 2011, além de apresentar a temática anual de A Gazeta na Sala de Aula.

3.3.2.1 Tempo de Paz

Os temas escolhidos para serem trabalhados como atividades na apostila da Oficina A – Tempo de Paz, são: Laços eternos, Visual novo e solidariedade em alta, Em busca da felicidade, Dinheiro de plástico e Sua vida daria um filme?

Em “Laços eternos”, são indicadas as matérias jornalísticas “Amizades verdadeiras fazem bem a saúde”, “Essa cadelinha espera há 4 meses pelo dono que sumiu”, “Cadela que espera pelo dono precisa de ajuda para fazer cirurgia no coração”, “Cadela Mel precisa de ajuda para colocar marca-passo”, “A cadela Mel é um doce e está precisando de um novo lar. Quer adotá-la?”. Quando se analisa as temáticas a partir das manchetes das matérias selecionadas para compor a apostila A, é a FRATERNIDADE que norteia as atividades de “Laços eternos”.

O enunciador A Gazeta na Sala de Aula direciona o fazer do professor para cada etapa da atividade “Laços eternos”. **“Apresente a matéria ‘Amizades verdadeiras fazem bem a saúde’[...] Converse com os seus alunos sobre as pessoas mais importantes na vida deles, descobrindo como é o relacionamento que mantêm e que tipo de vínculo (familiar, de amizade...)”**. O fazer do aluno também é direcionado pelo enunciador do Programa: **“Leve-os a relembrar situações que foram marcantes, que viveram com estas pessoas”**. O como pode ser feito o registro deste “diálogo” é apontado pelo enunciador: **“Estimule a criação de um livro de boas memórias, com textos dos alunos contando as situações vividas”**. Após a criação do livro, o professor deve convidar os alunos a compartilhar os textos, mas **“respeite o fato de alguns não quererem que outros leiam o que escreveram, e trabalhe com eles separadamente caso queiram**

dividir suas memórias com você”, orienta o Programa. O compartilhar ou não os textos também deve ser conversado com os alunos. **“Aproveite para conversar com a turma sobre a relação de confiança que se estabelece com os amigos, enfatizando a importância da reciprocidade (saber guardar segredos, apoiar o amigo quando ele precisa, etc.)”**, relata o Programa. A condução das atividades é direcionada para o *fazer* do professor, priorizando atitudes operacionais. Uma concepção produtivista de educação.

O professor também é orientado a promover discussões, o que depende de um *saber-fazer* deste profissional. Mas o direcionamento que o professor deve dar às discussões é feito pelo enunciador do Programa. “Promova uma conversa [...] explorando a questão dos laços de amizade [...]” e “Promova uma discussão [...] questionando se as pessoas costumam ser sensíveis [...]”.

Nesta atividade, é recomendado o uso de um *trailer* do filme “Sempre ao seu lado”, e a orientação dada ao professor é para que ele peça aos alunos para emitirem opiniões. Mas não traz orientações de como utilizá-lo, o que observar, como estabelecer as relações entre o filme e o conteúdo proposto na atividade. O filme apenas fortalece um conteúdo já posto e que antecede à atividade. Ele é apresentado como ilustrativo, mas não como significativo.

Em todas as atividades propostas, é recomendado que o professor estimule o aluno a produzir material. Em “Laços eternos”, é a produção de textos escritos e de um dia de vivência na escola com os animais de estimação. Para a produção de textos, o professor deve solicitar ao aluno que ele relate “sobre o fato do cão ser considerado o melhor amigo do homem, questionando se consideram essa afirmação uma verdade. Peça que escrevam se têm ou já tiveram animal de estimação, e como era a relação entre eles.” Mais um vez, é um *fazer* direcionado pelo enunciador. Um *fazer* do aluno delimitado ao que é exigido, não valorizando a criatividade.

Quanto ao dia do animal na escola, é importante observar que o enunciador não tem preocupações com os possíveis transtornos que podem causar os animais dentro da escola. Ele orienta o professor a “Promova o dia do animal de estimação na escola, proporcionando a oportunidade de estudar diferentes espécies e explorar a

necessidade de tratar os bichos com carinho, cuidando deles. Aproveite para fazer uma seção de fotos e montar um álbum de recordação dos bichinhos”. É um evento sem considerar as regras e usos deste espaço escola.

Observa-se que, em outras atividades, a apropriação do espaço escola também é orientada pelo enunciador de A Gazeta na Sala de Aula. Foi o que aconteceu na atividade “Visual novo e solidariedade em alta”, também da Oficina A, quando a orientação é “monte cartazes e espalhe pela escola [...]”.

Em “Visual Novo e solidariedade em alta”, foram trabalhadas duas matérias jornalísticas: “Solidariedade feita fio a fio e sob medida” e “Elas abriram mão do cabelão em nome da solidariedade”. São matérias sobre a doação de cabelos para confecção de perucas para serem doadas as mulheres que fazem quimioterapia. Aqui está presente a SOLIDARIEDADE. Para esta atividade, segue-se outro caminho. Não foi uma matéria jornalística que deu início à ação do professor.

O professor foi orientado a conversar com os alunos sobre vaidade, convidá-los a fazer um autorretrato e promover um desfile na sala de aula para mostrar a beleza de cada um. A partir destas ações, o professor deve aproveitar para trabalhar a autoestima e a valorização das diferenças, apresentando a matéria “Solidariedade feita fio a fio e sob medida” e conversar com os alunos sobre as mulheres que perdem os cabelos quando precisam fazer quimioterapia e como isso pode afetar a autoestima. Observa-se que, para o enunciador, a relação perda de cabelo e autoestima diz respeito ao universo feminino.

O próximo fazer do professor é conduzir a leitura e interpretação da matéria “Elas abriram mão do cabelão em nome da solidariedade”. Na condução desta leitura, o professor deve ressaltar trechos de uma carta enviada à Associação Feminina de Combate ao Câncer por duas irmãs que cortaram os cabelos e doaram para confecção de perucas. O professor deve comentar sobre o exemplo de solidariedade e apoio que as irmãs receberam das famílias, projetando-as como atores do discurso. O enunciador direciona a ação do professor para colocar em discussão a oposição entre vaidade e solidariedade.

2 – Visual novo e solidariedade em alta

- Converse com seus alunos sobre a vaidade. Pergunte se eles se acham vaidosos, e o que costumam fazer para cuidarem de sua aparência. Peça que digam o que mais gostam neles mesmos, e se abririam mão de alguma
- Promova um desfile na sala de aula, para mostrar a beleza de cada um e valorizá-la. Com os autorretratos pode ser feito um book, mostrando os modelos que estarão na passarela. Aproveite para trabalhar a autoestima e a valorização das diferenças.
- Apresente a matéria “Solidariedade feita fio a fio e sob medida” (p. 32), publicada no Gazeta Online (www.gazetaonline.com.br) no dia 07/07/2010. Converse sobre a questão da perda dos cabelos pelas mulheres que fazem quimioterapia, procurando analisar como esse fato pode afetar a autoestima delas. Promova uma reflexão sobre o fato de pessoas serem voluntárias e doarem seus cabelos para a confecção de perucas para as pacientes. Pergunte se alguém teria coragem de doar, e se acham que uma criança seria capaz de fazer isso.
- Conduza a leitura e a interpretação da matéria “Elas abriram mão do cabelão em nome da solidariedade” (p. 33 e 34), publicada na editoria Dia a dia do jornal A GAZETA, em 03/02/2011. Ressalte os trechos da carta que as irmãs enviaram à Associação Feminina de Educação e Combate ao Câncer (Afecc), dizendo por que decidiram fazer a doação. Comente o exemplo de solidariedade que as meninas deram, e o papel da família delas no apoio para que realizassem o que queriam. Aproveite para conversar sobre como se pode, a partir de ações junto com cada família, promover o bem para outras pessoas.
- Faça um levantamento, com a ajuda dos alunos, das entidades mais próximas da escola. Descubra de que mais estão precisando, e consiga o engajamento das famílias para ajudar. Combine um dia para que pais e alunos visitem as entidades e levem o que puderem

compartilhar: um sorriso, um abraço, uma ação voluntária, uma ajuda material...

- Monte cartazes e espalhe pela escola, com fotos das ações desenvolvidas. Não se esqueça de manter o vínculo com as instituições apoiadas, para que o trabalho voluntário e a mobilização de pais e alunos sejam contínuos.

FIGURA 40 – Atividade da apostila da Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

Nessa proposta de atividade, A Gazeta na Sala de Aula conduz algumas interseções que podem ser feitas a partir do diálogo do material jornalístico com outros saberes. Os alunos são incentivados a refletirem sobre a sua própria forma de agir e a buscarem informações junto à comunidade onde vivem. No entanto, o próprio Programa direciona as ressignificações, ou seja, o leitor tem acesso a um mundo editado e reeditado pela própria empresa de comunicação.

A terceira atividade proposta é “Em busca da felicidade”, a partir das publicações jornalísticas “Estudo garante: casar faz bem à saúde” e “Para você o que é ser feliz?”, que foi a questão apresentada em um fórum publicado no portal Gazeta On Line. Para essa atividade, o enunciador utiliza recursos de aproximação ao usar o pronome “você” e estabelecer um diálogo com o leitor por meio de um pergunta: “Para você o que é ser feliz?”. São recursos que criam efeitos de proximidade e de intimidade com o enunciatário, permitindo um contrato enunciativo pressuposto, “na medida em que é aceito pelo destinatário e mantido pelo destinador [...]”, (GREIMAS, 1981, p. 17).

O enunciador sugere que o professor ouça a opinião dos alunos sobre o que é ser feliz e, em seguida, apresente um material de valor positivo sobre o casamento. A matéria publicada pelo jornal A Gazeta informa sobre um estudo realizado na Escola de Medicina da Universidade de Cardiff, na Grã-Bretanha, que aponta que as pessoas casadas vivem mais e têm melhor saúde do que os solteiros. Como a fonte da pesquisa é credível, já que a ciência moderna oficializa que aquilo que é comprovado por pesquisa é verdade, assim como o enunciador, o professor interpreta como verdadeiro este saber. O CASAMENTO é o caminho para a felicidade, como é mostrado no texto do jornal A Gazeta, de 29 de janeiro de 2011.

Vivem mais Estudo garante: casar faz bem à saúde

20 | A GAZETA Vitória (ES), sábado, 29 de janeiro de 2011

LONDRES

■ ■ Um estudo publicado na edição de fevereiro da publicação "British Medical Journal" mostra que o casamento faz bem para a saúde física e mental de homens e mulheres.

Na pesquisa, os pesquisadores John e David Gallacher, da Escola de Medicina da Universidade de Cardiff, na Grã-Bretanha, descobriram que pessoas casadas vivem mais e têm uma saúde melhor do que os solteiros ou divorciados.

O estudo avaliou a saúde de mais de um milhão de pessoas em sete países europeus. Os casados, segundo os pesquisadores, vivem cerca de 10% a 15% a mais do que aquelas que vivem sozinhas.

A principal hipótese para explicar essa longevidade seria a de que indivíduos bem ajustados gravitam para o casamento, sugerindo que não é o casamento que aumenta a saúde, mas que os indivíduos que escolhem casar já têm uma saúde melhor antes do matrimônio.

FIGURA 41 – Recorte de texto jornalístico sobre casamento - Apostila A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

Em “Dinheiro de plástico”, a atividade pode ser desenvolvida com: “Aprenda a se planejar para evitar dívidas ao longo do ano”, “23% dos brasileiros têm dívidas cinco vezes maiores que a renda”, “Lição de educação financeira: cartão até para a merenda”. A proposta é ECONOMIZAR.

A atividade se inicia com a orientação de que o professor deve conduzir uma pesquisa com os pais ou responsáveis pelos alunos para verificar o uso dos cartões de crédito e débito. Além da leitura da matéria “Aprenda a se planejar para evitar dívidas ao longo do ano”, A Gazeta na Sala de Aula propõe que um pai ou responsável converse com os alunos sobre como controla os gastos com o cartão e como organiza o orçamento doméstico. Além da presença de um pai, também é sugerida uma palestra com um economista. Só que esta palestra é destinada aos pais, para que eles possam receber dicas de como orientar os filhos em relação ao dinheiro. O Programa também sugere uma palestra com um psicólogo, “[...] para conversar sobre formas de ter paz no ambiente familiar, apesar de problemas financeiros e de outros de natureza diversa”.

Percebe-se que, nessa atividade, A Gazeta na Sala de Aula propõe a participação de vários atores a partir de práticas sociais “[...] quando se encaram as relações entre sujeitos em *situação*” (LANDOWSKI, 2002, p. 31). São sujeitos que na enunciação não se posicionam como o Outro, já que o enunciador direciona o que é esperado da fala deles. Eles colaboram para a construção do simulacro do enunciador, enquanto sujeito de responsabilidade social.

[...] como um Sol no céu dos Estados e Impérios da Lua, se ele brilha, se ilumina os corpos que o rodeiam, contribuindo assim para determinar seus périplos, não é, em absoluto, irradiando do alto, mas agindo por sua presença no próprio centro do sistema. (LANDOWSKI, 2002, p. 38).

Na última atividade da apostila A, “Sua vida daria um filme?”, a sugestão é trabalhar em sala de aula com “Repressão não ajuda” e “Não à censura”. Como são matérias sobre relatos de vida, a temática apresentada é de EXPERIÊNCIAS DE VIDA.

Mais uma vez o enunciador busca um diálogo com o seu leitor recorrendo a uma pergunta. Observa-se que a apostila é entregue ao monitor para ser repassada ao

professor; portanto, o leitor dessa apostila é um profissional da educação; no entanto, o simulacro de diálogo não faz referência a um fazer didático. Os questionamentos apontados nesta atividade e na anterior - “Para você o que é ser feliz?” – é para um leitor comum.

Na apostila Espaço de Paz, as atividades conduzem aos alunos a solidariedade, incluindo adoção já que foi apresentada como uma atitude solidária; casamento, economia e experiências de vida.

Ao se examinar as atividades em sua totalidade, percebe-se que elas não são direcionadas a conteúdos curriculares específicos. Elas incentivam a produção de atividades escolares relacionadas a temáticas sociais, que interessam a um público específico que é o adolescente, e têm sempre como fonte de pesquisa os veículos da Rede Gazeta, principalmente o jornal A Gazeta. Esta construção da competência do saber dos veículos da empresa de comunicação para produção de material de pesquisa para a educação está presente nas atividades das apostilas e nos projetos desenvolvidos ao longo do ano e premiados pela Rede Gazeta.

Em 2011, o vencedor do concurso Mídias na Educação foi o projeto “Com respeito e amor: tudo junto e misturado”. Um projeto de inclusão social desenvolvido por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola de Colatina, interior do Estado, e com a seguinte descrição:

Com respeito e amor: tudo junto e misturado

Objetivos:

- Proporcionar a oportunidade de respeitar o próximo;
- Compreender a existência da diversidade na escola e na sociedade.

Desenvolvimento:

- Elaboração de tabelas com os títulos “O que eu sei” e “O que eu não sei”;
- Leitura e interpretação do texto “Os lápis da caixa”, de Clêdes Pessoa;
- Realização de pesquisas na internet sobre os temas: inclusão social, leis que garantem a inclusão, acessibilidade e homofobia;
- Busca de notícias do jornal A GAZETA para embasar o tema do trabalho;
- Sessão de cinema na escola como o filme: “O contador de histórias”, de Maria de Medeiros;
- Visita à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE);
- Apreciação de palestra sobre o tema;
- Realização de entrevista com uma pessoa com deficiência visual;
- Visita ao asilo Vovô Simão para in-

tegração e entendimento dos alunos a respeito dos idosos;

- Confeção de murais contendo todas as informações e fotos relacionadas ao trabalho;

- Escrita coletiva de uma peça teatral e apresentação com a participação de atores, alunos do 5º ano, professores, alunos da APAE, funcionários da escola e familiares.

Comentário:

- “Visto que a inclusão social é um tema muito amplo e que sua prática engloba inúmeros valores, a proposta foi verificar as mudanças e concepções erradas adquiridas ao longo da vida e, assim, mostrar para os alunos que todos nós somos iguais.”

Professora: Zuleide Vinter

Escola: EMPEF Dr. Octávio Manhães de Andrade

Série: 5º ano

Município: Colatina



FIGURA 410 – Informe novembro/2011
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Nesta atividade, a orientação para o embasamento sobre o tema tem como fonte de pesquisa o próprio jornal A Gazeta. Porém, o professor consegue extrapolar as páginas do impresso. Ele busca ampliar a compreensão do aluno com pesquisas na internet, sessão de cinema, entrevistas, palestras e visitas a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais e a um asilo. É uma forma de relacionar as mensagens que a mídia coloca em circulação com o contexto sociocultural do aluno, como defende Soares (2000), ao explicar que os meios de comunicação não devem ser usados apenas de forma instrumentalizada na escola. Enquanto, o enunciador de A Gazeta na Sala de Aula organiza o seu discurso individual, a partir de outros discursos – das mídias, de especialistas, da comunidade e dos pais, como forma de dar referências ao seu próprio discurso.

As ações de A Gazeta na Sala de Aula são direcionadas pelo enunciador, exceto a ação das mídias que é de onde ele detém o saber, enquanto programa de comunicação. Professores, alunos, especialistas e pais têm os seus fazeres guiados pelo enunciador de A Gazeta na Sala de Aula. Em todas as atividades, esse enunciador reitera o direcionamento dado às atividades, utilizando verbos como “conduza”, “promova”, “provoque”, “convide”, criando uma isotopia interna entre as apostilas. Ele ostenta um saber do enunciador sobre um fazer-saber. “[...] é a partir da ostentação de seu saber que o sujeito discursante corta em fatias e referencializa o discurso anterior segundo”, explica Greimas (1981, p.16). Ao enunciatário, professor, cabe seguir o roteiro para entrar em conjunção com o objeto-valor oferecido pelo enunciador, que, ao mesmo tempo, ensina os docentes a explorarem as relações com os seus alunos, prescreve a autoreflexão, a busca pelo conhecimento e o engajamento do docente na comunidade onde atua.

A Gazeta na Sala de Aula leva para o espaço escolar uma proposta de educação que orienta os alunos sobre os procedimentos que eles devem ter na vida, as suas condutas e que tipo de pessoa eles devem ser. É uma educação baseada em valores. Este modelo implica o questionamento crítico do aluno a partir de suas experiências, ou seja, sua realidade de vida. “É, conseqüentemente, uma educação para o nascimento de uma ética pessoal e social da convivência, baseada na cultura da paz” (MORENO, 2010, p. 86). Mas não é, necessariamente, uma educação de caráter dialógico e libertador, como defendia Paulo Freire. A proposta pedagógica

identificada nas Oficinas Pedagógicas não atende as bases dos projetos considerados educacionais, porque não é uma construção coletiva de significados. Monitores e professores recebem um modelo pronto de como usar as mídias na sala de aula, o que nos remete a uma proposta de uso instrumentalizado dos meios de comunicação na sala de aula.

O modelo de educação de A Gazeta na Sala de Aula é prescritivo a partir de temas, conteúdos e exercícios que buscam determinar comportamentos e práticas, até mesmo com exemplos, como se pode constatar no concurso Mídia e Educação. Ele não é só uma ação de valorização do jornal A Gazeta, mas também uma mostra de experiências que podem ser seguidas enquanto modelos para que outros docentes aperfeiçoem e/ou modifiquem a sua prática. Assim como aqueles professores que ganharam o concurso, porque sabem e fazem, outros docentes também podem levar para a escola um currículo dinâmico, a partir do bom uso do saber doado pela A Gazeta na Sala de Aula. Isso depende do investimento de cada professor em acreditar que, apesar das dificuldades, é possível fazer um bom trabalho. É uma concepção de educação que nos remete às pedagogias das competências, que ganharam espaço no Brasil e no mundo com os governos considerados neoliberais. Como já visto, neste contexto, as relações de poder não dizem respeito apenas ao governo, mas também ao setor privado que coloca em circulação discursos carregados de valores.

A Gazeta na Sala de Aula adota um modelo de comunicação linear tradicional e prescritivo. Desta forma, o destinador comunica o seu saber. Mas não o impõe. Os professores têm autonomia para adequar o uso dos jornais ao cotidiano da escola/comunidade. Sendo assim, os efeitos dos discursos colocados em circulação são múltiplos e heterogêneos, porque dependem de quem os recebe e de como compreende, justifica, reproduz ou reorganiza a lógica destes discursos. A partir de suas ações, o professor pode ser ou não um educador. Isso depende do que o professor faz com os jornais que chegam até a escola; como ele lida com as informações que estão nesta mídia impressa e nas apostilas de A Gazeta na Sala de Aula, e como ele prepara a sua prática. Uma prática que deve valer-se de um diálogo com diferentes discursos provocando uma interseção entre saberes, levando os sujeitos a novos modos de atuação. O que não deve acontecer é apenas a

reprodução do que é visto na mídia. “Sua imitação, pelos alunos, muitas vezes com o incentivo dos professores, leva à reprodução dos valores hegemônicos” (BACCEGA, 2011, p. 40).

É a relação do aluno com os discursos midiáticos e com os outros saberes, que permeiam a cultura, que o possibilita a ter uma formação cidadã. Uma formação que o leve a ser um leitor crítico, como propõe A Gazeta na Sala de Aula. No entanto, é na prática pedagógica que esta relação é consolidada, ou não. É a reflexão que apresentamos no capítulo IV, que tem como título **“Caminhos para a formação de um leitor crítico”**

CAPÍTULO IV

4. CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE UM LEITOR CRÍTICO

Formar um leitor crítico é uma das metas dos projetos que estão no campo da Educomunicação. É também um dos desafios propostos pela A Gazeta na Sala de Aula, assim como, pelo Programa Jornal e Educação. Mas como formar este leitor crítico? Para Baccega, é necessário levar o aluno a “[...] ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura e, sobretudo, levá-lo ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações” (BACCEGA, 2011, p. 40).

Quando esse desafio está associado ao uso dos meios de comunicação na sala de aula, faz-se necessário pensar a comunicação como processo de interação social, além de compreender o papel das mídias na sociedade contemporânea e a sua atuação no cotidiano desta sociedade. É não esquecer que a presença diária dos meios de comunicação em nossas vidas reconfigura novos modos de ser, de estar e de se relacionar a partir de produções de sentido (MARTÍN-BARBERO, 2010; CITELLI, 2011). As mídias selecionam os temas, os pontos de vista e interferem em nossas formas de compreender a sociedade. Mas não é uma simples oposição emissor ativo *versus* receptor passivo. É um processo de interação social, em que os meios de comunicação são importantes mediadores, mas não são os únicos. Porém, são grandes aliados, inclusive nos espaços escolares.

É inegável que vivemos em uma sociedade do conhecimento e da informação e que as mídias têm papel fundamental para o desenvolvimento econômico, político e social. No entanto, no campo educacional elas não devem ser vistas apenas pelo aspecto instrumentalista, mas enquanto ecossistemas comunicativos, como defende Martín-Barbero. O autor aponta que uma das primeiras manifestações e materialização deste ecossistema é a relação com as novas tecnologias, principalmente, entre os mais jovens. “Eles têm maior empatia cognitiva e expressiva

com as tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 124).

A velocidade das imagens, dos discursos audiovisuais, da internet e tantos outros meios são possibilitados pelas descobertas tecnológicas. São dispositivos presentes na maioria das escolas que participam do programa A Gazeta na Sala de Aula. Uma pesquisa feita pela Rede Gazeta, em 2010, para identificar as principais mídias utilizadas nos colégios, que participavam do Programa naquele ano, mostra que a televisão, a internet e a disponibilidade de laboratórios de informática são os recursos mais frequentes nas escolas.

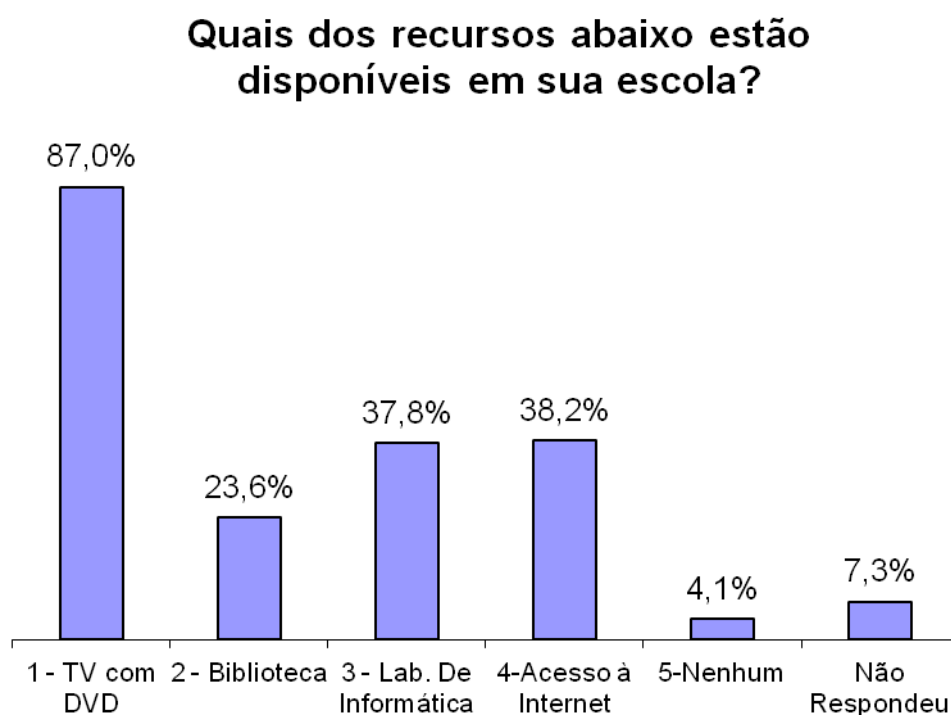


GRÁFICO 6 – Recursos disponíveis nas escolas
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

A televisão e o computador são considerados por Martín-Barbero & Rey (2004) meios descentralizados e que transformam os modos de circulação da informação entre a família e também no espaço escolar. Eles permitem, principalmente a televisão, que o jovem esteja presente nas interações entre adultos. Enquanto o

livro, cultura do texto, evidencia os espaços de comunicação entre adultos e institui o regime do saber, fazendo com que se estabeleçam relações entre o avanço intelectual com o progresso da leitura.

A Gazeta na Sala de Aula chega às escolas com esse modelo de comunicação pedagógica de valorização do impresso, quando em suas atividades prioriza a leitura do jornal e, muitas vezes, utiliza outras mídias apenas como suporte para o texto impresso. Porém, a televisão é utilizada em sala de aula por 72,8% dos entrevistados e a internet por 44,7%.

Que tipo de mídia você costuma trabalhar com seus alunos, além do jornal impresso?

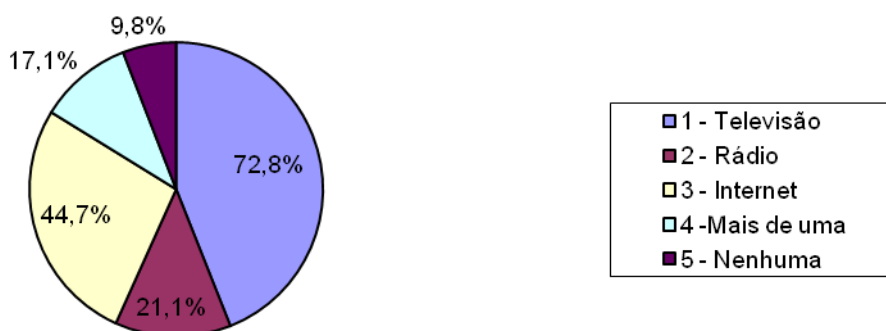


GRÁFICO 7 – Mídias utilizadas pelos professores, além do jornal impresso.
Fonte: Rede Gazeta

Considerando que o aparelho de TV e o acesso à internet estão presentes no cotidiano da escola, até mais do que a biblioteca, como nos mostra o gráfico acima, a utilização destes recursos merecem maior atenção do Programa que propõe estimular o uso de informações jornalísticas na sala de aula para formação de leitores críticos.

Para Martín-Barbero & Rey (2004), a televisão leva para as famílias e para a escola novos modos de circulação de informação, rompendo filtros de autoridade. “Por não

depender seu uso de um complexo código de acesso, como o do livro, a televisão expõe as crianças, desde que abrem os olhos, ao mundo antes velado dos adultos” (BARBERO; REY, 2004, p. 55). Este mundo velado é o das guerras, sexo, intrigas e outras temáticas que os adultos ocultaram das crianças ao longo da história escondendo as publicações impressas e as proibindo de ver. Mas a televisão expõe todos estes temas e comportamentos. E o mesmo faz a internet.

A pesquisa também mostrou que entre os professores que participaram de A Gazeta na Sala de Aula, em 2010, a utilização das mídias na escola teve como principais objetivos levar os alunos a uma maior reflexão das temáticas sociais e o incentivo à cidadania, que somados correspondem a opinião de 65% dos entrevistados. O estímulo à leitura também está presente entre os principais objetivos do uso das mídias na sala de aula. Quase 25% dos entrevistados apontaram que os meios de comunicação estimulam o hábito de leitura entre os alunos.

O uso de jornal e de outras mídias em sala de aula se aproxima mais de qual dos objetivos abaixo?

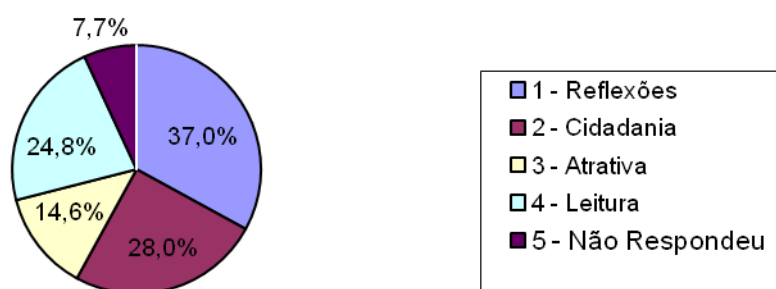


GRÁFICO 8 – Objetivos do uso das mídias nas escolas
Fonte: Rede Gazeta

Para oitenta por cento desses professores, o uso dos meios de comunicação no ambiente escolar colabora para motivar os alunos e, com isso, eles melhoram o desempenho escolar, como mostra o gráfico a seguir:

Você acredita que os alunos se sentem mais motivados para aprender quando as mídias são utilizadas na sala de aula?

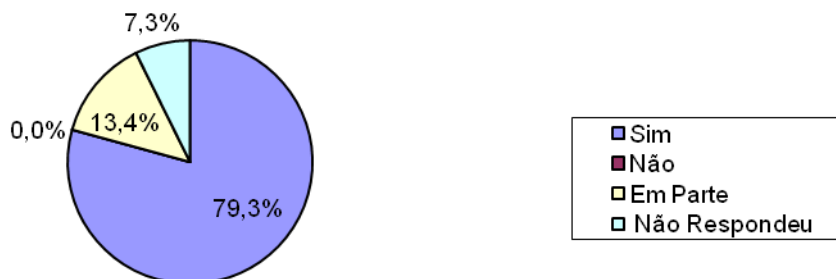


GRÁFICO 9 – Relação meios de comunicação e motivação
Fonte: Rede Gazeta

Barbero & Rey ampliam este uso das mídias nas escolas para além do desempenho escolar do aluno. Para os autores, a presença das mídias é uma questão antropológica, já que “[...] o que está em jogo são profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias e, especialmente, nas novas gerações que sabem ler e cuja leitura se acha atravessada pela pluralidade de textos e escrituras que circulam hoje” (BARBERO;REY,2004, p. 47). Com isso, é necessário pensar a cumplicidade e complexidade das relações entre o tecnológico e a oralidade, que é apontada como a experiência cultural primária. É possibilitar que o aluno tenha experiências significativas. É uma prática pedagógica que não é resumida a transmissão de conteúdos, como nos lembra Paulo Freire.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético (FREIRE,1996, p. 103)

Mas, A Gazeta na Sala de Aula, quando propõe ações que possam levar a circular, no ambiente escolar, uma heterogeneidade e pluralidade de textos a partir da oralidade, nem sempre os destinam diretamente aos alunos, mas sim aos seus pais. Pelo saber adquirido pelos pais, os jovens terão acesso a orientações oriundas dos textos orais.

- Convide algum profissional da área de Economia para uma palestra para pais/responsáveis, mostrando de forma prática como controlar os gastos e manter as finanças da família em dia. Dicas de como educar os filhos nesse sentido também podem ser dadas. Você pode convidar ainda um psicólogo, para conversar sobre formas de ter paz no ambiente familiar, apesar de problemas financeiros e de outros de natureza diversa.

FIGURA 43 – Recortes de atividades propostas na Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

Possibilitar que os pais participem do cotidiano da escola é uma orientação que norteia o Programa desde o planejamento das atividades, que prevê o envolvimento das famílias, a propostas dos projetos que poderão ser desenvolvidos.

- Monte cartazes e espalhe pela escola, com fotos das ações desenvolvidas. Não se esqueça de manter o vínculo com as instituições apoiadas, para que o trabalho voluntário e a mobilização de pais e alunos sejam contínuos.

FIGURA 44 – Recortes de atividades propostas na Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

A mobilização dos pais é conduzida na figura do adulto que deve ser um exemplo a ser seguido, no sentido de transmitir saberes para as novas gerações. Assim como os professores que também são responsáveis pela transmissão do saber que é posto em circulação. São papéis sociais delimitados e definidos pelo enunciador, com podemos perceber na Apostila A, quando duas perguntas são direcionadas aos professores para reflexão sobre o que cabe à escola e à família na educação de crianças e jovens, além de solicitar bons e maus exemplos de atuação de pais e educadores.

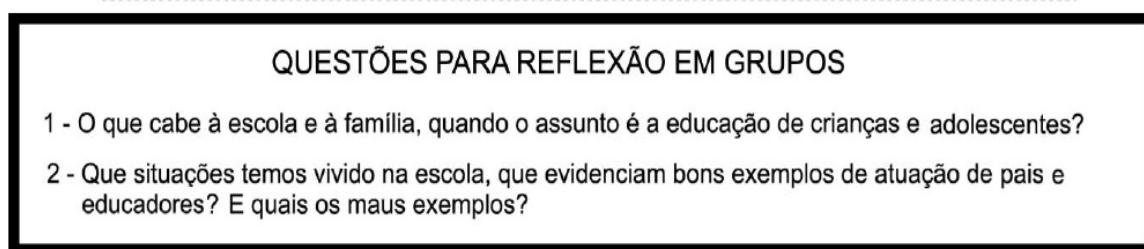


FIGURA 11 – Questões para reflexão - Apostila A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

A mesma apostila traz as respostas para as questões apontadas. Um recorte de uma matéria publicada no jornal A Gazeta, do dia 30 de janeiro de 2011, diz o que cabe a escola e a família para que o aluno tenha um bom desempenho escolar. Os pais devem ser exemplo para que as crianças tenham o “boletim sempre azul” e a escola deve ser capaz de relacionar os conteúdos escolares com o cotidiano das crianças, ter professores que ofereçam empatia com os alunos e “exigir” do aluno aquilo que é adequado para a sua idade.

Configura-se em uma isotopia de como o Programa percebe o papel dos pais e da escola na vida escolar das crianças e dos adolescentes. Aos pais, a ênfase é nas experiências e atitudes de vida como exemplo para os mais jovens; a escola fica com a função de sistematizar os saberes para que eles sejam úteis no desenvolvimento destes indivíduos.

Para ver o boletim sempre azul

Confira a parte que cabe a cada um e o que fazer para mudar

ONDE ESTÁ O PROBLEMA

● VOCÊ

- Não impõe regras e limites claros para os estudos e para os momentos de lazer
- Não lê nem estuda, mas exige que o seu filho faça isso
- Espera que todo o trabalho seja feito pela escola e não motiva o seu filho a aprender, levando-o a bibliotecas, museus ou a outras atividades
- Reclama do seu trabalho e da sua rotina perto da criança, estimulando-a a ser como você
- Em vez de mostrar outros caminhos para o aprendizado, pune quando ela erra ou tira notas baixas
- Ensina a criança a lidar com o professor como se ele fosse seu empregado
- Por não ter tempo, espera que seu filho cumpra todas as tarefas sozinho

● SEU FILHO

- Se ele vai mal na escola, o primeiro passo é investigar se há algum problema de saúde ou cognitivo. A criança, na maioria das

vezes, não sabe verbalizar que não está enxergando ou ouvindo bem, por exemplo. E esse pode ser um dos motivos do desinteresse pela escola

● ESCOLA

- Exige do aluno mais do que o indicado para sua idade
- Não envolve a família na vida escolar nem oferece atividades extraclasse
- Não consegue relacionar os conteúdos aprendidos com o cotidiano e o futuro da criança
- Tem professores que não oferecem empatia com os alunos, eliminando o prazer pelo aprendizado

E A SOLUÇÃO

● CONVERSE

- Ouça os motivos e argumentos do seu filho, e procure também seus professores, que podem dar pistas de onde está o problema

● EDUQUE

- Seja didático sem ser chato. Levar a criança para passeios educativos é muito

importante, desde que seja um prazer, primeiramente, para os pais

● RESPONDA

- Crianças questionadoras deixam essas características de lado se os pais se incomodam com muitas perguntas ou não têm paciência para responder. Seja verdadeiro

● DÊ O EXEMPLO

- Se você reclama o tempo todo do trabalho, como imaginar que seu filho vá fazer as tarefas com prazer?

● CRIE REGRAS

- Seu filho precisa ter horários e tarefas a serem escolhidos um local de estudo e organize tudo para que se sinta confortável, mas longe da TV e do computador

● INVISTA TEMPO

- Você vive ocupado, mas a escola não dá conta, sozinha, de ensinar seu filho. Confira as tarefas e converse sobre como foi o dia dela na escola - o que aprendeu, se encontrou dificuldades

FIGURA 46 – Conteúdo do Jornal A Gazeta na apostila da Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Ao apresentar um modelo que não parte das necessidades e preferências destes jovens, e sim, daquilo que o enunciador apresenta como importante, não se estabelece com o leitor uma atitude de consciência crítica diante da leitura das mídias. Ignora-se que o saber é difuso e descentralizado e pode circular fora destes “lugares sagrados”.

Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional.

Diante do professor que sabe recitar muito bem sua lição, hoje, senta-se um alunado que, por osmose com o meio ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. Estes configuram os saberes-mosaico, como os chamou A. Moles, porque são feitos de pedaços, de fragmentos, o que não impede os jovens de ter, com frequência, um conhecimento mais atualizado em física ou geografia que seu próprio professor (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 126-127).

Martín-Barbero (2011) aponta que a escola mantém o modelo pedagógico do saber centralizado e hierarquizado. Em A Gazeta na Sala de Aula foi possível perceber que este modelo não é rompido pela própria empresa de comunicação, que em suas Atividades Pedagógicas propõe um fazer direcionado, que legitima os próprios meios de comunicação como fonte de pesquisa.

Desafie sua turma a procurar, nos diferentes veículos de comunicação da Rede Gazeta (jornal, rádio, TV e internet), notícias que tratem do assunto. Uma boa dica é a matéria “Aprenda a se planejar para evitar dívidas ao longo do ano”, exibida no dia 11/01/2011 no ESTV 1ª edição, da TV Gazeta. Outra boa dica é a matéria “23% dos brasileiros têm dívidas cinco vezes maiores que a renda” (p. 37 e 38), publicada no Gazeta Online (www.gazetaonline.com.br).

FIGURA 47– Recortes de atividades propostas na Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

Também foi observado durante o período de análise, que o Programa atribui ao professor o papel principal na sala de aula. É ele quem promove as discussões,

orienta as atividades, conduz a leitura e a interpretação dos textos, como mostram os exemplos a seguir:

Exemplo1:

Conduza a leitura e a interpretação da matéria “Lição de educação financeira: cartão até para a merenda” (p. 39 e 40), publicada na editoria Dia a dia do jornal A GAZETA de 06/02/2011.

Exemplo 2:

Aborde assuntos como abandono e maus-tratos, perguntando se acham que essas atitudes são comuns nas relações entre humanos e animais, e até entre os próprios humanos. Converse sobre o que devemos fazer diante de situações como essas, como entrar em contato com a Sociedade Protetora dos Animais (www.sopaes.org.br ou 27-9943 9941 e 27-98761569) e com a Polícia. Trabalhe a ideia de que jamais podemos assistir a situações de abandono e maus-tratos, nem mesmo ser vítimas desse tipo de atitude: precisamos denunciar.

Exemplo 3:

Estude com sua turma a vida e a obra de pessoas que se destacaram, de alguma maneira, pelo exemplo de boa convivência e de respeito aos outros. Proponha que os ensinamentos aprendidos com o estudo sejam aplicados no dia a dia da escola e da família, montando um cronograma de ações concretas a serem realizadas nesses ambientes.

FIGURA 12 – Recortes de atividades da apostila da Oficina A.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

Na edição do Informe do mês de maio de 2011, A Gazeta na Sala de Aula destina a capa para a construção da imagem do professor, ao questionar “Como você quer ser lembrado?”. A própria capa traz a resposta – Professora: paz, amor, valores, sonhos, vida e ética. E reforça esta construção a partir de um artigo assinado por um docente que relembra as propostas de Paulo Freire para a educação.



FIGURA 49 – Capa do Informe direcionada ao professor
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

Mas, a imagem do professor dialógico não está presente nas Oficinas Pedagógicas de A Gazeta na Sala de Aula. O Programajma conduz as atividades de forma analítica, seguindo muitas vezes uma metodologia repetitiva, de acordo com a classificação apresentada por Terrero (2011). Para o autor, são várias as metodologias utilizadas para obtenção de resultados na educação para os meios. Ele aponta três possibilidades de metodologias: repetitiva, radical e progressiva. Sendo que as três podem ser utilizadas pelos professores, inclusive com superposições.

Na metodologia repetitiva, o aluno repete o que é ensinado pelo professor e o enfoque é analítico, didático ou com excessiva informação, que pode levar o aluno a perder o interesse pela atividade proposta. Na metodologia radical, “[...] supõe que os estudantes são passivos e que, portanto, o professor deve torná-los ativos.[...] As habilidades receptivas ensinadas [...] são regras de quando ver, como ver e por quanto tempo”. Na progressiva, o processo é de “[...] preparação para o desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas e conativas de alguém [...] em benefício da sua comunidade” (TERRERO, 2011, p. 140).

A metodologia progressiva propõe um diálogo aberto a partir das mensagens recebidas pelos meios de comunicação. O professor programa as atividades junto com os alunos; ajuda a formular problemas; a sistematizar experiências e a proposta é estender os discursos midiáticos para aquilo que o jovem conhece e prefere, possibilitando a construção de novos textos.

Ensina a conhecer o processo e as técnicas complicadas usadas pelos meios, a ver como eles nos apresentam a realidade, mas uma realidade mediada pelos próprios meios. Assim se aprende a ser uma audiência inteligente, capaz de distinguir, de assimilar ou de rejeitar dita realidade mediada. Supõe que a audiência é independente e responsável e que pode estabelecer seus próprios objetivos educacionais (TERRERO, 2011, p. 140)

Em A Gazeta na Sala de Aula, não se percebe nas apostilas uma metodologia que incentive o professor a programar as atividades junto com os estudantes, de acordo com as necessidades apontadas por eles. Em alguns momentos, o Programa até nos leva a percebê-lo desta forma, porém, não é a partir do que propõe o aluno que a atividade ganha formatação; é a partir da condução que é dada pelo professor. Esse professor, por sua vez, tem como base um guia de “como fazer”, oferecido pelo Programa.

Das vinte atividades apresentadas ao longo do ano de 2011, em apenas uma foi sugerido um diálogo envolvendo os discursos das mídias e a reflexão dos jovens. Em “Ciranda do amor?”, o Programa incentiva o professor a questionar como a mídia mostra os casamentos e relacionamentos atuais, como na orientação: “Dirija algumas perguntas ao grupo, como por exemplo: Você acha que o casamento virou uma representação das relações que são mostradas na mídia ou que a mídia, mostra como estão os casamentos atuais?”. É possível constatar, nas demais etapas da atividade, que o objetivo de A Gazeta na Sala de Aula é de promover uma discussão sobre a banalização dos relacionamentos amorosos. O “enquadramento” de como o assunto será conduzido pelo professor é dado tanto no roteiro de atividades, quanto no material jornalístico, que é resultado de uma angulação, hierarquização, seleção e agendamento dos fatos.



Rua Chafic Murad, 902 - Monte Belo, Vitória, ES - CEP 29053-315 - Tel. (27) 3321-8456/ 3321-8472 - Fax (27) 3321-8730
E-mail: agazetanasaladeaula@redegazeta.com.br Hot site: www.gazetaonline.com.br/saladeaula Orkut: A Gazeta na Sala de Aula

Propostas de trabalho em grupo

1- Ciranda do amor?

- Converse com os participantes sobre como são os relacionamentos amorosos atualmente. Questione se são relações curtas ou duradouras e peça que comentem como eram antigamente.
- Leia a matéria “Casamento: taxa cresce 32%” divulgada no Gazeta Online em 10/10/09 (pág. 2). Comente os resultados da pesquisa que traz o número de casamentos que acontecem no nosso Estado.
- Promova um debate sobre a representação do matrimônio para nossa sociedade e sobre como as pessoas geralmente veem os demais estados civis (como o fato de ser solteiro(a) interfere na vida de homens e mulheres? Como são vistas as pessoas separadas?).
- Dirija algumas perguntas ao grupo, como por exemplo: Você acha que o casamento virou uma representação das relações que são mostradas na mídia ou que a mídia, mostra como estão os

casamentos atualmente? Até que ponto as pessoas seguem a tendência de querer levar um relacionamento como o de um personagem de novela/de filme?

- Apresente também a matéria “Fantasia de Shrek e Fiona em casamento faz diocese rever regras sobre traje” (pág. 3), publicada no portal Gazeta Online no dia 29/03/11. Comente sobre a reação que essa matéria pode causar nos leitores e questione se consideram que a cerimônia foi transformada em um espetáculo, perdendo o verdadeiro sentido da celebração.
- Apresente a matéria “Para 36% dos jovens, namorar dois ao mesmo tempo é normal” (pág. 4), publicada no jornal A GAZETA no dia 13/03/11. Converse sobre o que a geração entre 18 e 25 anos pensa a respeito dos relacionamentos e questione o fato de preferirem os rápidos e superficiais. Pergunte se há uma desvalorização do parceiro e que consequências isso pode trazer para essa juventude.
- Leia a matéria “Espãs virtuais, redes sociais deduram até namoros enrolados”, publicada no Portal Gazeta Online no dia 26/09/09 (pág. 5). Converse sobre como esse assunto, de saber da vida dos outros, é tratado em novelas, filmes e reality shows. Pergunte se acham que as pessoas hoje em dia sentem prazer ao terem suas vidas expostas na internet e por que.
- Observe a teia de relacionamentos do BBB 11, na matéria “Wesley, que amava Maria, que amava...” (pág. 6), publicada no jornal A GAZETA no dia

05/02/11. Comente sobre a configuração apresentada na teia e sobre o conteúdo da matéria.

- Questione a opinião dos telespectadores em relação ao comportamento dos participantes e à banalização das relações amorosas. Promova um bate-papo sobre o posicionamento (ou falta dele) da sociedade a respeito desse assunto, enfocando a boa audiência do programa. Pergunte para o grupo se as pessoas tendem a ter reações negativas quando são exibidas cenas de violência, uso de drogas e relações homossexuais nas novelas. Questione se esses assuntos são tratados da mesma forma (se aparecem com a mesma intensidade e frequência) e por que.
- Divida os participantes em grupos e apresente o poema “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade, escrito em 1930 (você pode acessar o vídeo do poema em <http://www.youtube.com/watch?v=2hG9PsqJGds>). Questione se o poema tem um final feliz e promova uma reescrita com base nos assuntos discutidos anteriormente.
- Promova a apresentação dos grupos, pedindo que

relatem como foi desenvolver a tarefa.

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava
Lili
que não amava ninguém.
João foi para o Estados Unidos, Teresa para o
convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto
Fernandes
que não tinha entrado na história.

Carlos Drummond de Andrade

Casamentos: taxa cresce 32%

Em dez anos, o número de casamentos aumentou 32,3% no Estado. Além de ter mais gente se casando, aqui também foi encontrada, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a maior taxa de nupcialidade legal, ou seja, o maior número de pessoas que decidem oficializar sua união.

Em 1998, essa taxa era de 8,3 pessoas em cada grupo de mil. Dez anos depois, o número aumentou, mas o Estado passou a ser o segundo na proporção de uniões oficiais, segundo o IBGE. Em 2008, mais de 22 mil casamentos aconteceram no Estado. Até o último mês de agosto, já eram mais de 13,2 mil uniões registradas.

Fonte: <http://gazetaonline.globo.com>

FIGURA 1350 – Atividade da apostila B
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula.

Percebe-se que A Gazeta na Sala de Aula traz a proposta de trabalhar nas escolas o material jornalístico a partir de uma leitura crítica, mas apresenta um modelo cíclico, porque todas as ações são realizadas a partir do conteúdo das mídias sem reflexão de qual realidade está ali construída. No entanto, um dos primeiros passos para a formação de um leitor crítico é permitir que ele questione as mensagens que recebe dos meios de comunicação, tendo consciência de sua própria cultura e de seus valores para que possa se posicionar diante do texto. É “estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”, segundo Paulo Freire (2005, p. 28). É ensinar e aprender com criticidade.

Martín-Barbero (2011) defende que uma formação cidadã depende que a educação integre a comunicação e a cultura, para que se possam compreender os novos modos de dizer, de narrar e as novas sensibilidades. Para isso, é necessário que os professores tenham formação adequada para trabalhar com a diversidade que chega à escola.

O problema básico da escola é abrir-se para novas linguagens, Mas abrir-se, como dizíamos, não de forma instrumentada, mecânica, modernizante, apenas como adorno. Em primeiro lugar, a ideia é abrir a agenda de temas que interessam à juventude (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 208).

Abrir essa agenda não de forma verticalizada, mas saber ler e interpretar o mundo construído pelas mídias e reconhecer a nossa cultura, estabelecendo um diálogo com os outros saberes. A Gazeta na Sala de Aula recorta as temáticas de interesse do jovem para organizar as apostilas das Oficinas Pedagógicas, mas entrega aos professores um mundo editado, assim como faz o jornal A Gazeta, ou qualquer outro veículo de comunicação, que leva esta edição do mundo, diariamente, aos seus leitores.

Para a construção de um leitor cidadão a partir do “uso” dos meios de comunicação, a escola precisa ressignificar as informações e trabalhar para a produção do conhecimento, dialogando com a cultura dos jovens. Este é o caminho que Citelli (2004; 2011), Baccega (2011), Terrero (2011) e Martín-Barbero (2011) apontam. Um caminho mapeado, anteriormente, por Paulo Freire, e que muitos professores

conseguem trilhar em A Gazeta na Sala de Aula, mesmo sem a clareza deste direcionamento nas apostilas ou nos encontros das Oficinas Pedagógicas. É a prática pedagógica que leva A Gazeta na Sala de Aula a desenvolver alguns projetos que podem ser considerados educacionais.

A atividade “Repensando a realidade do campo através das mídias”, desenvolvida por uma professora de Domingos Martins, município do interior do Espírito Santo, é um exemplo de prática que permite aos estudantes serem sujeitos sociais envolvidos. Os saberes que os meios de comunicação colocam em circulação são dialogados com outros saberes a partir da leitura de diferentes textos, e também com a comunidade.

Repensando a realidade do campo através das mídias

Objetivos:

- Valorizar a família, reconhecendo sua importância para a sociedade e para a formação do cidadão;
- Respeitar as diferenças;
- Compreender a realidade do campo através das mídias.

Desenvolvimento:

- Confecção do jornal “Boletim do Campo”, elaborado pelos alunos;
- Leitura e interpretação de textos de diferentes gêneros textuais;
- Estudo e registro da história da família;
- Análise de matérias do jornal A GAZETA, debate sobre o consumo do álcool na comunidade e suas consequências;



- Pesquisa na comunidade sobre o modo de vida das famílias;
- Análise e comparação dos dados;
- Reflexão sobre as práticas agrícolas in-

<p>dequadas realizadas pelos agricultores;</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Estudo da propriedade agrícola da família, observando: características e modificações da paisagem, o cuidado com as plantações, uso adequado de agrotóxicos e práticas agrícolas inadequadas; ■ Reescrita de reportagens sobre as relações familiares; ■ Socialização das receitas mais utilizadas em casa; ■ Desenho de mapas com a localização das casas dos alunos e o percurso enfrentado para chegar à escola; ■ Confeção de histórias em quadrinhos; ■ Reescrita da fábula “A assembleia dos ratos”; ■ Elaboração de uma reportagem coletiva sobre o ataque dos mosquitos na comu- 	<p>nidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Comparação entre a vida no campo e a vida na cidade em relação à violência, aos problemas sociais e políticos, e ao meio ambiente. <p>Comentário:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ “As pesquisas realizadas possibilitaram maior envolvimento entre a escola e a comunidade, bem como maior conhecimento e reflexão acerca da realidade em que a escola se insere, comparando-a com a sociedade em geral.” <p>Professora: Marilsa Besset</p> <p>Escola: EMPEF Fazenda Alberto Bringer</p> <p>Séries: 3º ano, 3ª e 4ª séries</p> <p>Município: Domingos Martins</p>
---	---

FIGURA 51 – Exemplo de prática docente.
Fonte: A Gazeta na Sala de Aula

O projeto vencedor do prêmio Mídia e Educação, já citado (ver p. 124), também leva o aluno a uma produção que valoriza os aspectos da cultura em que vive. São práticas que possibilitam o aluno a

[...] construir novos modos de atuação na mídia e no mundo. [...] que abra discussões sobre a dinâmica da sociedade, sua inserção na totalidade do mundo, conhecendo-o para modificá-lo – reformando-o e/ou revolucionando-o, numa nova linguagem audiovisual, num novo mundo. (BACCEGA, 2011, p. 41).

São práticas que podem ser consideradas educacionais, quando pensamos que elas constituem ecossistemas comunicativos, integrando as tecnologias da informação e da comunicação, experiências culturais e o espaço educacional como um importante lugar de aprendizagem. É buscar na inter-relação comunicação e educação a dimensão estratégica da cultura e espaços de descentralização de vozes, diálogo e interação.

Foi identificado que esse tipo de atividade, relacionando os meios de comunicação, a escola e a cultura, é mais frequente quando elaborada pelos professores do que quando se trata de proposta descrita nas apostilas das Oficinas Pedagógicas. Como

A Gazeta na Sala de Aula seleciona alguns exemplos de atividades e publica no boletim “Informe”, o fazer dos professores em relação à utilização das mídias é compartilhado. Em tópicos que remetem a um plano de aula: objetivos; desenvolvimento e comentários, além da identificação do professor, escola, série e município, o Informe divulga o planejamento de uma atividade e, ao trazer a informação da turma participante, ele enuncia para qual público o plano é direcionado. A partir do boletim informativo de A Gazeta na Sala de Aula, é possível socializar planos de atividades. Já nas Oficinas Pedagógicas, o professor é direcionado para o que deve fazer a partir de uma sequência de verbos na forma imperativa (promova, dirija, converse, leia, apresente, interprete, conduza, etc.).

Diálogo visual com Beatriz Milhazes

Objetivos:

- Relacionar elementos visuais das obras de Beatriz Milhazes com elementos decorativos da fachada do Museu de Arte do Espírito Santo (MAES).
- Conhecer Muqui e seu casario tombado, reconhecendo-o como patrimônio capixaba e de toda a humanidade.

Desenvolvimento:

- Leitura da reportagem “Cores do Brasil” (A GAZETA, 31/05/10), sobre a exposição de Beatriz Milhazes no MAES, com comentários sobre as obras citadas, abordando informações sobre a técnica utilizada e a artista.
- Visita das turmas à exposição “Beatriz Milhazes – gravuras”, com monitoria, para apreciação das obras. Identificação dos elementos visuais utilizados pela artista, relacionando-os com os elementos decorativos da fachada do museu.
- Comentários orais a partir dos textos escritos pelos alunos e de fotos feitas durante a visita.

- Apreciação de reproduções de obras expostas.
- Leitura de reportagem do Gazeta Online publicada em 06/11/09, sobre o tombamento do sítio histórico de Muqui pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC).
- Visita a Muqui, para apreciação/observação dos decorativos das fachadas do casario tombado.
- Produção de “projetos em desenhos”, relacionando elementos das obras de Beatriz Milhazes, com elementos decorativos das fachadas.
- Criação de decalques para aplicação na fachada da escola, na ocasião funcionando em espaço alternativo com parede de madeira.

Professora: Rosi Andrea Gonçalves

Escola: EMEF José Áureo Monjardim

Série: 7^a

Município: Vitória

FIGURA 52 – Exemplo de prática docente.
Fonte: INFORME, março/2011



Rua Chafic Murad, 902 - Monte Belo, Vitória, ES - CEP 29053-315 - Tel. (27) 3321-8456 - Fax (27) 3321-8730

E-mail: agazetanasaladeaula@redgazeta.com.br Hot site: www.gazetaonline.com.br/saladeaula Orkut: A Gazeta na Sala de Aula

Sugestões de atividades

1 – Laços eternos

- Apresente a matéria “Amizades verdadeiras fazem bem à saúde”, exibida no programa Gazeta Comunidade, da TV Gazeta, em 25/12/2010. Proponha uma discussão sobre o assunto abordado.
- Converse com seus alunos sobre as pessoas mais importantes na vida deles, descobrindo como é o relacionamento que mantêm e que tipo de vínculo (familiar, de amizade...) têm com elas. Leve-os a relembrar situações que foram marcantes, que viveram com essas pessoas. Estimule a criação de um livro de boas memórias, com textos dos alunos contando as situações vividas.
- Convide-os a compartilhar os textos que quiserem, trocando os livros para leitura individual na sala de aula. Respeite o fato de alguns não quererem que outros leiam o que escreveram, e trabalhe com eles separadamente caso queiram dividir suas memórias com você. Aproveite para conversar com a turma sobre a relação de confiança que se estabelece com os amigos, enfatizando a importância da reciprocidade (saber guardar segredos, apoiar o amigo quando ele mais precisa, etc).
- Apresente o trailer do filme “Sempre ao seu lado”, com Richard Gere (<http://www.youtube.com/watch?v=UFY8vW5IedY>) e pergunte se alguém já assistiu. Peça que a turma comente sobre o seu conteúdo, emitindo opiniões e dizendo se o que acontece no filme seria possível na vida real. Verifique a disponibilidade e promova a exibição de todo o filme, observando a adequação à faixa etária.
- Conduza a leitura e a interpretação da matéria “Essa cadelinha espera há 4 meses pelo dono que sumiu” (p.29 e 30), e da nota “Histórias que comovem” (p. 30), publicadas em A GAZETA nas editoriais Dia a dia (06/02/2011) e Opinião (08/02/2011).
- Promova uma conversa sobre os textos lidos, explorando a questão dos laços de amizade entre a cadela e seu dono serem tão fortes que ela não desiste de tentar encontrar o amigo. Questione que motivos podem ter feito o antigo dono dela se mudar e não levá-la com ele.
- Aborde assuntos como abandono e maus-tratos, perguntando se acham que essas atitudes são comuns nas relações entre humanos e animais, e até entre os próprios humanos. Converse sobre o que devemos fazer diante de

situações como essas, como entrar em contato com a Sociedade Protetora dos Animais (www.sopaes.org.br ou 27-9943 9941 e 27-98761569) e com a Polícia. Trabalhe a ideia de que jamais podemos assistir a situações de abandono e maus-tratos, nem mesmo ser vítimas desse tipo de atitude: precisamos denunciar.

- Apresente a matéria “Cadela que espera pelo dono precisa de ajuda para fazer cirurgia no coração”, exibida no ESTV 2ª edição de 08/02/2011. Leia com a turma a matéria “Cadela Mel precisa de ajuda para colocar marca-passo” (p. 31), publicada na editoria Dia a dia do jornal A GAZETA de 09/02/2011. Promova uma discussão sobre a mobilização em torno do drama da cadela, questionando se as pessoas costumam ser sensíveis também quando quem precisa de ajuda é outro ser humano. Para ajudar na reflexão podem ser pesquisadas, em jornais de diferentes datas, matérias sobre a situação da saúde pública e do sofrimento de pessoas que esperam anos por um transplante, por exemplo.
- Apresente o post do Eu Aqui, divulgado no Gazeta Online (www.gazetaonline.com.br) em 14/10/2010, denominado “A cadela Mel é um doce e está precisando de um novo lar. Quer adotá-la?” (p. 31). Converse sobre o resgate da cadela Mel e sobre a oportunidade que está tendo, de ser tratada dignamente por um dono de verdade. Compare a situação dela com a outra cadela que tem o mesmo nome (da matéria de A GAZETA), e que foi abandonada pelo dono.
- Estimule a produção de textos sobre o fato de o cão ser considerado o melhor amigo do homem, questionando se consideram essa afirmação uma verdade. Peça que escrevam se têm ou já tiveram animais de estimação, e como era a relação com eles.
- Promova o dia do animal de estimação na escola, proporcionando a oportunidade de estudar diferentes espécies e explorar a necessidade de tratar os bichos com carinho, cuidando deles. Aproveite para fazer uma seção de fotos e montar um álbum de recordação dos bichinhos com seus donos.

2 – Visual novo e solidariedade em alta

- Converse com seus alunos sobre a vaidade. Pergunte se eles se acham vaidosos, e o que costumam fazer para cuidarem de sua aparência. Peça que digam o que mais gostam neles mesmos, e se abririam mão de alguma

25

A forma como A Gazeta na Sala de Aula organiza as atividades nas apostilas, como se pode ver no exemplo anterior, é de uma comunicação normativa, favorecendo que a ação do professor se resuma à transmissão de informações, deixando pouco espaço para ideias e sentimentos, já que toda a ação docente é conduzida pelo Programa, que não cria, em sua organização discursiva, estratégias de diálogo com o professor. Encontra-se em todas as atividades o mesmo modelo de comunicação simplista e autoritária. O aprender criativo e curioso, que leva a uma aprendizagem a partir da inter-relação entre as várias vozes presentes em nosso cotidiano, é percebido no planejamento do professor, que tem visibilidade pelo Informe. No entanto, o boletim apesar de ser um produto de A Gazeta na Sala de Aula, não é uma etapa do Programa, mas faz parte dele.

Do mesmo jeito que a identidade do enunciador de A Gazeta na Sala de Aula é construída de forma confusa na capa das apostilas, quando o logo é aplicado em diferentes posições, esta identidade também fica fragilizada quando o programa assume perspectivas diferentes em seus discursos. Ele quer ser visto pela perspectiva da escola Humanista e Moderna, que incentiva a criatividade, coloca em debate temas sociais de interesse do jovem e que pauta as discussões sobre o respeito às diferenças, à solidariedade, à tolerância, e tantos outros voltados para a cultura da paz. Mas ainda não conseguiu romper totalmente com a metodologia da repetição e de um saber verticalizado. A indefinição quanto ao posicionamento pode conduzir à quebra de contrato com o seu público quando nos remetemos ao fazer educacional, e também pode não conseguir a adesão de novos leitores para o jornal A Gazeta. Ampliar o número de leitores é um dos objetivos dos programas Mídia e Educação vinculados à ANJ.

4.1 A CONSTRUÇÃO DO LEITOR

Umberto Eco (2005, p. 80), explica que a “intenção do texto é basicamente a de produzir um leitor-modelo capaz de fazer conjeturas sobre ele [...]”. Para Eco, o texto tende a produzir o seu próprio leitor-modelo e a “iniciativa do leitor-modelo consiste em imaginar um autor-modelo que não é empírico e que, no fim, coincide com a

intenção do texto” (Ibidem, p. 75). O ato de leitura - interação entre texto e leitor -, é uma transação que depende da competência do leitor e do “tipo de competência que um dado texto postula [...]” (Ibidem, p.80).

A competência do leitor a que se refere Eco diz respeito à competência da linguagem enquanto tesouro social.

Por tesouro social entendo não apenas uma determinada língua enquanto conjunto de regras gramaticais, mas também toda enciclopédia que as realizações daquela língua implementaram, ou seja, as convenções culturais que uma língua produziu e a própria história das interpretações anteriores de muitos textos, compreendendo o texto que o leitor está lendo. (ECO, 2005, p.80)

A atividade do leitor não permite qualquer leitura e é complexa, já que está ligada a um determinado momento histórico e a uma determinada cultura. Desta forma, a leitura é vista como mediação que vai das estruturas dos textos às estruturas da sociedade ou vice e versa (MARTÍN-BARBERO, 2007). O mundo do leitor é incorporado ao texto a partir do uso de alguns dispositivos de reconhecimento, sejam eles gráficos, sejam recursos estratégicos de leitura. São caminhos a serem seguidos, como ressalta Chartier.

[...] senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão; empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura. (1996, p.95-96)

Chartier (1996, p. 20), destaca ainda que as formas tipográficas de um texto, que são procedimentos de produção não pertencentes à escrita, mas à impressão, também sugerem leituras diferenciadas por parte dos seus leitores. Por isso, “o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo que esboça o seu leitor ideal”.

Os protocolos de leitura podem ser textuais ou tipográficos. Os primeiros são resultantes da escrita, desejados pelo autor e “[...] tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja

fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja” (CHARTIER, 1996, p. 96). Nos textos jornalísticos, a aproximação do leitor acontece pela instalação de pessoa, espaço e tempo na organização textual. Já os tipográficos são representações feitas pelos editores. Eles permitem ao leitor identificar as marcas de intenções editoriais. São dispositivos que produzem efeitos na recepção dos textos e que são usados pelo jornalismo desde os primórdios da imprensa. Eles, porém, passaram a ter destaque na mídia no século XX, especificamente, nos anos 1980. Época de inovações tecnológicas que influenciaram na forma de produzir conteúdo para os meios de comunicação e, também, de crise financeira para muitas empresas de comunicação. Crise provocada por vários fatores, dentre eles a dispersão do público para outros meios.

Quaisquer que sejam os dispositivos utilizados - protocolos de leitura -, a organização textual dos jornais funciona como um trilho de leitura com o intuito de convencer o leitor de que o texto ali colocado é a reprodução de um fato tal como ele aconteceu. É um jogo de manipulação, que, para Greimas e Courtés (1979, p. 269), é “uma ação do homem sobre outros homens”.

Para Fiorin, esse jogo de manipulação é formado pelo campo da manipulação consciente e o da determinação inconsciente.

[...] o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva com vistas a convencer seu interlocutor. O falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor (FIORIN, 1993, p. 18).

Esse jogo é semelhante ao usado pela mídia na seleção e organização das notícias, de forma a atender às necessidades e exigências dos seus leitores. Apesar das possibilidades de diferentes interpretações, as notícias são organizadas para convencer o leitor de que o que está sendo narrado é a reprodução de um fato tal como ele aconteceu. O propósito é a iconicidade e a verossimilitude. Portanto, podemos dizer que, a partir do texto, é estabelecido um contrato de verificação entre autor e leitor.

É importante ressaltar que, apesar da ação/intenção do autor em direcionar a leitura que será feita pelo leitor, no jornalismo, esse direcionamento só acontece a partir da

colocação do leitor no texto jornalístico. Ele precisa estar inscrito no texto. E, para isso, é necessário construir a identificação deste leitor, ou da comunidade de leitores, com um determinado veículo de comunicação de massa. Como salienta Eco (2005, p.81), é uma “complexa estratégia de interação [...]”. Interação estabelecida não apenas em uma edição, mas na sequência dos dias, e não apenas pelo que o autor diz, mas pelo modo de dizer. É um corpo que representa uma totalidade de marcas formadas pela recorrência de certos procedimentos, que constrói o estilo de cada jornal.

Essa totalidade é determinada pelas relações de semelhanças e diferenças, sendo que as primeiras são necessárias para que as segundas se realizem. Como diz Greimas:

A diferença [...] só pode ser reconhecida sobre um fundo de semelhança que lhe serve de suporte. Assim, é postulando que diferença e semelhança são relações (apreendidas e/ou produzidas pelo sujeito) suscetíveis de serem reunidas e formuladas numa categoria própria, a da alteridade/identidade, que se pode construir, como um modelo lógico, a estrutura elementar da significação (GREIMAS, 1981, p. 122).

Como o corpo de cada jornal é construído a partir da recorrência de certos procedimentos e mecanismos de organização textual, pode-se dizer que cada uma dessas recorrências é que organiza o efeito de individualização. É a partir desse efeito de individualização que um jornal se diferencia do outro e constrói a sua linha editorial. Todos, porém, têm o propósito de organizar discursivamente os eventos sociais no interior do discurso, a partir de uma determinada ordem e objetivos. E, principalmente, o de ser testemunha dos acontecimentos sociais, políticos, econômicos etc.

Em um cenário de homogeneização dos conteúdos midiáticos, o que diferencia um veículo do outro são as formas de dizer. São estas formas de dizer que implicam a construção do leitor de cada veículo e a eficácia comunicativa. Como afirma Eco (2005), os textos não são escritos apenas para a interpretação de especialistas, eles são dirigidos a um leitor, que já é previsto no próprio texto. É um leitor que espera encontrar no texto um “dizer verdadeiro”, apenas pela autoridade de fala depositada no jornalismo que constrói discursos em que o autor exerce um fazer veridictório, na maioria das vezes, ao construir textos com marcas cujos efeitos de sentido possam

ser interpretados como verdadeiros pela recepção. E esta, por sua vez, exerce um fazer epistêmico ao decidir sobre “a verdade” destes textos. É uma adesão que acontece a partir de uma relação de credibilidade.

Na leitura dos jornais, pode-se dizer que acontece o encontro de um indivíduo socialmente construído com um texto materialmente escrito. Estudar a recepção midiática é lembrar que se está trabalhando com sujeitos históricos inseridos em um mundo repleto de significados. Por mais que exista um padrão de leitura preferencial, determinado por uma dada cultura e um momento histórico, “[...] cada leitor [...] dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 1996, p.20). Apesar dessa apropriação diferenciada, um tipo de leitura tende a predominar, já que a vida social é organizada de maneira hierárquica. É essa aposta que fazem os veículos de comunicação, quando organizam os seus textos e constroem os seus leitores a partir dos textos.

5. CONSIDERAÇÕES

Para analisar o programa A Gazeta na Sala de Aula, foram seguidos os caminhos teóricos da Educomunicação. A escolha não foi aleatória. Como o Programa tem como proposta formar um leitor crítico, buscou-se relacionar a formação deste leitor com os estudos realizados nos campos da educação e da comunicação. Esta relação, ou melhor, a inter-relação entre estes campos, é estudada por um novo campo, o da Educomunicação, que é baseado em uma educação problematizadora.

A educação problematizadora busca a formação de um leitor crítico, ou seja, um leitor cidadão. Suspeitávamos ser um grande desafio para a Rede Gazeta ou para qualquer empresa de comunicação desenvolver um programa direcionado à educação com a intenção de formar este leitor crítico, pelo fato de ser uma empresa constituída por meios de comunicação, que, por sua vez, tem o seu lugar de fala; as suas intencionalidades ao organizar os seus discursos.

Durante a pesquisa, buscou-se compreender qual é a concepção de educação de um programa vinculado a uma empresa de comunicação, assim como identificar quais são os saberes, fazeres e poderes presentes em A Gazeta na Sala de Aula. Quais valores sociais estão presentes? Como a Rede Gazeta se apresenta como sujeito competente para a formação de professor apesar de ser um projeto de uma empresa de comunicação? Partimos da hipótese de que A Gazeta na Sala de Aula conduz o olhar do leitor para o olhar da Rede Gazeta, especialmente, para o jornal A Gazeta.

Foi constatado que é estreita a relação de A Gazeta na Sala de Aula com as mudanças gráficas e editoriais do jornal A Gazeta em busca de reposicionamento de mercado e de novos leitores. Como referencial teórico e metodológico, foram utilizados os fundamentos da Semiótica Discursiva e da Sociosemiótica para analisar o Programa, que tem a adesão das secretarias de Educação de 31 municípios do Espírito Santo. Foram analisadas as Oficinas Pedagógicas e as suas apostilas na tentativa de descobrir os valores colocados em circulação.

Pode-se dizer que, no material observado, encontraram-se marcas nos seus textos que foram percebidas por meio da análise do percurso gerativo de sentido, que permitiram dizer que A Gazeta na Sala de Aula é uma prática significativa. Para Landowski (1992), este tipo de prática abrange a diversidade de sistemas de linguagens (verbal escrito, verbal oral, gestual, plástico). Em A Gazeta na Sala de Aula, predomina o sistema verbal – escrito e falado –, por meio das oficinas e das apostilas, que propõem uma construção enunciativa autorreferencial que privilegia o conteúdo do jornal A Gazeta, sem questioná-lo. É um enunciador que utiliza diversos atores para construir a competência comunicativa de A Gazeta na Sala de Aula, enquanto programa de Mídia e Educação. A partir da organização discursiva, também constatou-se que ele é um programa do jornal A Gazeta, com objetivos jornalísticos e mercadológicos. É o jornal que detém o saber, mostrando-se competente para informar e formar cidadãos. Para isso, o programa se apropria do saber de especialistas para organizar e legitimar o seu discurso.

Quando se observa A Gazeta na Sala de Aula e a sua relação com o jornal A Gazeta, pode-se ainda dizer que ele busca ampliar o número de leitores desta mídia impressa. Até porque está claro, nas diretrizes da Associação Nacional dos Jornais, que um dos objetivos é formar novos leitores para os jornais. A Gazeta na Sala de Aula tenta construir com o seu público uma relação de reciprocidade com o jornal A Gazeta. O Programa mostra ao professor quais são os caminhos para ler e levar para a sala de aula os jornais A Gazeta que são entregues nas escolas. É uma relação que envolve dois sujeitos da enunciação: enunciador e enunciatário.

Para que o sujeito manipulado seja um sujeito realizado, é preciso que ele saia da condição do não saber para a aquisição do saber. A Gazeta na Sala de Aula é o sujeito competente, portanto doador de saber; é quem ensina o professor a utilizar as mídias na sala de aula como fonte de informação e pesquisa, assim como os livros didáticos. Encontramos, porém, fragilidades na construção desse enunciador, que não assume uma concepção clara de educação. Busca ser visto como um programa que tem as suas diretrizes na educação humanista libertadora, mas é estruturado pelo viés das pedagogias produtivistas ou neoprodutivistas. Na maioria das vezes, orienta o professor para o uso das mídias e não para uma reflexão

acerca das mensagens que os meios de comunicação colocam em circulação. Faz premiações para quem consegue romper com a visão tecnicista e instrumentalista de inserção das mídias na escola. Também recebe prêmios quando o professor apresenta propostas que integram comunicação, educação e cultura. Uma de suas principais ações, que são as Oficinas Pedagógicas, configuram-se em um guia que ensina o professor a usar as mensagens dos meios de comunicação no espaço escolar. As práticas significantes de A Gazeta na Sala de Aula, porém, colocam outras práticas em circulação. O fazer de professores e alunos é o que leva o Programa a desenvolver ações educacionais, quando eles rompem com o modelo utilitário dos meios de comunicação.

Observou-se, durante a pesquisa, que as temáticas apresentadas no enunciado A Gazeta na Sala de Aula dizem respeito ao universo do jovem: casamento, namoro, sexo, adolescência, anorexia, entre outros. No entanto, o maior número de professores participantes do Programa atua na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Solidariedade, direito coletivo, educação (escolar, financeira e trânsito) também são temas presentes numa perspectiva de igualdade e diversidade, para a formação de uma cultura da paz. São os Temas Transversais apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais que A Gazeta na Sala de Aula propõe em suas Oficinas Pedagógicas, apesar de não citar os PCNs.

No encaminhamento de como essas temáticas podem ser trabalhadas na sala de aula, constatou-se a predominância dos verbos no modo imperativo, direcionando o fazer do professor. Poucas vezes, buscou-se estabelecer uma aproximação direta com este docente. Essa ausência foi percebida desde o modelo de organização das oficinas. A Gazeta na Sala de Aula se relaciona com o professor através de um intermediário, o monitor, que é a representação do poder público (secretarias municipais de Educação). Ao professor cabe ensinar, orientar, indicar, mediar e tantos outros fazeres. Um modelo que precisa ser revisto para ser dialógico e atuar de forma significativa na formação de leitores críticos, que não são necessariamente críticos dos meios de comunicação. São sujeitos que olham a sociedade e os discursos que circulam de forma crítica, portanto, cidadã. Por enquanto, A Gazeta na Sala de Aula segue o seu caminho numa tentativa de incentivar o hábito de leitura,

principalmente do jornal A Gazeta, que tenta se reposicionar no mercado para obter a adesão de novos leitores.

6 REFERÊNCIAS

A GAZETA NA SALA DE AULA. Disponível

em:<<http://www.agazetanasaladeaula.com.br>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

ADRIÃO, Thereza ET al. Uma modalidade peculiar de privatização da educação pública: a aquisição de “sistemas de ensino” por municípios paulistas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 108, p. 799-818, out. 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 17 ago. 2012.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adílson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação**: Construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1980.

BOURGUIGNON, Juliana; REZENDE, Letícia; ARRUDA, Patrícia. A Gazeta: uma longa história de tradição e transformações. In: MARTINUZZO, José Antonio (Org.). **Impressões capixabas**: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo. Vitória: Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.

CHARTIER, R.. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, R.. **A ordem dos livros**. 2.ed. Brasília: UNB, 1999.

CHIAPPINI, Ligia (coord.). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002. V.3.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. São Paulo: Senac, 2000.

CITELLI, Adilson. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In: BACCEGA, M. A. (Org.) **Comunicação & educação**. São Paulo: ECA/USP/ Salesiana, n.23, jan./abril, 2002.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2004.

CITELLI, Adílson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson (org.). **Educomunicação: Imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012.

CORDEIRO, Verbana Maria rocha. **Intinerários de leitura no espaço escolar. Educação & contemporaneidade**. Faeeba: Salvador, v. 13, n. 21, jan./jun. 2004.

ECO, Umberto (org.) **Interpretação e superinterpretação**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARAH, Marta Ferreira Santos. **Novos Arranjos Institucionais e Políticas Locais**. In : **O município no século XXI: cenários e perspectivas**. Disponível em: <<http://cappf.org.br>>. Acesso em: 17 ago. 2012.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1993.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e educação: uma agenda para debate**. **Jornal NH**, set. 1998. Suplemento NH na Escola.

FONSECA, Cláudia Chaves. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, Cláudia Chaves. **Os meios de comunicação vão à escola?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FONSECA, Cláudia Chaves. **Elementos de análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução: Auceu Dias Lima, et all. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J.. **Maupassant a semiótica do texto**: exercícios práticos. Trad. T. Michels e C. L. C. I. Geriach. Florianópolis: UFSC, 1995.

GREIMAS, Algirdas Julien. **La enunciación**: uma postura epistemológica. universidad autónoma de puebla: Instituto de Ciências Sociales y Humanidades. Puebla, México, 1996.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. Tradução: Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacher Editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica e Ciências Sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.

GUIA DO LEITOR. In: Jornal A Gazeta, edição de 17 de julho de 2011.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 ago. 2012.

INFORME. **A Gazeta na sala de aula**, Vitória, ano 14, n. 124, ago. 2008.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & educação**, São Paulo, n. 14, jan./abr. 1999. p. 68.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, Eric. Viagem às nascentes do sentido. In SILVA, Ignácio Assis (Org.). **Corpo e sentido**: a escuta do sensível. São Paulo: Unesp, 1996.

LANDOWSKI, Eric. **O olhar comprometido**. Fórum Semiótica da Comunicação Política. Galáxia, n. 2, 2001.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LANDOWSKI, Eric. Aquém e além das estratégias, a presença contagiosa. Tradução: Dilson Ferreira Cruz Júnior. In: **Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas** – 3. São Paulo: CPS, 2005.

MAGRO, Adriana R. **A significação do espaço escolar**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução: Ronald Polito; Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

MARTIN-BARBERO, Jesús; MUÑOZ, Sonia (Orgs.). **Televisión y Melodrama**. Bogotá: Tecer Mundo Editores, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios culturais da comunicação à educação**. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Tradução: Fidelina González. São Paulo, Loyola, 2004

MARTIN-BARBERO, Jesús; REY, German. **Os exercícios de ver**. 2 ed. São Paulo: Senac, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adílson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

MELO, José Marque de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & educação**. Belo Horizonte: autêntica, 2008.

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MORENO, Ciriaco Izquierdo. **Educar em Valores**. Tradução: Maria Luisa Garcia Prada. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. As semioses pictóricas. In: **Face**: Revista Semestral de Semiótica e Comunicação, São Paulo, v. 4, n. 2. p. 104-145, jul./dez. 1995.

REBOUÇAS, Moema Martins. Contratos na pintura: o caso de Volpi. **Galáxia**: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura. Programa Pós-graduado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Nº 2. São Paulo: EDUC, 2001.

REDE GAZETA. Disponível em: <<http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/redegazeta>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

RELATÓRIO DA PESQUISA QUALITATIVA SOBRE OS PROGRAMAS JORNAL E EDUCAÇÃO. **Programa Jornal e Educação**, jan. 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (orgs). **História, educação e transformação**: tendências e perspectivas para a educação pública no Brasil. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

SOARES, Ismar. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12 -24, set./dez. 2000.

TEIXEIRA, Lúcia. **As cores do discurso**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1996.

TERRERO, José Martinez. Avaliação de metodologia na educação para os meios. In: CITELLI, Adílson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

THOMPSON. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1994.